CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

ANDERSON RIBEIRO DE OLIVEIRA SANTOS SILVA

# MEMÓRIAS DA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS-MG (1940–1970)

Divinópolis - MG

Setembro de 2023

**ANDERSON RIBEIRO DE OLIVEIRA SANTOS SILVA**

# MEMÓRIAS DA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS-MG (1940–1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Raimundo Giarola
Coorientador: Prof. Dr. Raphael Freitas Santos

Divinópolis - MG
Setembro de 2023

(Catalogação - Biblioteca Universitária – Campus Divinópolis – CEFET-MG)

Silva, Anderson Ribeiro de Oliveira Santos
S586m Memórias da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis (1940-1970). / Anderson Ribeiro de Oliveira Santos Silva – Divinópolis, 2023.
152f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Raimundo Giarola.
Coorientador: Prof. Dr. Raphael Freitas Santos.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Campus Divinópolis, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), 2023.

1. Memória. 2. Educação Profissional. 3. Educação Profissional Ferroviária. 4. Podcast - Produto Educacional. I. Giarola, Flávio Raimundo. II. Santos, Raphael Freitas. III. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. IV. Título.

CDU: 377.36

Bibliotecária Responsável Maria Inês Passos Pereira Bueno CRB-6:2805

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

---

**ANDERSON RIBEIRO DE OLIVEIRA SANTOS SILVA**

# MEMÓRIAS DA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS-MG (1940–1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 26 de setembro de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

_____

Prof. Dr. Flávio Raimundo Giarola

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Orientador

_____

Prof. Dr. Raphael Freitas Santos

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Coorientador

_____

Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

_____

Prof. Dr. José Heleno Ferreira

Rede Municipal de Educação de Divinópolis

Dedico às pessoas que, algum dia, desejaram estudar ou continuar seus estudos em uma instituição de ensino e por algum motivo não conseguiram, pessoas como minha avó, Dona Nevita. Dedico a Senhorinha, Iago e Theo, família.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus. Ao CEFET-MG aqui representado pela colega Inês Passos. Agradeço também à minha Sogra Conceição Ribeiro e Sogro Francisco José da Silva, aos meus pais, Fátima e Cirineu. Ao tio José Maria e tia Fátima Vale pela referência na educação. A todos os amigos que incentivaram essa trajetória, inclusive ao Fáber e seu acervo público. Agradeço aos ferroviários e não ferroviários que participaram deste trabalho, à VLi na pessoa do Rondinelli. Agradeço ao povo da Banca, Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa e Prof. Dr. José Heleno, pessoas que freudianamente atravessaram meu caminhar na Educação. Agradeço à Profª. Batistina Corgozinho (em memória). Ao coorientador Prof. Dr. Raphael Freitas Santos. Agradeço também ao Orientador Prof. Dr. Flávio Giarola, sempre parceiro, se mostrando um educador seguro e de vanguarda, suas intervenções proporcionaram um trabalho construído na primeira pessoa do plural, me senti reconhecido e respeitado sob sua orientação. Obrigado!

## RESUMO

O trabalho apresenta uma pesquisa histórica desenvolvida para o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica — PROFEPT, na linha de pesquisa 2, Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica. O estudo trata sobre a educação profissional no município de Divinópolis-MG (centro-oeste de Minas Gerais). O período da investigação compreende as décadas de 1940 a 1970, e teve como foco a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis (EPFD), fundada pela Rede Mineira de Viação (RMV) em 12 de março de 1941, encerrou suas atividades no final de 1972. Como a estrada de ferro ensinava os ferroviários a desempenharem suas funções? Quais procedimentos, métodos e técnicas eram utilizados? Esta pesquisa discute como era o sistema de formação do ferroviário antes e depois da implantação da EPFD. Também registra o cotidiano escolar, formas de avaliar e de controle social dos estudantes. Foi possível perceber também que a partir da implantação da EPFD, a cidade passou a oferecer oportunidades de formação alinhadas com princípios da racionalização do trabalho e da lógica industrialista. Quase quinhentos ferroviários formaram nesta escola, com atuação dentro e fora da ferrovia. As entrevistas com egressos evidenciaram o cotidiano escolar, os desafios para a formação e fragmentos das metodologias da época. Os materiais de acervo encontrados revelaram o vínculo deste educandário com as metodologias difundidas pelo Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP) e o Instituto de Organização e Racionalização do Trabalho (IDORT). Este estudo gerou o produto educacional denominado PROFEPTCAST, que se constitui em uma sequência de episódios de podcast sobre a temática estudada. Este produto educacional está disponibilizado online com acesso gratuito.



**Palavras-Chave**: Memória, Educação Profissional, Escola Profissional Ferroviária, Podcast, Produto Educacional

## ABSTRACT

The work presents historical research developed for the Postgraduate Program in Professional and Technological Education — PROFEPT, in research line 2, Organizations and Memories of Pedagogical Spaces in Professional and Technological Education. The study deals with professional education in the municipality of Divinopolis-MG (center-west of Minas Gerais). The investigation period covers the decades from 1940 to 1970, and focused on the Escola Profissional Ferroviaria de Divinopolis (EPFD), founded by Rede Mineira de Viação (RMV) on March 12, 1941, which ended its activities at the end of 1972. How did the railroad teach railroad workers to perform their duties? What procedures, methods and techniques were used? This research discusses what the railway training system was like before and after the implementation of the EPFD. It also records the daily school life, ways of evaluating and social control of students. It was also possible to notice that after the implementation of the EPFD, the city began to offer training opportunities aligned with the principles of work rationalization and industrialist logic. Almost five hundred railway workers graduated from this school, working on and off the railway. The interviews with graduates highlighted the daily school life, the challenges for training and fragments of the methodologies of the time. The collection materials found revealed the link between this education and the methodologies disseminated by the Railway Center for Professional Education and Selection (CFESP) and the Institute for Organization and Rationalization of Work (IDORT). This study generated the educational product called PROFEPTCAST, which consists of a sequence of podcast episodes on the topic studied. This educational product is available online with free access.



**Keywords:** Memory, Vocational Education, Railway Vocational School, Podcast, Educational Product

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto aérea das Oficinas da RMV na década de 1940.....133
Figura 2 - Mapa de localização das Escolas Ferroviárias no Brasil .....400
Figura 3 - Visão via software Google Earth apontando o prédio da EPFD.....577
Figura 4 - Galpão onde foi a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis em 2023 (vista da rua) .....588
Figura 5 - Foto do Espaço interno da Sala de Aula da EPFD em 1943 .....59
Figura 6 - Lateral do galpão da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis em 2023 .....600
Figura 7 - Portões de entrada Campo de Futebol da Escola Profissional na Rua 21 de Abril .....600
Figura 8 - Imagem do Campo de Futebol da Escola Profissional, R. 21 de Abril....611
Figura 9 - Verso do Boletim de 1º ano da EPFD de 1967 .....655
Figura 10 - Certidão de tempo de serviço de aluno aprendiz.....666
Figura 11 - Recorte de imagem com alunos da EPFD em 1966 .....700
Figura 12 - Listagem com nomes dos formandos da EPFD entre 1943-1971.....711
Figura 13 - Alunos das Escolas de Divinópolis no 36º aniversário da Cidade.....755
Figura 14 - Registro da homenagem aos antigos professores da EPFD em 1987....78
Figura 15 - Cartão de homenagem aos antigos professores da EPFD em 1987 .....79
Figura 16 - Dona Zulmira lecionando Português - data e local ignorados. .....80
Figura 17 - Boletins com notas e médias anuais dos anos de 1968 à 1970 .....87
Figura 18 - Alunos da EPFD ao lado do diretor em desfile cívico-década 1960.....93
Figura 19 - Alunos da EPFD durante formatura na década de 1960.....95
Figura 20 - Entrega de diplomas aos alunos da EPFD na década de 1960.....96
Figura 21 - Diploma de Conclusão de Curso da EPFD em 1971 .....98
Figura 22 - Discussão do Centro de Formação Ferroviário em Divinópolis .....100
Figura 23 - Construção do SENAI Divinópolis na década de 1980 .....102
Figura 24 - Galpão onde funcionava a EPFD.....103
Figura 25 - Entrada da Universidade VLi em 2023.....104
Figura 26 - Salas de aula da Universidade VLi em 2023 .....105
Figura 27-Tela inicial do Produto Educacional na plataforma de visualização.....111
Figura 28 - Alunos da EPFD com prédio do Almoxarifado ao fundo .....1200

Quadro 1 - O que estudar em uma instituição escolar segundo Noselha e Buffa .....24
Quadro 2 - Índice cronológico da criação das Escolas Ferroviárias no Brasil.....40
Quadro 3 - Tabela Baseada em Paollo Noselha e Ester Buffa (2013) Preenchida ...47
Quadro 4 - Estrutura de Formação Imaginada a partir das descrições de pesquisa .....844

Gráfico 1 - Comparativo hipotético sobre matrículas, concluintes e evasão na EPFD 1941-1972 .....722
Gráfico 2 - Hipotética de Alunos Formados/Evadidos da EPFD entre 1941-1972 ..733
Gráfico 3 - Percentual Estimado de Evasão na EPFD entre 1941 - 1972 .....733
Gráfico 4 - O Produto Educacional ProfEPT-Cast atende aos requisitos de comunicação .....1144
Gráfico 5 - Você utilizaria o ProfEPT-Cast como um produto educacional em suas aulas?.....1155

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABPOD — Associação Brasileira de Podcast

CB — Central do Brasil

CFESP — Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional

CEFET-MG — Centro Federal de Educação Tecnológica — Minas Gerais

DES — Divisão de Ensino e Seleção

EFOM — Estrada de Ferro Oeste de Minas

EPFD — Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis

EPT — Educação Profissional e Tecnológica

EPTNM — Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio

EUA — Estados Unidos da América

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDORT — Instituto de Organização Racional do Trabalho

LDB — Leis de Diretrizes e Bases

LDBEN — Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ProfEPT — Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

PROTEC — Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico

RMV — Rede Mineira de Viação

SENAI — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

USP — Universidade de São Paulo

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 Objetivo Geral 17
1.2 Objetivos Específicos 17
2 REFERENCIAL TEÓRICO 18
2.1 Memória 18
2.2 Instituições Escolares 21
2.3 A História de Divinópolis – Historiografia 25
2.4 A Educação Profissional no Brasil 27
2.5 Racionalização do Trabalho, o Ensino Ferroviário no Brasil e em Divinópolis 35
3 METODOLOGIA 41
4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES) 45
4.1 A Criação, Instalação da Escola, o Vínculo com CFESP e o Espaço Físico 50
4.2 Estudantes, o Ingresso e a Evasão na EPFD 62
4.3 Os Professores e a Direção da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis 75
4.4 A Rotina Escolar 82
4.5 Desfiles, Formatura e o Reconhecimento Público da EPFD 91
4.6 Desativação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, Início do Senai e do Centro de Treinamento Profissional 99
5 PRODUTO EDUCACIONAL 106
5.1 O Produto 111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 117
7 REFERÊNCIAS 121
8 APÊNDICE A - PRODUTO EDUCACIONAL 131
9 APÊNDICE B - RELAÇÃO DE ALUNOS FORMANDOS NA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS – MG (1941-1972) 147

# 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica — PROFEPT, na linha de pesquisa 2, Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica — EPT, Macroprojeto 1 – História e Memórias no Contexto da Educação Profissional e Tecnológica. É importante frisar que foi uma proposta realizada no contexto da pandemia da COVID-19, com todas as restrições e adaptações necessárias para o cumprimento dos protocolos sanitários vigentes.

Foi feito um estudo histórico sobre o Ensino Ferroviário em uma cidade do interior de Minas Gerais situada na região centro-oeste do estado. O período da investigação compreendeu as décadas de 1940 a 1970, e teve como foco a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis — EPFD, fundada pela Rede Mineira de Viação — RMV em 1941, conforme afirma Celso Suckow da Fonseca:

> Ainda em 1941 a Rede Mineira de Viação iniciava o ensino de seu pessoal de oficina, inaugurando em Divinópolis, a 12 de março daquele ano de 1941, a sua primeira escola profissional, levando, entretanto, dez anos para fazer funcionar a sua segunda unidade, instalada em Lavras, a 19 de março de 1951. (Fonseca, 1986, p. 462)[1]

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, a população atual da cidade de Divinópolis-MG é de 231.091[2] (duzentos e trinta e um mil e noventa e um) habitantes. De acordo com Corgozinho (2003, p.61), a Estrada de Ferro Oeste de Minas — EFOM chegou ao município em 1889 e inaugurou, em 30 de abril de 1890, a estação ferroviária Henrique Galvão e uma pequena oficina de manutenção perto desta estação. Com a ferrovia vieram ferroviários, engenheiros, imigrantes de outros países e migrantes nativos da “roça do sertão”. Vieram de muitos lugares e se fizeram presentes na cidade estigmatizada como “cidade de forasteiros”.

> Esse enraizamento de pessoas de outros lugares em Divinópolis e os resultados produtivos do trabalho realizado faz com que os imaginários pejorativos de ser uma cidade com uma população em grande parte constituída de “forasteiros” fique esvaziado devido a permanência dessa fixação e não sua transitoriedade. (Catão *et. al*, 2015, p. 106)

Com carência de mão de obra especializada, mais tarde, em 1915/1916 foram

---

[1] Todas as transcrições de jornais, revistas, folhetos e demais fontes foram fieis à escrita da época.

[2] https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal

instaladas as grandes oficinas e o complexo da vila operária. Essa realidade, juntamente com a oferta de muitas vagas de trabalho demandadas pela ferrovia, exigiu uma construção desproporcional para a época e, também, a necessidade de ensino de saberes considerados inovadores.

Figura 1 - Foto aérea das Oficinas da RMV na década de 1940

Fonte - Acervo do Arquivo Público Municipal de Divinópolis-MG

A figura acima mostra uma foto aérea enfocando o complexo ferroviário já na década de 1940. Na imagem foi adicionada uma linha na cor preta com intuito de separar a parte que registra um fragmento da cidade de Divinópolis-MG (parte de cima) e a outra parte que mostra o complexo ferroviário com as oficinas e a vila operária (parte de baixo). O tamanho do espaço ocupado pela ferrovia chama a atenção. Na parte de baixo, ficam evidentes os galpões das oficinas, as casas da Vila Operária distribuídas nas ruas R, rua M e rua V, o campo de futebol do ferroviário (um dos campos de futebol do complexo), a igreja da Vila Operária, a casa do Engenheiro Chefe que ficava isolada atrás do gol da esquerda do campo de futebol, a seta acrescentada na foto aponta a região dentro do complexo onde estava o galpão utilizado pela Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis.

Essa transformação nas vidas das pessoas está intrinsecamente conectada

com a lógica do desenvolvimento, perpassando o caminho do trabalho e do aprendizado. Este, em certo momento, passou a ser institucionalizado, racionalizado e desenvolvido por instituições de maneira racional.

Como a ferrovia ensinava os ferroviários a desempenharem suas funções? Quais procedimentos, métodos e técnicas eram utilizados? Esta pesquisa trabalhou com a hipótese de que a partir da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis (EPFD) a cidade passou a oferecer oportunidades de formação alinhadas com princípios do ensino profissional que estavam se consolidando no Brasil.

Os resultados dessa pesquisa, além de propor a elaboração de um recorte da história do município, o que, de certa maneira coloca este trabalho também como um acervo, teve o propósito de ser uma ferramenta didática, servindo como material sobre a história local, tanto para professores quanto para alunos da EPT e demais modalidades de ensino. Estudar esse recorte histórico possibilitou compreender melhor a evolução da educação profissional no município, servindo como fonte para novas pesquisas e formação dos profissionais atuantes na área.

Conhecer a Escola Profissional da Rede possibilitou (re)significar o lugar da EPT na atualidade local, uma vez que as mais conhecidas iniciativas de educação profissional no município, na contemporaneidade, são a atuação do Sistema S[3] e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais — CEFET-MG. Segundo relato de José Elísio Batista (registrado no Catálogo Eletrônico — Exposição de 20 anos do CEFET-MG em Divinópolis), o CEFET-MG e a EPFD têm uma ligação, pois, "[…] a primeira tentativa (da vinda do CEFET) foi quando a Rede Ferroviária Federal fechou a Escola Ferroviária, […] não deu certo porque o CEFET nem imaginava, em 1974, ter qualquer coisa fora de Belo Horizonte." (Martins e Resende, 2018, p.33).

Entender como se efetivou a presença ou a importância da Escola Profissional da Rede foi muito além de conhecer a história de pessoas que passaram por lá ou da empresa que criou esses espaços de construção de conhecimento. Essa

---

[3] Termo que define o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte(Sest).
Fonte: https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/sistema-s#:~:text=Termo%20que%20define%20o%20conjunto,comuns%20e%20caracter%C3%ADsticas%20organizacionais%20similares. Acesso em 03 Abril de 2022.

rememoração possibilitou pensar uma faceta importante da história do município e, ao mesmo tempo, entender as raízes do Ensino Ferroviário em Divinópolis, podendo confirmar a importância dessa modalidade de educação e da Escola Ferroviária de Divinópolis para o desenvolvimento local.

O marco inicial do estudo compreende a década de 1940, início das atividades da EPFD, conforme documentação encontrada nas investigações prévias, e o marco final, a década de 1970, data de finalização das atividades da escola. A pergunta que norteou a trajetória do trabalho: é como era organizada a Escola Ferroviária de Divinópolis?

A pesquisa bibliográfica foi feita com autores locais que registraram a constituição e evolução da cidade e outros que discutem a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, além de historiadores que trabalham conceitos importantes, tais como memória, história da Educação Profissional e Tecnológica, história de Divinópolis, dentre outros. A consulta aos materiais impressos e audiovisuais do Arquivo Público do Município também compôs importante ação de pesquisa. Conjuntamente a este estudo documental, contatamos antigos alunos e professores da EPFD, para que, por meio da metodologia da história oral, o registro de suas trajetórias vinculadas a esse espaço de educação e profissionalização fosse também reconhecido.

Conhecer a constituição da Escola Ferroviária de Divinópolis e seu papel social ajudou a explicar a importância do Ensino Profissional Ferroviário no município e a importância dessa modalidade de educação que, direta ou indiretamente, contribuiu para o desenvolvimento da indústria e do comércio local. A contribuição da ferrovia para o crescimento urbano e populacional é evidenciada e discutida por historiadores que pesquisam a temática. Porém, muito pouco é dito sobre a importância do Ensino Ferroviário na cidade. É possível, por meio deste estudo, inquirir se os egressos desta escola foram encaminhados para outras indústrias do entorno e até mesmo de outros estados brasileiros.

Conforme defende Márcia de Almeida Gonçalves, a História local “[…] é, em intrínseca complementaridade, conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências” (2007, p. 177). Saber sobre o local no espaço, mas não desconectado da temporalidade desse local, permite pensar os afetos que atravessam a contemporaneidade e ajudam a significar a caminhada dos sujeitos e/ou de instituições que contribuíram para a constituição do

local e de toda a estrutura política, econômica, social e espacial que caracterizam este espaço/tempo.

Estudar a partir da história do local não deve ser entendido como um estudo de menor importância, pois a partir deste é possível visualizar e ressignificar o que se sabe a respeito do global. “Uma cidade, um campo, de longe são uma cidade e um campo, mas à medida que nos aproximamos são casas, árvores, telhas, folhas, capins, formigas, pernas de formigas, até o infinito. Tudo isso está envolto no nome campo.” (Pascal, *apud* Gonçalves, 2007, p.175).

Conhecer a trajetória da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis é, portanto, uma possibilidade de visualizar as intersecções entre a história de uma instituição local e a da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, pois,

> […] não existe, portanto, hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista micro-histórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrossociais: é […] uma versão diferente. (Revel, *apud* Gonçalves, 2007, p. 181)

Nessa perspectiva, a partir das observações da história do local. é possível reconhecer como as relações se constituem alinhadas a normas e desejos globais de uma comunidade ou de um país. Ela “[…] constituiu-se como um campo privilegiado de investigação do traçado e da configuração das relações de poder entre grupos, instituições e indivíduos e, por conseguinte, dos processos movediços de sedimentação das identidades sociais” (Gonçalves, 2007, p. 181).

Por isso, é importante que, na escola, os sujeitos que participam do processo de escolarização conheçam sua realidade também pelo viés da identidade que o local carrega, pois, assim, criam signos e significados mais sólidos, identificados com o seu entorno. A importância da história local enquanto suporte para a construção das identidades dos sujeitos do processo de ensino/aprendizagem é inegável:

> Muitas outras questões acerca do ensino da História Local poderiam ser colocadas, mostrando sua importância na construção de nossa identidade enquanto cidadãos e sujeitos deste fazer histórico, mas terminaria fazendo duas citações: a primeira do poeta português Fernando Pessoa, que diz o seguinte: “Quem quer ser universal que cante sua aldeia […]”. (Fernandes, 1995, p. 52)

Portanto, saber sobre a Escola Profissional da Rede Ferroviária é conhecer

parte da gênese da modalidade que envolve a Educação Profissional e Tecnológica no município. Nesse sentido, torna-se relevante falar dos locais que a praticam, porque tanto estudantes quanto professores, em geral, conhecem pouco sobre a temática que a organiza e as nuances que entremeiam as políticas que a constituem.

> O contato do aluno com as instituições locais e a percepção do seu modo de funcionamento preparam melhor o aluno para uma futura inserção/ participação na sociedade, facilitando-lhe a compreensão das instituições democráticas e acentuando o caráter formativo da História na preparação para o exercício de uma cidadania crítica e consciente. (Fernandes, 1995, p. 48)

Por esse motivo, torna-se fundamental conhecer a história da cidade e sua relação com a EPT para que os agentes contemporâneos dessa modalidade possam se reconhecer e se identificar com esse processo educacional.

Estabelecida a pesquisa histórica, a proposta do Produto Educacional Obrigatório foi desenvolver *Podcasts* com o intuito de divulgar os registros históricos da Escola Profissional Ferroviária. Esse material está disponível em plataformas on-line específicas para essa mídia e, possivelmente, em um Canal do *YouTube* de acesso livre e gratuito a toda a comunidade.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Explorar a história do ensino ferroviário de Divinópolis/MG a partir da investigação da Escola Profissional da Rede Ferroviária.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Registrar a estruturação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis bem como seu processo de seleção, objetivos, metodologias, materiais didáticos dentre outros.
- Produzir *Podcasts* com os resultados das pesquisas para ampla divulgação tanto na comunidade acadêmica quanto na comunidade em geral.

# 2 REFERENCIAL TEÓRICO

## 2.1 MEMÓRIA

Estudar os conceitos de memória e suas subdivisões possibilita dirigir a atenção para características primeiramente biológicas do ser humano, percebê-la enquanto habilidade de lidar com as informações, de guardar, esquecer e lembrar. Conforme Jacques Le Goff nos apresenta,

> A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Le Goff, 1990, p. 396).

Entretanto, além das questões cognitivas, a memória também tem um aspecto social. Para alcançar os objetivos de pesquisa, é fundamental atribuir a ela o aspecto da coletividade, do que representa a memória para os indivíduos enquanto grupo. Refletir sobre isso, com esse viés é, igualmente, colocar em discussão o que se deseja lembrar ou esquecer, tanto relacionado ao indivíduo quanto ao aspecto coletivo, de maneira espontânea, ou imposta. A memória vai muito além de um espaço para guardar o que se sabe do passado; significa pensar as questões da organização social, política, econômica de determinada sociedade.

Jacques Le Goff é nome indispensável para a discussão sobre memória, por conta, principalmente, de suas ideias expostas no livro “História e Memória" *(1990)*. O autor enfatiza o poder que está em jogo quando o assunto é o controle da memória coletiva e individual:

> Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento […], nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1990, p.370)

O trabalho de Le Goff nos faz pensar sobre as relações de poder inerentes à vivência dos ferroviários de Divinópolis. A partir da memória dos indivíduos, dos ferroviários que estudaram na Escola Profissional da Rede Ferroviária da cidade, torna-se possível perceber as estruturas de controle social, as noções de “certo” e

“errado”, ou seja, os conceitos que moldam o pensamento e a maneira de agir desses profissionais. Sob quais valores esses sujeitos se organizavam? Quem os definiu? Partindo dos relatos memorialísticos individuais por meio da História Oral, apontamentos sobre as memórias coletivas podem surgir nos “causos” contados, nos exemplos, nos gestos e nas escolhas das palavras utilizadas.

Perceber as concepções individuais desses sujeitos ajudou a entender a política, a organização social e cultural que ditavam as normas a serem observadas e perpetuadas. O que é considerado digno de ser conservado e lembrado? O que foi esquecido proposital ou inconscientemente? Quais conceitos forjaram as concepções dessas pessoas e qual o papel da instituição escolar nesse processo? Dessa forma, a partir dos relatos e das memórias escolhidas, será viável relacioná-los com os eventos e registros da época, aprimorando a visão de mundo do indivíduo em relação ao coletivo.

As considerações de Le Goff (1990) vão ao encontro de algumas percepções de Maurice Halbwachs (1990), quando este discute a memória individual e coletiva. Ele afirma que “[…] a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” (1990, p. 54). Este autor defende que a memória coletiva e a memória individual se cruzam cotidianamente, porém,

> A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas, ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (ibid., p.54)

As memórias coletivas ecoam como um canto de coral ou uma procissão religiosa, como forma de pensar e se organizar de um grupo que é constituído de indivíduos. Perceber a separação entre os conceitos de certo e errado, bonito e feio, bom e mal perpassa pelo senso de coletividade. Ademais, o que se busca ou se utiliza para representar um grupo está ancorado, de certa maneira, na memória coletiva, na estrutura de poder desse grupo.

O pensamento do autor contribui para o entendimento da relação entre memória individual e coletiva nos discursos dos sujeitos que ocupam os espaços de poder. Como o individual e o coletivo se misturam para compor uma memória sobre a Escola Profissional da Rede? O que aprenderam realmente na escola e o que tiveram

que esquecer?

> Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. Se entendermos que conhecemos nossa memória pessoal somente do interior, e a memória coletiva do exterior, haverá com efeito entre uma e outra um vivo contraste. (Halbwachs, 1990, p. 55)

Para construir a memória individual, utilizam-se signos, palavras e imagens que são consolidados nas relações estabelecidas no meio em que se vive, desenvolvidos de forma coletiva. Essa interdependência reforça ainda mais a difícil separação entre o que é do social, do coletivo e o que é do individual ou que se tornou individual. Nesse sentido, tanto a memória individual quanto a coletiva são importantes para a construção do indivíduo e do social. Assim, ao estudar um grupo, por meio de suas memórias, é fundamental perceber o indivíduo, visto que as memórias, coletivas ou individuais, estão carregadas de signos vinculados ao que se deseja. Nada é gratuito, o tempo todo estamos ressignificando nossas lembranças, influenciados pela contemporaneidade.

> A memória faz com que os dados caibam em esquemas conceituais, reconfigura sempre o passado tendo por base as exigências do presente. A história e a memória coletiva podem ser pensadas como as duas pontas de uma antinomia: em que os avanços da historiografia fazem continuamente retroceder o passado imaginário que foi construído pela memória coletiva. (Rossi, 2010, p. 28)

Rossi (2010) afirma que a força do imaginário exerce influência sobre a memória e justamente por isso o que é rememorado precisa ser analisado como tal. As memórias, individuais ou coletivas, são monumentos que precisam ser interpretados a partir de uma relação com outras fontes, mas essa interpretação não é simples, pois ao fazê-la, corre-se o risco de ressignificar equivocadamente, uma vez que;

> A história do século XX, conforme bem sabemos também quando tentamos esquecê-lo, está cheia de censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, retratações públicas e confissões de inúmeras traições, além de declarações de culpa e de vergonha. Obras inteiras de história foram reescritas, apagando os nomes dos heróis de um período; catálogos editoriais

> foram mutilados, assim como foram subtraídas fichas nos catálogos das bibliotecas; foram publicados livros com conclusões diferentes das originais, passagens foram retiradas, textos foram montados em antologias numa ordem favorável a documentar filiações ideais inexistentes e ortodoxias políticas imaginárias. (Rossi, 2010, p. 32)

O autor chama a atenção para os “apagamentos”, as “censuras” e todo tipo de esquecimento que porventura foram impostos. Esse fenômeno alcança tanto as memórias individuais quanto as coletivas. É fato que não é possível se lembrar de tudo, naturalmente é necessário selecionar o que ficará, enquanto memória e o que será descartado. Portanto, é preciso voltar à atenção tanto para os apagamentos e rememorações impostos quanto para a possibilidade de impô-los.

Em suma, cabe pensar a história construída sobre Divinópolis como uma faceta desta luta por memória. Assim, esta pesquisa visa perceber, atentamente, os discursos e as estratégias de memória neles inerentes. Arriscar uma investigação histórica é considerar e perceber o tempo e os sujeitos que com ele interagem. Quando Le Goff (2003) cita que memória não é “guardar certas informações”, pode-se pensar que memória é guardar as informações certas? Mas certas para quem? É importante, enquanto historiador, ficar atento à significância da informação que foi e que será guardada, pois a memória é mais que um simples receptáculo da informação. Ela é um complexo que escolhe o que guardar ou esquecer, guarda-o ou esquece-o e possibilita o acesso ao esquecido e ao que pode ser lembrado.

## 2.2 INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Para Demerval Saviani (2008) em seu texto *“Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas”*, a ideia de instituição está intrinsecamente ligada à constituição de necessidades humanas. “A instituição se apresenta como uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente.” (Saviani, 2008, p. 28). Primeiro nasce à necessidade de determinada atividade e essa atividade por sua vez precisa ser perene e com característica coletiva, sendo assim, a institucionalização passa a ser aplicável. A instituição ou institucionalização é um processo cultural, social e com características utilitárias.

Quando nos referimos à expressão instituição escolar, estamos nos direcionando para a ideia de uma instituição para atividades humanas voltadas para a educação. A instituição escolar não se resume ao prédio ou ao complexo

arquitetônico que a abriga, esse complexo também faz parte da ideia dessa instituição escolar, porém ela vai além dos equipamentos e espaços. Essa instituição é marcada pelo local, mas sua essência é constituída também pelos sujeitos inseridos no seu processo, tanto os sujeitos afetados diretamente por ela quanto os que, mesmo a distância, interferem através de decisões e atos conectados com um ideário de organização social. As instituições escolares representam, de certa maneira, o pensamento da sua época, ela ecoa os princípios que norteiam, que identificam a sociedade ao seu redor, como afirma Justino Magalhães (2004),

> A instituição educativa apresenta uma identidade que não varia significativamente com as circunstâncias geográficas ou com as circunstâncias históricas. É, porém, na relação que estabelece com o público e com a realidade envolvente, na forma como a cultura escolar interpreta, representa e se relaciona com o contexto na sua multidimensionalidade, como na medida em que o público se apropria e se relaciona com as estruturas e órgãos de uma mesma instituição, que as instituições educativas desenvolvem a sua própria identidade histórica. (p.68)

Podemos entender que a “Instituição Educativa”, em seu sentido social é atemporal, os aspectos pedagógicos e filosóficos que ela alcança dependem da relação que estabelece com as pessoas no tempo e espaço. Essa relação demarca sua função e estabelece marcos de “formação” humana vinculados a necessidades específicas daquela comunidade/sociedade. Portanto, conhecer e discutir a história das instituições escolares é, de certa maneira, reconhecer as histórias dos indivíduos e dos lugares que “formaram” não só as pessoas, mas todo o complexo envolto na comunidade/sociedade em que esses sujeitos estão inseridos.

Segundo Paollo Noselha e Ester Buffa (2013), o estudo das instituições escolares ganhou evidência a partir dos anos 1990. Esses autores apontam que estudar as instituições escolares possibilita uma reflexão nos campos: “emocional e afetivo; responsabilidade e comprometimento; conhecimento; prática pedagógico-administrativa; preservação da memória; relacionamento político” (2013, p. 34), por parte de quem se relaciona com essa instituição. Afirmam que aumentam os níveis de afetividade, responsabilidade e comprometimento com relação à instituição. Portanto, podemos perceber que conhecer a história das instituições pode possibilitar uma intervenção direta no presente, principalmente por parte daqueles que, de alguma maneira, se encontram atuando em instituições correlacionadas.

Saviani afirma que a instituição escolar surge conjuntamente com a sociedade

de classes.

> Assim, após a radical ruptura do modo de produção comunal, nós vamos ter o surgimento da escola, que na Grécia se desenvolverá como paidéia, enquanto educação dos homens livres, em oposição à duléia, que implicava a educação dos escravos, fora da escola, no próprio processo de trabalho. Com a ruptura do modo de produção antigo (escravista), a ordem feudal vai gerar um tipo de escola que em nada lembra a paidéia grega. […], na Idade Média as escolas trarão fortemente a marca da Igreja Católica. O modo de produção capitalista provocará decisivas mudanças na própria educação confessional e colocará em posição central o protagonismo do Estado, forjando a idéia da escola pública, universal, gratuita, leiga e obrigatória, cujas tentativas de realização passarão pelas mais diversas vicissitudes. (Saviani, 2008, p. 32)

Já Justino Magalhães define a instituição escolar a partir do plano histórico. Argumenta que;

> No plano histórico, uma instituição educativa é uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos, mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projetando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais. É um lugar de permanentes tensões […] são projetos arquitetados e desenvolvidos a partir de quadros sócio-culturais. (Magalhães, 1998, p. 61–62).

Por que estudar as instituições escolares? Essas instituições marcam os sujeitos que atravessam seus corredores, ela “forma” com fôrma ideológica e pragmática, ajudando a construir um *modus operandi* para as pessoas no espaço/tempo em que estão inseridas. Segundo Noselha e Buffa (2013), quando estudamos uma instituição escolar, possibilitamos que os envolvidos no processo ou os futuros leitores e afetados pela pesquisa mudem sua relação com a instituição. As principais alterações são nos campos do: “emocional e afetivo; responsabilidade e comprometimento; conhecimento (confirmação, complementação e aprofundamento); prática pedagógico-administrativa; preservação da memória; relacionamento político.” (Noselha e Buffa, p.34, 2013).

Pesquisar as instituições escolares vai muito além de preservar histórias que compuseram uma época e um local, elas permitem a reflexão da práxis contemporânea, apresentando origens de ideias e atos que podem estar até o hoje configurando corações e mentes. A partir dessa releitura, novos horizontes de análise crítica são oportunizados para repensarmos a contemporaneidade significando o ato educativo.

Mas como pesquisar uma instituição escolar? Noselha e Buffa corroboram com essa complexidade apresentada por Justino Magalhães e afirmam que estudar as instituições escolares, não é tarefa fácil, "[...] não se trata apenas de desenterrar histórias e vultos significativos do passado da instituição escolar estudada. (Noselha e Buffa, 2013, p. 31)". Os pesquisadores não podem ficar envoltos apenas pelos saudosismos, é preciso um olhar holístico sobre o objeto de pesquisa, com foco em todos os aspectos, tantos físicos quanto imateriais, seus impactos no entorno e nos propósitos de transformação social da sua comunidade.

Paolo Noselha e Ester Buffa, no livro "*Instituições Escolares: por que e como pesquisar*"[4] segunda edição de 2013, apresentam um cronograma de temas a serem observados quando o assunto é o estudo das instituições escolares. Essa proposta visa ampliar o distanciamento desses saudosismos e aplicar um método capaz de realizar a pesquisa com um olhar ampliado, colhendo dados das mais diversas áreas que essas instituições possuem. Para facilitar o entendimento dessa metodologia, as orientações encontradas no livro foram convertidas, por nós, em uma tabela. Esta tabela serviu como marcador para os itens que puderam ser estudados e os faltantes.

Quadro 1 - O que estudar em uma instituição escolar segundo Noselha e Buffa

| **ITENS A SEREM OBSERVADOS DURANTE O ESTUDO DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR** | |
|---|---|
| **Contexto histórico** | circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola |
| **Processo evolutivo** | Origens |
| | apogeu |
| | situação atual |
| | vida escolar |
| **O edifício** | organização do espaço |
| | Estilo |
| | acabamento |
| | implantação |
| | reformas e eventuais descaracterizações |
| **Alunos** | origem social |
| | destino profissional e suas organizações |
| **Professores e administradores** | Origem |
| | Formação |
| | Atuação |
| | organização |
| **Saberes** | Currículo |
| | disciplinas |
| | livros didáticos |
| | métodos e instrumentos de ensino |
| **Normas disciplinares** | regimentos |

[4] (Noselha e Buffa, 2013, p. 20)

| | |
|---|---|
| | organização do poder |
| | burocracia |
| | Prêmios |
| | Castigos |
| **Eventos** | Festas |
| | exposições |
| | desfiles |

O quadro apresentado acima ajudou a nortear tanto a análise das entrevistas como a busca por evidências. Uma vez que são muitos aspectos a serem observados e tanto a documentação quanto as memórias registradas nas entrevistas não deram conta de responder a todos os aspectos sobre a escola. A preservação documental sobre o tema é precária, ficando concentrado basicamente nos arquivos individuais dos entrevistados e em registros escritos sobre temas diversos que em alguns momentos, apresentam situações conectadas ao estudo. Os autores apresentados acima e suas discussões, foram determinantes para a construção desse trabalho, além de definirem o que deveria ser elencado como foco das observações, foram fundamentais no como fazer tais ações.

## 2.3 A HISTÓRIA DE DIVINÓPOLIS - HISTORIOGRAFIA

Outra ação importante para a pesquisa é o estudo sobre a historiografia da cidade de Divinópolis. Um dos primeiros compilados sobre a história da cidade foi feito por Pedro Xavier Gontijo, figura fecunda na vida política local. Ele o apresenta sob um viés memorialista, buscando traçar aspectos que considera fundamental para se entender a gênese da cidade. Sua análise parte da década de 1680 até a de 1960, utilizando fontes extraídas de documentação oficial e da memória pessoal. O texto é narrativo e nele o autor considera que, por ter vivido parte da história da cidade, possui a legitimidade para rememorar o passado do município. Sua obra apresenta informações sobre a educação no município, ora chamado de vocacional, ora de técnico. Também apresenta as escolas que atenderam a essa demanda até a década de 1960. Conhecer os relatos de X Gontijo possibilita entender fragmentos da mentalidade política que constituiu a cidade, bem como alguns impactos trazidos pela ferrovia para o município de Divinópolis.

Os irmãos Antônio e Francisco Gontijo Azevedo (1988) também foram responsáveis por organizar uma narrativa sobre as origens divinopolitana. A obra iniciou-se com Francisco Gontijo de Azevedo, que faleceu em 1948, e foi concluída

por seu irmão Antônio Gontijo de Azevedo. “Como informam os autores, “não se pode afirmar que o livro seja a ‘História de Divinópolis’”, como o autor pretendia, pois está baseado principalmente na tradição oral e sem o rigor científico. (Azevedo; Azevedo, 1988, p.11). Porém, as informações narradas no livro mostram um cuidado muito grande com a cronologia e o apontamento de fatos e pessoas preponderantes para o entendimento da constituição da identidade do divinopolitano.

Lázaro Barreto (1992) é outro autor importante para a compreensão da história do município, por escrever a obra “*Divinópolis: História do Município*” que foi publicada em 1992. Esta apresenta um levantamento cuidadoso de diversos aspectos locais, inclusive questões quanto aos forasteiros e a importância da ferrovia para o desenvolvimento da cidade. Em diversos momentos, ele cita a criação da Escola Profissional como avanço para a municipalidade.

Batistina Corgozinho (1989), por meio de diversas fontes primárias e secundárias, aponta um levantamento documental, ora confirmando, ora questionando os autores anteriores, bem como a oralidade sobre a gênese do município. Mas o grande enfoque de sua obra está na discussão feita em torno do que é modernidade e quais aspectos do ser moderno se relacionam com a constituição tanto da cena urbana, quanto da mentalidade cosmopolita divinopolitana. Outra situação bem discutida por Corgozinho (2003) foi a movimentação do poder político, centralizado na igreja Católica, mas que, com a chegada da ferrovia, acabou polarizado. “A Igreja Católica mantivera sua liderança hegemônica no local até o início do século XX […]. Mas sua posição hegemônica passou a ser cada vez mais combatida nos anos que se seguiram, pela entrada em cena de novos elementos culturais.” (Corgozinho, 2003, p. 64).

Outro fato apresentado por essa autora é a expansão da cidade. Com a chegada da ferrovia, os moradores ficaram divididos fisicamente, os mais antigos residindo perto da Igreja Matriz e os ferroviários, na Vila Operária montada a alguns quilômetros desta. No meio, havia um cerrado, que hoje é o centro da cidade. Ela afirma que “o que houve em Divinópolis, pelo menos num primeiro momento, não foi a transformação do antigo núcleo em cidade, mas sua construção numa área desabitada e paralela à povoação existente.” (Corgozinho, 2003, p. 91). Já as modificações propostas pela Câmara Municipal no princípio do século XX, foram uma construção conectada com o pragmatismo: ruas largas, alinhamentos retilíneos e muita racionalização para definir os traçados.

A partir da conjuntura urbanística, Corgozinho (2003) se diferencia dos demais autores ao mostrar conexões entre o desenvolvimento da cidade com a teoria da modernidade em evidência na República ainda em constituição. Ela faz uma reflexão colocando no centro a ferrovia e o “pensamento” dos ferroviários impactando na constituição dessa localidade. A autora propõe que foi com a chegada da ferrovia que a lógica da modernidade rompeu as montanhas do centro-oeste e adentrou esses limites, consolidando raízes na organização social. Esse dualismo entre moderno e antigo surge na discussão da pesquisadora como ideia central na tentativa de explicar as facetas desse lugar, pois, ao mesmo tempo em que carrega toda a tradicionalidade de uma “Princesa do Oeste”, se compromete com a modernidade, acreditando ser uma “Cidade Oficina”. Mas o aspecto fundamental da obra de Corgozinho (2003) para o desenvolvimento desta pesquisa está na discussão da ferrovia como espaço de formação do cidadão divinopolitano, bem como a escola ferroviária como um diferencial para o pensamento técnico.

Divinópolis é uma cidade com várias facetas e uma delas é a sua relação com o passado. Esse tema é discutido por memorialistas e acadêmicos, não na quantidade ideal, porém existem algumas pessoas que buscam compreender a gênese dessa *pólis,* conforme a historiografia ou a imaginação. Ao se debruçar sobre a história local, percebe-se a presença constante de lacunas, desencontros, versões e deduções sobre suas origens. Mas, com um olhar mais cauteloso, torna-se possível visualizar o esforço de muitos que reúnem argumentos e documentos para elencar caminhos possíveis para entender como evoluiu essa jovem e moderna Divinópolis.

Dentro deste acervo bibliográfico sobre a história da cidade, pretende-se colocar a Escola da Rede Ferroviária como importante agente histórico de Divinópolis, pois ela se insere no ideal de modernidade de Corgozinho (2003), uma vez que contribuiu para a formação profissional do município.

## 2.4 A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

Com intuito de contextualizar o tema proposto, torna-se importante fazer um pequeno resgate histórico da transformação da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Da colonização até os tempos atuais, percebe-se que a EPT esteve, de alguma maneira, direcionada por aspirações ao desenvolvimento. Em cada época ou período, ela pode ser vista com uma força e direção diferente, mas sempre moldada

pela ação conectada a tentativas de atender às demandas, ora da metrópole, ora do país. Como afirma Marise Ramos,

> […] a política de educação profissional é resultado de disputas e tendências complexas ao longo da história do país, frente a uma correlação de forças entre as classes que disputam o poder e a direção econômica e política da sociedade. (Ramos, 2013, p.15)

Vanessa Caires e Maria Auxiliadora Oliveira apontam que, durante o período da colonização, "a formação da mão de obra para a realização dos ofícios, inerentes ao modo de vida colonial, acontecia na vivência e na experiência diárias, sem que ocorressem a organização e a sistematização de práticas formais de ensino." (2018, p.23), caracterizando-se pelo ensino prático e, às vezes, organizado, quando se referia à elite da época. Defendem ainda que, "no Brasil colônia, assim que os ofícios artesanais passaram a ter alguma organização, pautara-se pelo modelo corporativo da metrópole e a aprendizagem dos mesmos foi ministrada por intermédio das Corporações de Ofícios." (Caires e Oliveira, 2018, p.23). As autoras apresentam também a importância dos Jesuítas na constituição da educação para o trabalho.

> Os colégios e as residências dos Jesuítas foram, também, os primeiros núcleos de formação para o trabalho, através das oficinas de carpintaria, de ferraria, de obras de construção, de pintura, de olaria, de fiação e tecelagem e de fabricação de medicamentos. (Caires e Oliveira, 2018, p.23–24)

Com a vinda de D. João VI, e nos quatorze anos que ficou no Brasil, algumas iniciativas de organizar o ensino profissional foram evidenciadas, como a criação do Colégio das Fábricas:

> Os primórdios da formação profissional no Brasil registram apenas decisões circunstanciais especialmente destinadas a "amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte", assumindo um caráter assistencialista que tem marcado toda sua história. A primeira notícia de um esforço governamental em direção à profissionalização data de 1809, quando um decreto do Príncipe Regente, futuro D. João VI, criou o Colégio das Fábricas, logo após a suspensão da proibição de funcionamento de indústrias manufatureiras em terras brasileiras. (Parecer n.º 16/99-CEB/CNE)

No período imperial, sobre o aspecto da educação para o trabalho, poucas modificações podem ser observadas, conforme apontam as autoras:

> A Constituição de 1824 não contemplou, em seus artigos, questões relativas ao Ensino de Ofícios. Porém, de maneira indireta, os dispositivos

> constitucionais tiveram influência nas diretrizes e no desenvolvimento desse tipo de capacitação, uma vez que determinou a extinção das Corporações de Ofícios. (Caires e Oliveira, 2018, p.30).

As corporações de ofícios eram mais que espaços para a construção artesanal de bens e serviços da época, elas representavam a estrutura de ensino e, de certa maneira, controle social a partir do trabalho. Como afirma Mônica Martins, citando José da Silva Lisboa, "as corporações davam aos filhos de famílias pobres a chance de aprenderem um ofício e terem uma profissão, o que não se garantiria sem elas." (Martins, 2005, p.6)

É importante ressaltar também que foi durante o império que se iniciou a história das ferrovias no Brasil. Em "[…]1852 havia sido iniciada a construção de apenas uma ferrovia no país, a Estrada de Ferro Petrópolis, inaugurada em 30 de abril de 1854, e que entrou para a história como a primeira ferrovia brasileira" (Finger, 2014, p. 51). Com a chegada dessa tecnologia, que gradativamente foi se expandindo por todo território brasileiro, veio também a demanda de mão de obra cada vez mais especializada, um fenômeno que ocorreu em todos os lugares onde a ferrovia alcançou. "Essa combinação de inovação, tecnologia e necessidade de mão de obra acabaram por incentivar a organização de instituições de ensino ferroviário por todo mundo" (Beaklini, 2018, p. 205).

No início do período republicano, a responsabilidade pela implementação da educação no Brasil foi delegada às unidades federativas. "Dessa forma infere-se que, caberia aos estados, a competência de criar e manter o Ensino Primário, bem como o Ensino Profissional." (Caires e Oliveira, 2018, p.36).

As autoras apontam que no governo de Nilo Peçanha[5] houve uma remodelação da EPT no Brasil, pois;

> […] em 1909, Nilo Peçanha, através do Decreto n. 7.566, de 23 de setembro, determinou a criação de 19 Escolas de Aprendizes Artífices, nas capitais dos estados brasileiros e na Cidade de Campos (terra natal desse presidente), destinadas ao Ensino Profissional Primário gratuito e vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. (Caires e Oliveira, 2018, p.36)

A criação destas escolas foi uma importante ação que se somou ao esforço das empresas ferroviárias para a instalação de escolas profissionais. Conforme Celso

[5] https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/acervo/galeria-de-presidentes/nilo-procopio-pecanha/view Acesso em:14/10/2021

Suckow da Fonseca (1986, p.469), entre 1889 até 1930 foram criadas dez escolas para atender às demandas da tecnologia ferroviária. Podemos acrescentar também a atuação do engenheiro suíço naturalizado brasileiro, Roberto Mange, como um ponto de destaque no desenvolvimento da Educação Profissional, que;

> […] envolveu-se com os industrialistas e tornou-se um dos intelectuais orgânicos do novo ensino industrial. […] Na condição de engenheiro-educador da Escola Politécnica de São Paulo, Mange foi superintendente do Curso de Mecânica Prática no anexo ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, que, no ano de 1924, se tornou Escola Profissional Mecânica, da qual Mange foi superintendente até 1928. Foi na ocasião em que esteve na Escola Mecânica que Mange, com um grupo de estudiosos, introduziu no Brasil as conhecidas séries metódicas de ofícios. Em 1930, depois de viagem à Alemanha com a finalidade de conhecer o ensino ferroviário, Mange participou da montagem e estruturação do Serviço de Ensino e Seleção Profissional da Estrada de Ferro Sorocaba, da qual foi diretor até 1934. Mange foi também um dos criadores do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), em 1931, importante instituição de intervenção na cultura empresarial brasileira, visando à difusão da administração científica da produção e do trabalho. Em 1934, Mange criou o CFESP e tornou-se seu diretor. Em 1937, mesmo ano em que Getúlio Vargas anunciou o Estado Novo, Mange foi nomeado supervisor do gabinete de psicotécnica, anexo à Escola Técnica Getúlio Vargas. Em todas essas ações, Mange já estava criando as bases do novo ensino industrial brasileiro, isto é, estava envolvido com a instituição de um ensino industrial articulado a um processo de crescimento industrial. (Pedrosa, 2014, p. 50)

A partir de 1930, com o governo de Getúlio Vargas, a EPT recebeu uma atenção diferente da recebida até esse período, com um grande investimento na educação profissional. O ministro Gustavo Capanema[6] foi um grande articulador de mudanças na educação brasileira, como um todo, e na Educação Profissional, de forma específica.

> Em 1942, houve a Reforma Capanema por meio do Decreto n.º 4.244/1942, que estruturou a educação brasileira, coerente às necessidades da indústria nacional geradora da reforma do ensino, alternando, assim, a denominação de “ensino secundário” para Cursos Colegiais, divididos em dois ciclos: Clássico e Científico. Essa Reforma estabelecia como objetivos do ensino secundário formar a personalidade integral do adolescente, formação espiritual e formação patriótica e humanística. (Silva; Lima; Silva, 2017, p.171)

[6]Gustavo Capanema, Ministro da Educação de 1937 a 1945, foi responsável por uma série de projetos importantes de reorganização do ensino no país, assim como pela organização do Ministério da Educação em moldes semelhantes ao que ainda é hoje. O apoio dado por Capanema a grupos intelectuais e, mais especialmente, a arquitetos e artistas plásticos de orientação moderna, contribuiu para cercar sua gestão de uma imagem de modernização na esfera educacional que ainda não havia sido examinada em mais detalhe. (Schwartzman, 1985, p.66)

Uma das explicações apontadas para o foco do governo Vargas na EPT foi os impactos da Segunda Guerra Mundial. Esse conflito provocou mudanças profundas em nosso país e uma delas foi a escassez de produtos industrializados. Esse déficit gerou a necessidade de implementar a industrialização em diversas áreas, o que gerou o dilema da falta de mão de obra específica para o modelo industrial, pois;

> Com a industrialização acelerada a partir dos anos 1940 era inevitável que o problema da formação de trabalhadores e de técnicos emergisse no Brasil: era preciso formar o espírito industrial, a prática industrial, a técnica industrial. E havia algo de urgente nas demandas por formação profissional para a indústria nos anos 1940. Essa urgência era posta pelos imperativos da Segunda Guerra Mundial. Por um lado, a guerra impôs limites às importações. Os países em conflito direcionaram sua indústria para a guerra e, com isso, muito do que o Brasil importava não estava mais disponível. Havia necessidade de produzir muito daquilo que era importado, tanto dos países europeus quanto dos EUA. (Pedrosa, 2014, p. 54)

Atendendo a essa realidade, os esforços governamentais e dos industriais da época culminaram na criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Segundo José Geraldo Pedrosa (2014, p. 52), os estudos para sua criação iniciaram em 1934 com a formação da primeira comissão “para projetar a ampliação do ensino industrial”. Ainda, segundo esse autor, Vargas decretou, em 1942, a criação do SENAI, fato que ressignificou o ensino profissional no Brasil, fortalecendo o industrialismo.

Os próximos anos, até 1964, impuseram várias demandas e legislações para adaptar à realidade da Educação Profissional aos aspectos e contexto da época, com destaque para as denominadas “Leis de Equivalência”. Segundo Medeiros, Lima, Barbosa e Nascimento, as Leis de Equivalência tinham o propósito de oportunizar a democratização do ensino por meio da verticalização de estudos também aos egressos da educação profissional. Para os autores, ao estabelecer a equivalência entre os certificados oriundos da educação profissional e aqueles do curso colegial secundário, “paulatinamente foram introduzidas disciplinas propedêuticas e conteúdo não profissionais nos currículos dos cursos técnicos ofertados pela rede pública de educação”. (Medeiros; Lima; Barbosa; Nascimento, 2018, p.233).

As leis de equivalência proporcionaram aos estudantes de cursos técnicos utilizarem suas trajetórias acadêmicas para ingressarem nos cursos superiores.

> Além disso, a Lei 1.821 abria as portas de qualquer curso superior aos jovens que completassem o segundo ciclo dos ensinos secundário, industrial, comercial ou agrícola. Com aquela medida alargavam-se

> extraordinariamente os horizontes dos egressos dos cursos técnicos, os quais não mais ficavam adstritos a seguir apenas determinados cursos superiores, podendo escolher o que lhes aprouvesse. (Fonseca, 1986, p.294)

A partir de 1964, os efeitos das leis de equivalência foram mais perceptíveis. Uma grande quantidade de brasileiros, desejosos de acesso à formação universitária, começaram a exigir a possibilidade real de participar do ensino superior. Além de o número de vagas ser inferior à quantidade de candidatos, a realidade social da época indicava as universidades como uma das poucas possibilidades de os brasileiros conseguirem ascensão social. Cunha (2014, p. 918) aponta que, a partir de 1964, devido à dificuldade de ascensão econômica da população brasileira, houve uma valorização de quem possuía diploma universitário.

Para o autor, durante o primeiro semestre de 1968, houve intensas e numerosas manifestações estudantis nas principais cidades brasileiras. “As palavras de ordem mais frequentes, em todas as manifestações, eram mais verbas” e “mais vagas” para os cursos superiores públicos”. (Cunha, 2014, p. 919)

Essa iniciativa por mais vagas no ensino superior causou uma série de ações governamentais, desde a reforma do ensino superior até a revisão da legislação sobre o ensino profissional. Primeiramente, o governo propôs a universalização do ensino profissional, com intuito de atender à demanda de inserção dos jovens no mercado de trabalho, aliviando a necessidade de maiores custos com o ensino superior. Nesse sentido,

> A reforma do ensino de 2º grau incorporou a sugestão de condição viabilizadora da reforma universitária. A concepção de ensino profissionalizante estava baseada na necessidade de organizar o ensino médio de modo que proporcionasse aos concluintes uma habilitação profissional. Essa necessidade derivaria do imperativo de combater a frustração dos alunos, resultante de seu despreparo para o mercado de trabalho ao fim do nível médio, o que os estaria forçando a procurar as escolas superiores como único meio de obter algum tipo de habilitação profissional. A possibilidade de canalizar a frustração era dada pela crença na existência de uma demanda de técnicos de nível médio não atendida. Mas ninguém conhecia o volume de oportunidades ocupacionais disponíveis. Apenas acreditava-se que ela fosse grande o suficiente para compensar, minimamente, os concluintes do ensino médio que não ingressassem nos cursos superiores — e tal crença bastava. (Cunha, 2014, p. 920)

No entanto, a universalização não funcionou como se pretendia. E as iniciativas de reversão desse processo começaram a ganhar força, sendo evidenciadas de maneira negativa. Praticamente todas as instituições ligadas à educação foram, direta

ou indiretamente mobilizadas, por muitos movimentos para desarticular a proposta:

> No âmbito da administração educacional, houve críticas de outra natureza, que reconheciam a inviabilidade prática da profissionalização universal e compulsória no ensino de 2o grau: eram as críticas de diretores de escolas técnicas, de administradores de sistemas de ensino industrial e especialistas em educação profissional, que conheciam a realidade do trabalho e os problemas especiais que colocava a formação de trabalhadores de todos os níveis de qualificação, particularmente os profissionais de nível médio. (Cunha, 2014, p. 920)

Somente em 1982 houve a reversão na obrigatoriedade do Ensino Profissional vinculado ao que hoje conhecemos como Ensino Médio. Marise Ramos defende que, nesse período, “o ponto de maior impacto foi a Lei n.º 5.692/71, que colocou como compulsória a profissionalização em todo o ensino de 2o grau. A compulsoriedade está extinta pela Lei n.º 7.044, em 1982”. (Ramos, 2014, p. 45). Todavia, essa obrigatoriedade foi encerrada sem se mostrar eficiente e produtiva para o desenvolvimento da educação profissional do país.

A transição do regime autoritário para o democrático exigiu muitos movimentos e ajustes em todas as instituições brasileiras:

> O processo de redemocratização do país, particularmente durante do governo José Sarney trouxe novos elementos políticos, num contexto de forte crise econômica mundial, com sérias implicações nacionais, de modo que a década de 1980 foi designada como “perdida”. A ação do Estado em relação à educação profissional teve uma marca relativamente populista, quando instaurou a expansão da rede federal, com a implantação das Unidades de ensino Descentralizadas, em um contexto em que não se tinham claras as perspectivas econômicas, sociais e políticas do país. (Ramos, 2014, p. 15)

Tanto Marise Ramos como Caires e Oliveira consideram que o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico — PROTEC foi uma das poucas ações voltadas para a EPT nesse período e corroboram com a ideia de que este propunha uma mudança que fragmentava ainda mais a proposta do ensino profissional.

> Em relação ao Ensino Profissional, o Governo Federal instituiu, em 4 de julho de 1986, o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico (PROTEC). Esse programa, que contava com recursos do Banco Mundial, previa a instalação de 200 escolas técnicas, industriais e agrícolas de Ensino de 1º e 2º Graus e se embasava em uma visão produtivista e fragmentada da educação […]. Nessas escolas, o papel do ensino foi reduzido a uma adaptabilidade aos interesses imediatos do mercado de trabalho, engendrando, desse modo, uma tentativa de sanear a economia, corrigir as distorções sociais e alavancar o desenvolvimento do país. (Caires e Oliveira, 2018, p. 73)

Na década de 1990, a frágil democracia brasileira continuou a apresentar desafios para a estabilidade política, econômica e social. Do *impeachment* do presidente Collor ao governo de Fernando Henrique Cardoso, notam-se poucos avanços na Educação Profissional e Tecnológica. O grande movimento ficou em torno da constituição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDBEN n.º 9394/96. As discussões e os primeiros debates estabelecidos para sua elaboração centraram-se "em torno dos conceitos de formação politécnica e tecnológica e de escola unitária, contemplados nas produções de Marx e Engels […]" (Caires e Oliveira, 2018, p.75).

Conjuntamente com esse fator, ocorreu a transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica, como cita Marise Ramos (2014, p.65). Com a dissociação do ensino integrado, houve a necessidade de o estudante obter duas matrículas, uma para o ensino médio e outra para o ensino técnico. Com essas modificações, a estrutura da educação profissional vinculada aos setores não governamentais, focadas nos cursos de curta duração ganharam evidência e recursos financeiros, como apontado pela autora:

> Todas essas iniciativas forneceram o marco legal e político para a retirada do Estado da educação profissional, transformada em objeto de parceria entre governos e sociedade civil. A sustentabilidade financeira dessas políticas esteve nos recursos advindos do Tesouro Nacional, […] A gestão desses recursos privilegiou, por um lado, a expansão da educação profissional que tivesse a iniciativa privada como mantenedora, a partir de um investimento público em infraestrutura; e, por outro lado, a pulverização de cursos de qualificação oferecidos por instituições governamentais e não governamentais, mantidos por recursos públicos, mas que prescindiam de investimentos em infraestrutura. (Ramos, 2014, p. 55)

Nos anos 2000, várias foram as mudanças na Educação Profissional e Tecnológica. Destacam-se algumas importantes ações, como "a revogação do Decreto n.º 2.208/97, restabelecendo a possibilidade de integração curricular dos ensinos médio e técnico, de acordo com o que dispõe a LDB" (Ramos, 2014, p.82). Essa mudança, no entanto, anulou a concomitância interna no ensino médio integrado.

Já a ampliação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, em 2008, pode ser considerada uma das ações fundamentais para o desenvolvimento da EPT dentro dos parâmetros que a definem atualmente.

> Ao longo de quase um século, desde o surgimento das escolas de Aprendizes Artífices até 2002, foram criadas no Brasil 140 escolas técnicas na rede federal. Com a unificação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia em 2008, este número aumentou para 366 em 2010 e chagando, em 2014, na existência de 562 escolas. (Campos, 2017, p. 505)

Outro fato marcante para a EPT na contemporaneidade, ocorrida no governo do presidente Michel Temer, é a Reforma do Ensino Médio implementada com a Lei n.º 13415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O Novo Ensino Médio segue a premissa baseada na universalização da educação profissional, o que nos remete a efetivada na década de 1970, e também, como afirma Ferreira (2017) na da década de 1940;

> [...] essa lei guarda o mesmo espírito das políticas educacionais ocorridas no ensino médio brasileiro na ditadura varguista, na ditadura militar e nos anos 1990. Além de apresentar um conteúdo que tende a aprofundar as desigualdades escolares, a contrarreforma do ensino médio foi forjada por um grupo restrito de atores ligados fortemente aos interesses privatistas e mercantis. Ao contrário, portanto, das experiências vividas durante o governo democrático-popular (2003–2015), caracterizado por práticas políticas de inclusão social, que mesmo difusas, contaram com a participação de um conjunto mais ampliado da comunidade educacional. (Ferreira, 2017, p. 294)

A Reforma do Ensino médio ou “Contrarreforma do Ensino Médio” pretende oferecer, para essa etapa de ensino, a Formação Geral Básica e Itinerários Formativos, em que nestes, dentre outras possibilidades, há a oferta da Educação Profissional e Tecnológica. Os impactos dessa reforma, principalmente relacionados à EPT, geraram uma série de protestos e pedidos de revogação. Com a eleição do governo Lula em 2022, essa revogação parece estar em curso e novas consultas públicas estão sendo realizadas para definir o futuro da “Reforma do Ensino Médio”. No entanto, é possível conjecturar que todas as ações vinculadas à EPT no Brasil sempre estiveram imbricadas ao modelo social, em alguns momentos reforçando a tradição e, em outros, ajudando a consolidar modificações.

## 2.5 RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO, O ENSINO FERROVIÁRIO NO BRASIL E EM DIVINÓPOLIS

Segundo Bruno Campos, em sua obra intitulada *Tropas de Aço* (2015, pp.21–22), a partir de 1760, os vagões puxados por tração animal sob trilhos estavam em funcionamento nas minas de carvão e já existiam experimentos de veículos a vapor

na França. Em 1804, tem-se registro da primeira locomotiva, porém seu funcionamento não atendia à lógica do custo/benefício. Somente entre 1825 e 1830 que a locomotiva *Rocket,* de George Stepheson, da estrada de ferro Liverpool-Manchester, deu início ao período ferroviário no mundo. Ainda segundo o autor (2015, p. 22), em 1827 foi inaugurada a primeira ferrovia nos Estados Unidos da América — EUA e até 1870 todos os continentes já utilizavam essa tecnologia, que mudou a humanidade e se espalhou por todo o planeta.

Juntamente com ela, veio a necessidade de criação de uma estrutura de aprendizado em relação à manutenção/ampliação das estradas de ferro. Assim, iniciou-se o ensino ferroviário ao redor do mundo.

Segundo Celso Suckow da Fonseca, um fato marcante sobre a organização do ensino ferroviário foi a utilização das séries metódicas, em 1868, pela Rússia:

> Há quase um século, em 1868, Victor Della Vos, Diretor da Escola Técnica Imperial de Estradas de Ferro, em Moscou, aplicava pela primeira vez aquele sistema de séries metódicas de aprendizagem para a formação de mecânicos. O método foi apresentado na Exposição de Filadélfia, em 1876, e graças às vantagens que trazia, principalmente as de ordem econômica, rapidamente espalhou-se pelas escolas profissionais da Europa e da América, chegando aos nossos dias. (Fonseca, 1986, p. 439)

Nesse contexto, no Brasil, o ensino ferroviário se inicia na ferrovia Central do Brasil, por meio da Escola Prática dos Aprendizes das Oficinas do Engenho de Dentro. Segundo Beaklini (2018), a primeira escola profissional ferroviária foi criada em 1897 e não em 1906, como afirmam alguns autores que discutem a questão:

> […] Embora de forma tardia na Estrada de Ferro D. Pedro II, depois Central do Brasil, somente em 1897 foi criada a Escola Prática de Aprendizes do Engenho de Dentro, com o número limitado a quatro aprendizes, inseridos nas oficinas, para aprenderem pela imitação do trabalho de outros operários, e disponíveis apenas duas matérias: desenho geométrico e de peças de máquinas. Talvez por esse motivo tanto Fonseca (1986), como Cunha (2000) entendam que a escola foi fundada somente em 1906, após reestruturação do curso oferecido, infelizmente lançando a experiência anterior no esquecimento do processo histórico de consolidação da educação técnico profissional no Brasil. (Beaklini, 2018, p. 206)

Apesar de ser criada ainda no século XIX, a primeira iniciativa dedicada ao ensino ferroviário não se alinhou inicialmente com a teoria russa de ensino. Foi somente a partir de 1906, por meio do engenheiro Silva Freire, que essa escola experimentou modificações físicas e pedagógicas que reorganizaram a lógica de

ensino e de aprendizagem. Essa reorganização ocorreu logo após a viagem de Silva Freire para os Estados Unidos da América, cujo objetivo, segundo Adriana Beaklini (2018), foi conhecer as estruturas ferroviárias daquele país para poder replicar na ferrovia Central do Brasil os melhoramentos observados em todas as áreas da estrada de ferro:

> Ao conhecer os métodos de aprendizagem das escolas da New York Central, considerados como um símbolo da modernidade americana, pelo viajante, Silva Freire apropria-se destes modelos para reestruturar a Escola Prática de Aprendizes. Isto representava uma forma de enfrentar as dificuldades de formação de mão de obra no Engenho de Dentro, o que denota que o modelo utilizado até então, com a introdução de aprendizes nas oficinas para aprender fazendo, não estava correspondendo às demandas da empresa ferroviária. (Beaklini, 2018, p. 216)

Celso Suckow da Fonseca (1986, p. 446), afirma que a escola ferroviária da Central do Brasil foi um marco fundamental para a EPT em território brasileiro.

Porém, mesmo com o pioneirismo de Silva Freire para com a referida escola, foi somente na década de 1930 que houve, de fato, uma modificação significativa na estrutura do ensino ferroviário no Brasil. Segundo Beaklini,

> Somente no século XX, podemos discernir a preocupação em criar ensino profissional metodizado na Central do Brasil, com Silva Freire. Mas, a organização propriamente dita ganha força somente na década de 1930, com a combinação das Séries Metódicas Ocupacionais com elementos da Organização Racional do Trabalho, promovida por Roberto Mange, seu maior precursor, principalmente nas escolas profissionais localizadas em São Paulo. (Beaklini, 2018, p.210)

Segundo Eduardo de Araújo Luiz (2018), em sua dissertação de mestrado intitulada *“A Institucionalização do Ensino Ferroviário em Solo Mineiro: 1937–1946”*, diversas foram as ações que influenciaram a criação das Escolas Profissionais Ferroviárias no Brasil, porém o Decreto-lei n.º 1.238, de 2 de maio de 1939, foi fundamental para a consolidação/ampliação do ensino ferroviário brasileiro. Ele foi instituído, conforme o autor, com o fim de determinar a criação de cursos de aperfeiçoamento profissional para trabalhadores. No seu artigo 4º, definia-se que as empresas com mais de quinhentos empregados “se tornavam obrigadas a manter em suas instalações os cursos de aperfeiçoamento com os quais se promovia a formação profissional dos trabalhadores maiores e menores de idade.” (Luiz, 2018, p. 79). Ainda segundo o autor, essa premissa do governo Vargas foi um impulsionador para

remodelar o Ensino Ferroviário em todo território nacional, sendo, a partir de então, criadas diversas escolas com tal finalidade.

A metodologia de ensino utilizada pelas escolas nessa ampliação está intrinsecamente ligada às das escolas ferroviárias paulistas, que estavam conectadas com a Racionalização do Trabalho incentivada pelo IDORT – Instituto de Organização e Racionalização do Trabalho.

> O discurso a favor da racionalização baseava-se principalmente no fordismo, que, por sua vez, incorporou a linha de montagem introduzida pelo taylorismo, priorizando a segmentação das tarefas e o aumento da velocidade em que eram executadas. No entanto, o modelo fordista se preocupava de forma mais ampla com o trabalhador, extrapolando os muros das fábricas. Dessa forma, a indústria deveria desenvolver um setor de serviços sociais, agregando instituições paralelas que se preocupassem com o lazer e a instrução do trabalhador. Os pensadores dedicados aos ideais de racionalização no Brasil se apoderaram tanto dos princípios ligados ao maior rendimento do trabalho nas fábricas, quanto à necessidade da criação de serviços extra fábrica dos quais disporiam os trabalhadores. Assim, podemos concluir: o termo racionalização deve ser entendido como abrangendo uma grande variedade de estratégias para a reorganização do trabalho, e mesmo da vida cotidiana, de acordo com princípios que seus defensores consideraram “científicos”. (...) Esses métodos deveriam resultar, segundo se esperava, numa maior eficiência e produtividade, que redundariam em benefícios para patrões, empregados e consumidores. (Zucchi, 2005, p.7)

Segundo Fonseca (1961), a lógica da racionalização do trabalho foi a base para a estruturação do CFESP (Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional) oriundo do Serviço de Ensino Profissional da Sorocabana,

> As estradas de ferro que se ligaram para a formação do Centro foram a E. F. Sorocabana, Cia. Paulista de Estradas de Ferro, E. F. Central do Brasil, Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, E. F. Araraquara, E. F. Campos de Jordão, E. F. Noroeste do Brasil e Tramway de Cantareira, tôdas cortando o território paulista. (Fonseca, 1961, p. 449)

Conduzidos por Roberto Mange, as oito estradas de ferro deram início a este centro com objetivo de uniformizar e aumentar a qualidade e a velocidade da formação profissional. O CFESP assumiu a tarefa de padronizar uma estrutura de ensino baseada na “aprendizagem prática na instituição de séries metódicas de trabalhos, para cada um dos ofícios ensinados” (FONSECA, 1961, p. 451).

Diversos intelectuais e industriais dedicaram tempo e energia para que essa lógica da racionalização fosse implantada de maneira definitiva na indústria brasileira.

> A partir dos nossos estudos, concluímos que o Instituto de Organização

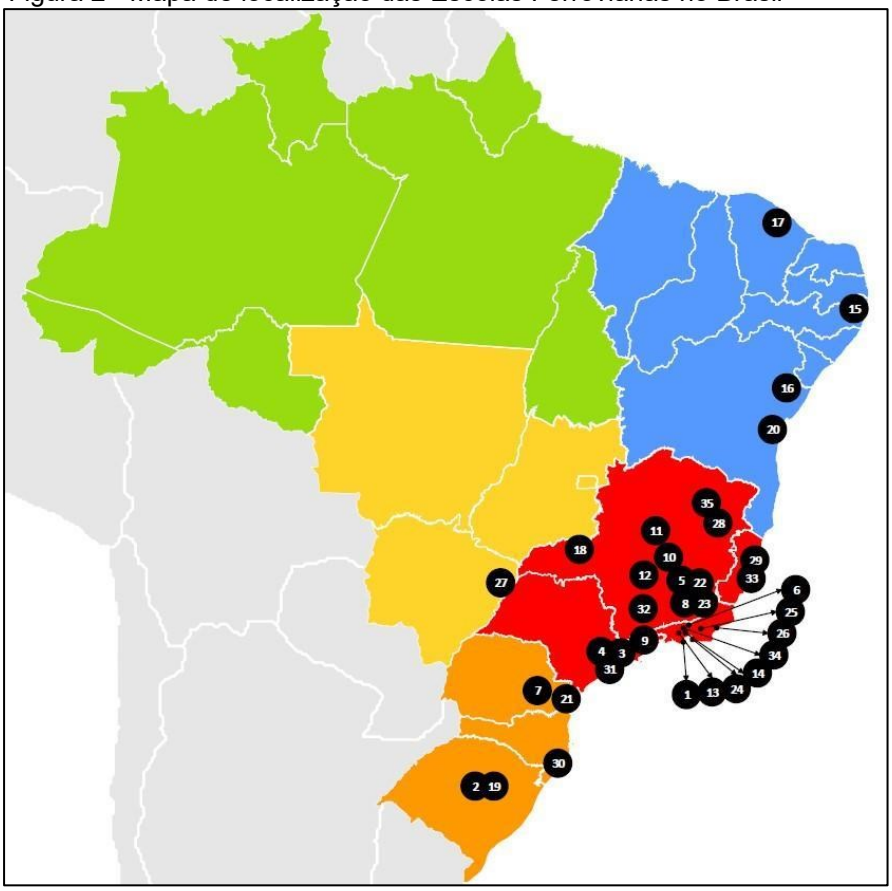
> Racional do Trabalho foi uma instituição de “excelência”, do pensamento burguês, ou seja, que atendeu aos objetivos traçados para elaboração, sistematização e divulgação das teses sobre racionalização do trabalho. Tornou-se o centro das atenções, o principal articulador e referência dos interesses dos industriais. Sua atuação extrapolou as ações de um Instituto, tornando-se de fato um partido político dessa burguesia, pois elaborava programas e projetos para diversas áreas da sociedade, para a produção racional e para a educação, com a participação de um grupo de escolanovistas (Lourenço Filho, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira e Noemy da Silveira Rudolfer), além de professores da Escola Politécnica da USP, como Victor da Silva Freire e Antônio de Paula Souza e os professores de medicina da USP, Geraldo de Paula Souza e Antônio Carlos Pacheco e Silva. Foi a partir do IDORT que se discutiu, sistematizou e divulgou as teses para a educação profissional no país, tendo como expoentes, Roberto Mange e Lourenço Filho, além do apoio considerável de Fernando de Azevedo e Noemy da Silveira, ou seja: a proposição para a educação brasileira, o manifesto dos pioneiros e toda a proposta para as leis orgânicas foram traçadas a partir do IDORT. Entendemos, ainda, que a educação foi um campo, privilegiado na luta pela consolidação do projeto industrialista no país. Várias frentes foram traçadas para a concretização desse projeto estratégico. Na educação formal, estava à frente Fernando de Azevedo, propondo e articulando o Manifesto dos Pioneiros. Na educação profissional, estavam Lourenço Filho e Roberto Mange, desenvolvendo experiências e avançando com propostas. Roberto Simonsen fazia outra frente como engenheiro, industrial e articulador político respeitado pela burguesia, sempre lutando pelas ideias de racionalização e formação de uma elite de administradores da grande indústria. (Batista, 2016, p. 11)

Em Divinópolis-MG esta influência também efetivou modificações. A ferrovia foi impactada diretamente por essa lógica organizacional, como aponta a Profª. Batistina Corgozinho (1989), em sua dissertação de mestrado, *“Pelos Caminhos da Maria Fumaça: o trabalhador ferroviário — formação e resistência pelo trabalho”.* A pesquisa da professora é um estudo detalhado sobre a trajetória da ferrovia e dos ferroviários em Divinópolis, apontando, também, o sistema de formação utilizado. A implantação de uma nova metodologia de organização e racionalização do trabalho na RMV coincide com a chegada da Escola Profissional Ferroviária em Divinópolis, como será descrito no subtópico “*A CRIAÇÃO, INSTALAÇÃO DA ESCOLA, O VÍNCULO COM CFESP E O ESPAÇO FÍSICO”* na “Análise de Dados”.

A EPFD faz parte de um conglomerado de escolas ferroviárias criadas em diversas partes do Brasil. O projeto do ensino ferroviário foi se expandindo até alcançar a marca de 35 (Fonseca, 1986) unidades educacionais espalhadas pelo território nacional. Com intuito de visualizar a localização destas 35 escolas ferroviárias, foi transcrito para este trabalho a figura construída por Maria Cristina Lima (2016) em sua dissertação de mestrado. Esta autora estudou a Escola Profissional Fernando Guimarães na cidade de Santos Dumont-MG e ilustrou a informação disponibilizada por Celso Suckow da Fonseca a partir do mapa do Brasil indicando

onde foi instalada cada unidade escolar;

Figura 2 - Mapa de localização das Escolas Ferroviárias no Brasil




**Fonte: LIMA (2016, p.52)**

Quadro 2 - Índice cronológico da criação das Escolas Ferroviárias no Brasil

| Id. | Ano | Nome, local e Pertencimento da Escola |
|---|---|---|
| 01 | 1906 | Escola Prática de Aprendizes das Oficinas do Engenho de Dentro (RJ), da EFCB; |
| 02 | 1922 | Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor, em Santa Maria (RS), da VFRGS; |
| 03 | 1924 | Escola Profissional de Mecânica (SP), do LAOS; |
| 04 | 1939 | Profissional Assis Ribeiro (SP), da EFCB; |
| 05 | 1939 | Escola Profissional Eugênio Feio, em Lafaiete (MG), da EFCB; |
| 06 | 1939 | Escola Profissional Jorge Franco, em Três Rios (RJ), da EFCB; |
| 07 | 1940 | Escola Profissional Cel. Tibúrcio Cavalcânti, em Ponta Grossa (PR), da RVPSC; |
| 08 | 1941 | Escola Profissional Fernando Guimarães, em Santos Dumont (MG), da EFCB; |
| 09 | 1941 | Escola Profissional Luís Carlos, em Cachoeira Paulista (SP), da EFCB; |
| 10 | 1941 | Escola Profissional Mário Castilhos, em Belo Horizonte (MG), da EFCB; |
| 11 | 1941 | Escola Profissional Carvalho Araújo, em Corinto (MG), da EFCB; |
| **12** | **1941** | **Escola Ferroviária de Divinópolis, em Divinópolis (MG), da RMV;** |
| 13 | 1942 | Escola Profissional Henrique Goulart, em Barra do Piraí (RJ), da EFCB; |
| 14 | 1942 | Escola Profissional Carvalho de Sousa, em Governador Portela (RJ), da EFCB; |
| 15 | 1942 | Escola Ferroviária Benvenuto Lubambo, em Jaboatão dos Guararapes (PE), da RFN; |
| 16 | 1942 | Escola Ferroviária de Alagoinhas, em Alagoinhas (BA), da VFFLB; |
| 17 | 1942 | Escola Ferroviária de Fortaleza, em Fortaleza (CE), da RVC; |
| 18 | 1942 | Escola Profissional Ferroviária de Araguari, em Araguari (MG), da EFG; |
| 19 | 1943 | Escola Ferroviária de Santa Maria, em Santa Maria (RS), da VFRGS; |

| | | |
|---|---|---|
| 20 | 1943 | Escola Ferroviária de Nazaré, em Nazaré (BA), da EFN; |
| 21 | 1944 | Escola Profissional Cel. Durival de Brito, em Curitiba (PR), da RVPSC; |
| 22 | 1944 | Escola Ferroviária de Bicas, em Bicas (MG), da EFL; |
| 23 | 1944 | Escola Ferroviária em Porto Novo, em Além Paraíba (MG), da EFL; |
| 24 | 1945 | Escola Profissional de Sete Pontes, em São Gonçalo (RJ), da EFCB; |
| 25 | 1945 | Escola Ferroviária de Cachoeira de Macacu, em Cachoeira de Macacu (RJ), da EFL; |
| 26 | 1945 | Escola Ferroviária de Imbetiba, em Macaé (RJ), da EFL; |
| 27 | 1945 | Escola Ferroviária de Três Lagoas, em Três Lagoas (MS), da EFNB; |
| 28 | 1948 | Escola Ferroviária de Ladainha, em Ladainha (MG), da EFBM; |
| 29 | 1948 | Escola Ferroviária de João Neiva, em João Neiva (ES), da EFVM; |
| 30 | 1950 | Escola Ferroviária de Tubarão, em Tubarão (SC), da EFDTC; |
| 31 | 1951 | Escola Ferroviária de Paranapiacaba, em Santo André (SP), da EFSJ; |
| 32 | 1951 | Escola Ferroviária de Lavras, em Lavras (MG), da RMV; |
| 33 | 1952 | Escola Ferroviária de Vitória, em Vitória (ES), da EFVM; |
| 34 | 1954 | Escola Profissional Ernani Cotrim, em Valença (RJ), da EFCB; |
| 35 | 1958 | Escola Profissional de Montes Claros, em Montes Claros (MG), da EFCB |

Fonte: Fonseca (1986, p. 470)

A figura e o quadro acima afirmam que entre 1906 e 1958 foram criadas 35 Unidades de Ensino Ferroviário em todo país. Entendemos que em Minas Gerais o Ensino Ferroviário começa em 1939 com a Escola Profissional Eugênio Feio, em Lafaiete (MG) sob a orientação da Divisão de Ensino e Seleção - DES - da Central do Brasil do Rio de Janeiro.

A formação ferroviária impactou direta ou indiretamente lugares e pessoas. Estudar sobre essa temática, registrar os resultados da proposta de pesquisa e dialogar com essa instituição tão significativa para os indivíduos e operários da sua época foi fundamental na compreensão desses impactos e suas consequências para o desenvolvimento local e nacional, sobretudo para o desenvolvimento da EPT em Divinópolis-MG.

## 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa trabalhou com a memória e a história da Educação Profissional Tecnológica em Divinópolis-MG, por meio do estudo da Escola Profissional da Rede Ferroviária. O trabalho, sob esse viés, com pessoas ou instituições é desafiador, pois,

> se entendermos que a memória só se explica pelo presente, pode-se afirmar que é deste presente que ela recebe incentivos para se consagrar enquanto um conjunto de lembranças de determinado grupo. São, assim, os apelos do presente que nos explicam o porquê a memória retira do passado apenas alguns dos elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e sem contradições. A história, por sua vez, “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 9). Ao contrário da

> memória, a história busca uma representação crítica do passado. Assumir, portanto, a complexidade da história é a primeira de nossas tarefas. O fato de estarmos cientes da dificuldade de construí-la afasta-nos, mas não elimina o perigo de construirmos apenas memórias. (Motta, 2003, p. 182)

Memória e história não são sinônimas ou antônimas, são diferentes. Rossi busca auxílio na filosofia para conceituar a primeira: “Segundo Aristóteles, a memória precede cronologicamente a reminiscência e pertence à mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal” (Rossi, 2010, p.15). As memórias dependem do presente para se corporificarem, ou seja, o indivíduo lembra o passado com o corpo, os sentidos e emoções do presente. Por isso, buscar metodologias que se inter-relacionam com a história é fundamental para se trabalhar com as memórias, individuais ou coletivas. A metodologia da História Oral é uma dessas ferramentas que possibilita essa interface.

Ela é amplamente utilizada como ferramenta de pesquisa confiável, podendo apresentar elementos robustos como matéria-prima para análise e composição dos resultados da pesquisa. De acordo com Verena Alberti,

> […] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como conseqüência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (Alberti, 2013, p. 23)

Esta metodologia pauta-se em um trabalho qualitativo, focando o olhar a partir do micro, do individual para compreender ou perceber o macro, o coletivo. Ela se limita a “ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance.” (Alberti, 2013, p. 27).

Nessa perspectiva, essa metodologia foi fundamental para registrar e analisar os depoimentos dos sujeitos que estudaram/trabalharam na Escola Profissional da Rede Ferroviária de Divinópolis. Como, até o momento, as fontes sobre essa instituição educacional são parcas, o uso desta metodologia para acessar a informações relevantes na descrição do *modus operandi* da escola profissional, bem como os impactos desse educandário no município, serão importantes. Nesse sentido, José Carlos Meihy, coordenador do Núcleo de História Oral da USP e um dos pioneiros no uso dessa metodologia no Brasil afirma que “O uso da história oral,

deveria ser aplicado onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados" […]. (Meihy, 2006, p. 197)

Em um levantamento prévio no Arquivo Público do Município de Divinópolis, foi possível identificar ferroviários que estudaram e trabalharam na escola, bem como o último diretor da Escola Profissional Ferroviária. A metodologia da História Oral foi aplicada nas entrevistas com esses sujeitos e outros que surgiram no decorrer da realização do trabalho. As entrevistas foram semiestruturadas, lembrando que, de acordo com o Manual de História Oral, de Verena Alberti,

> O trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças. (Alberti, 2013, p. 32)

De acordo com Alberti (2013, p.47), as entrevistas podem ser divididas em duas categorias: a Temática e a História de Vida. A autora argumenta que a História de Vida exige muito tempo e recursos e a primeira, por ser mais direcionada, proporciona uma construção mais objetiva. "As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido […]" (Alberti, 2013, p. 32). Já as de História de Vida, focam na vida do entrevistado, do nascimento até o momento da entrevista, perpassando, em momentos, pelo objeto de estudo. Portanto, neste trabalho, foram executadas entrevistas temáticas, direcionadas ao período em que a Escola Profissional da Rede Ferroviária funcionou em Divinópolis (décadas de 1940 a 1970). O roteiro de entrevista foi um norte para apontar possíveis questões, no entanto, o processo da entrevista é dinâmico e exigiu adaptações e intervenções, no diálogo entre entrevistador e entrevistado. Cada indivíduo é único e suas experiências também o são.

Depois das entrevistas realizadas, o foco foi para a transcrição das falas e a análise desse conteúdo. A transcrição foi feita manualmente e retratou fielmente as falas dos entrevistados. Somente os trechos inaudíveis e as intervenções de terceiros que não se conectavam com a temática foram suprimidas ou registradas adequadamente.

Mesmo sendo uma história recente, foi fundamental a busca por fontes

particulares sobre a Escola Profissional Ferroviária. Os ferroviários e seus filhos que participaram direta ou indiretamente da Escola Profissional da Rede registraram essa participação de diversas maneiras. Além dos registros em suas memórias também guardaram documentos, como diplomas, fotos, boletins, cadernos, ferramentas, dentre outros. Esses registros foram fundamentais e foram sendo descobertos a partir do método indiciário de Carlo Ginzburg.

> Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas — sinais, indícios — que permitem decifrá-la. Essa idéia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. (Ginzburg, 1989, p.177)

Carlo Ginzburg defende que os indícios podem levar à *firasa*. “A antiga fisiognomonia árabe estava baseada na *firasa*: noção complexa, que designava, em geral, a capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base de indícios.” (1989, p. 178). Esse movimento em espiral que vai do desconhecido para o conhecido e vice-versa descreve bem o desenvolver da investigação. Concentrar na possibilidade de descobrir algo novo a partir dos detalhes é se colocar preparado tanto para a construção quanto para a desconstrução das afirmações e conceitos encontrados.

A *firasa* apresenta a possibilidade de adentrar no processo de investigação ciente que tudo pode mudar a partir de um gesto, um objeto ou uma emoção apresentada de maneira voluntária ou não. Nesse sentido, Ginzburg (2004) defende a observação de indícios como conexões para avançar no percurso da investigação, os detalhes são a chave para chegar ao todo, sobretudo quando se trata das narrativas. Essas são carregadas de agregados das memórias, ou seja, de sentimentos, imagens, os anacronismos entre a realidade da época e a contemporaneidade.

Outro elemento que o autor traz para compor o Paradigma Indiciário é o acaso. Ele fala da importância de se deixar “guiar pelo acaso e pela curiosidade, e não por uma estratégia consciente” (Ginzurg, 1989, p. 12). Essa observação a partir do não previsto pode levar o pesquisador a encontrar outros acessos e possibilidades para avançar nos resultados.

Para o referido autor, o historiador precisa, além do acaso, do que chamou de faro, do golpe de vista e da intuição. Esses elementos, todos juntos e usados de maneira consciente, podem proporcionar observações mais conectadas com os fatos.

Trabalhar com o Paradigma Indiciário é observar e analisar a partir de critérios científicos vinculados à subjetividade dentro de um universo de pesquisa que considera o micro com a mesma importância do macro. As metodologias tanto da História Oral quanto do Paradigma Indiciário se inter-relacionam proporcionando o registro e a observação deste. Ambas primam pelo respeito às individualidades, sem deixar de correlacionar os relatos e visões de mundo com as demais fontes históricas, bem como registros oficiais.

Esses registros oficiais, sejam no âmbito do município ou no nacional, serão também importantes para a interpretação e, em alguns casos, confirmação das narrativas obtidas. Uma busca ativa por documentos da época foi realizada a partir do Arquivo Público do Município de Divinópolis-MG. Periódicos da época — jornais como o "Divinópolis - Jornal", "A Semana", "O Grêmio", "Folha do Oeste" dentre outros — encontram-se digitalizados e foram muito importantes para a pesquisa, eles relataram indícios de como a EPFD se relacionava com o local e vice-versa, ora confirmando, ora negando os argumentos apresentados pelos entrevistados. Foi um trabalho de investigação e interpretação, utilizando fragmentos minúsculos ou grandes histórias para compor essa interpretação.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Antes de focarmos na análise dos dados obtidos através das entrevistas e dos documentos impressos consultados, é importante registrar que os aportes das hemerotecas digitais foram fundamentais. Tanto a hemeroteca do Arquivo Público do Município de Divinópolis-MG, quanto à plataforma da Biblioteca Nacional foram imprescindíveis para balizar as análises das entrevistas. Os jornais locais e nacionais, como *"Divinópolis - Jornal"*, *"A Semana"* e o *"Correio Paulistano"*, foram fontes fundamentais de informação. É importante salientar que nem sempre foram encontrados artigos grandes ou com alto geral de criticidade sobre o tema pesquisado, na maioria dos casos são informações curtas e com intuito de enaltecer as iniciativas voltadas para a formação profissional.

Outro "lugar de memória" importante para as pesquisas foi o grupo de *Facebook* denominado *Esplanada este Lugar*[7]. O grupo hoje (agosto/2023) conta com mais de 2500 membros e o objetivo principal é ampliar o registro da memória coletiva

[7] https://www.facebook.com/groups/919633521452397/

a partir de contribuições individuais sobre este bairro tradicional da cidade de Divinópolis. O bairro Esplanada foi originado pela Vila Operária da Rede Ferroviária, portanto, os moradores, direta ou indiretamente possuem uma relação com a vida ferroviária.

As entrevistas com os egressos da EPFD e o pessoal técnico que atuou na escola também foi um material ímpar. Carregado de emoção e lembranças irrigadas por memórias e sentimentos, os ferroviários aposentados foram o primeiro acesso às informações sobre a escola. Foram feitas 6 entrevistas relacionadas diretamente com a EPFD, todas foram utilizadas para compor a análise de dados. Os entrevistados serão identificados da seguinte maneira: TorneiroMecânico1943, Eletricista1948, Ajustador1968, Montador1971, DiretorEPFD e DiretorSENAI.

O entrevistado TorneiroMecânico1943, entrou para a EPFD em 1943 e para a rede ferroviária pouco tempo depois de concluir o curso, ficou na rede até sua aposentadoria no cargo de Torneiro Mecânico. O Eletricista1948 entrou para a EPFD em 1945 e formou 3 anos depois, sua formação não foi área elétrica, mas as demandas da ferrovia o direcionaram para esta atuação até sua aposentadoria. O entrevistado Ajustador1968 participou da última turma da EPFD, e, assim que se formou, não atuou na ferrovia, foi direto para outras empresas em São Paulo - SP, retornando posteriormente para Divinópolis e ingressando na ferrovia como ajustador mecânico. O entrevistado DiretorEPFD foi o último diretor da EPFD, era ferroviário escriturário, iniciou sua carreira em 1952, foi escolhido pelos demais parceiros para assumir a direção da escola em 1961. Sua administração foi até o encerramento da escola em 1972, depois do encerramento da Escola passou a dirigir o Centro de Formação e Seleção da ferrovia até 1982, quando se aposentou. O entrevistado DiretorSENAI chegou na cidade em 1979 para acompanhar as obras de construção da unidade do SENAI e desde então assumiu o posto de diretor, encerrando sua carreira no SENAI em 1999. Já o entrevistado Manutenção1971, entrou para a Escola Profissional em 1968, formou como ajustador mecânico, porém se especializou na manutenção de freios.

Outro ponto importante foi o acesso à dissertação do Prof. Eduardo de Araújo, (*A institucionalização do ensino ferroviário em solo mineiro: 1937-1946*), defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG. Nela foi possível visualizar diversas situações que permearam as políticas em torno das implantações das diversas instituições voltadas para o ensino profissional do

ferroviário. Como um dos objetivos do trabalho estava voltado para a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, muitas informações e análises importantes desta obra contribuíram para a confecção do presente capítulo.

Com relação à estruturação da análise, o livro organizado por Paolo Nosella e Ester Buffa, *Instituições Escolares: por que e como pesquisar*, é um marco referencial que ajudou a organizar a maneira de execução da análise. A argumentação do livro gira em torno do histórico e da metodologia de estudo das instituições escolares no Brasil. Sendo mais preciso, no primeiro capítulo, dentro do subtítulo “Estudos atuais” os autores apresentam “tópicos que funcionam como categorias de análise” (NOSELLA e BUFFA, 2013, p. 19). Essas categorias de análise foram transformadas em tabela e inseridas abaixo. Esta tabela apresenta um resumo que, segundo os autores. indica itens importantes a serem observados ao estudar uma Instituição Escolar.

Quadro 3 – Tabela Baseada em PaolloNoselha e Ester Buffa (2013) Preenchida

| **ITENS A SEREM OBSERVADOS DURANTE O ESTUDO DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR** | | |
|---|---|---|
| **Contexto histórico** | Circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola | Decreto-lei 1.238 de 1939, empresas com mais de 500 funcionários tinham a obrigação de oferecer ensino profissional. Mão de obra especializada escassa no Brasil e sobretudo em Divinópolis. O aumento da demanda de itens industrializados durante a Segunda Guerra Mundial.<br>Decreto N. 6.029, de 26 de julho de 1940;<br>Decreto-lei nº 5.607, de 22 de junho de 1943 |
| **Processo evolutivo** | Origens | CFESP – Centro de Formação e Seleção Profissional de São Paulo e toda a estrutura envolvida nesse centro. |
| | Apogeu | Não foi possível definir o apogeu, podemos indicar que com a federalização da Rede Mineira de Viação em 1957, houve uma melhora na estrutura ferroviária, o que pode ter impactado positivamente na escola também. |
| | Situação atual | A escola foi desativada no final de 1972. Toda sua estrutura e funcionários foram direcionados para o Centro de Treinamento e Seleção da Rede que na atualidade é denominada Universidade Vli e é totalmente privatizada. Essa Universidade é voltada exclusivamente, para a formação do trabalhador ferroviário contratado pela empresa Vli! |
| | Vida escolar | Entre 1941 até 1972, funcionou como uma escola técnica, oferecendo formação propedêutica e técnica, voltada para formar técnicos especializados na manutenção ferroviária, equivalente ao atual ensino médio técnico. |
| **O edifício** | Organização do espaço | O prédio era um galpão industrial com conjunto de equipamentos distribuídos conforme a demanda da estrada de ferro. Havia também salas de aula para atividades propedêuticas e um espaço para administração escolar. O galpão se localizava dentro das oficinas de Divinópolis. As diversas dependências das oficinas também eram utilizadas durante os estágios. |
| | Estilo | Industrial |
| | Acabamento | Industrial |
| | Implantação | A implantação foi feita pela Rede Mineira de Viação em 1941. |

| | | |
|---|---|---|
| | Reformas e eventuais descaracterizações | O prédio foi totalmente reformado, porém, as fachadas foram preservadas. A parte interna das instalações foram todas modificadas para atender as demandas da Universidade VIi e do Almoxarifado das oficinas da VIi. |
| **Alunos** | Origem social | Qualquer pessoa com idade entre 13 e 16 anos poderia realizar a prova de seleção para ingresso na escola. Em caso de empate, os filhos de ferroviários tinham preferência. |
| | Destino profissional e suas organizações | Atividades nas oficinas da Rede Ferroviária e demais indústrias do país. |
| **Professores e administradores** | Origem | Durante a fundação, vieram professores do CFESP/SENAI para formação do pessoal local. O pessoal local era composto por: Área Técnica (selecionados diretamente dos quadros de funcionários da Rede) e Formação Geral (os professores e professoras eram contratados como ferroviários pela estrada de ferro).<br>O diretor da escola ocupava o cargo de Professor Chefe, era indicado pelo Engenheiro Chefe das Oficinas. Sua origem era ferroviária, precisava ser ferroviário, ou da área técnica ou funcionário dos escritórios. |
| | Formação | Os professores e professoras da Formação Geral tinham a formação exigida na época para atendimento nas escolas governamentais. Os professores das Áreas Técnicas eram Mestres de Ofício com experiência comprovada nas disciplinas que iriam lecionar. Não havia concurso para professor, esses profissionais eram escolhidos pelo Engenheiro Chefe das Oficinas da Rede.<br>Para o cargo de diretor, não havia uma habilitação específica, era um cargo de confiança indicado pelo Diretor Geral das Oficinas. |
| | Atuação | Os professores e professoras da Formação Geral atuavam tanto em sala de aula quanto na parte burocrática da escola. Os professores da área técnica atuavam somente na escola Profissional.<br>Todos cuidavam da parte “burocrática”. Seleção dos candidatos, disciplina, organização das atividades, despacho dos documentos de alunos e professores, controles de frequencia, |
| | Organização | Pertenciam ao sindicato dos ferroviários. |
| **Saberes** | Currículo | Não foram encontrados documentos que descrevam qual currículo adotado, porém, pelos relatos dos estudantes e matérias de jornais, podemos deduzir que o currículo adotado foi o mesmo que movimentou as escolas ferroviárias paulistas. O grande foco dos trabalhos da escola eram a racionalização do trabalho para a criação de um operário mais consciente e conectado com a lógica da Racionalização do Trabalho. A mudança do foco do ensino assistencialista voltado para os órfãos e desvalidos da sorte alterado para o ensino aos sujeitos aptos no desenvolvimento daquela atividade, verificados através de provas de seleção e testes psicotécnicos. |
| | Disciplinas | 1º ano: Português, Matemática, Desenho, Tecnologia, Tornearia, Carpintaria, Ajustagem e Ferraria. Estágio uma vez por semana em algum setor da oficina.<br>2º ano: Português, Matemática, Desenho, Física Mecânica, Higiene/Ciências, E.M.C. (Ensino Moral e Cívica), (A disciplina técnica era voltada para a função que iria desempenhar após o curso) Tornearia ou Ajustagem ou Ferraria ou Carpintaria. Estágio uma vez por semana em algum setor da oficina.<br>3º ano: Português, Matemática, Desenho, Física Mecânica, |

| | | |
|---|---|---|
| | | Higiene, Ginástica, (A disciplina técnica era voltada para a função que iria desempenhar após o curso) Tornearia ou Ajustagem ou Ferraria ou Carpintaria. Estágio uma vez por semana em algum setor da oficina. |
| | Livros didáticos | Não havia livros didáticos. Todo material era escrito no quadro e anotado em cadernos. |
| | Métodos e instrumentos de ensino | Método Dellavoz/Séries Metódicas e Seleção Profissional |
| | Notas/avaliações | As notas eram organizadas por médias globais. As médias vinham separadas por área: média da formação geral, média da formação técnica e comportamento. A frequencia das avaliações era bimestral, sendo o estudante ranqueado na turma de acordo com suas médias. Esse ranqueamento era utilizado na escolha do ofício. Os primeiros colocados escolhiam primeiro, porém, essa escolha era influenciada pelas áreas de melhor desempenho do estudante. Ex. O estudante foi o primeiro colocado e sua nota em tornearia é superior as demais, provavelmente o estudante iria se concentrar no 2º e 3º ano em tornearia. A avaliação conhecida como Peça de Prova, ao final do ano letivo era determinante para a aprovação do estudante, era o momento mais tenso do curso, pois, se reprovasse nessa avaliação, teria que repetir o ano. |
| | As aulas | As aulas seguiram o ritmo de horário das oficinas. 07:00 às 11:00 e 12:30 às 17:30, com algumas exceções em que as aulas eram organizadas até 15:30. |
| **Normas disciplinares** | Uniforme | O uniforme não era fornecido pela escola, porém seguia o padrão da oficina. Macacão de trabalho com chapéu sem abas para o dia a dia na escola e um uniforme de gala, camiseta branca e calça branca com emblema da Escola Profissional e chapéu sem abas. |
| | Alimentação | A escola não fornecia alimentação. Os intervalos eram os mesmos da indústria, tanto para lanche quanto para o almoço. Os estudantes normalmente almoçavam em casa ou levavam marmitas. |
| | Regimentos | Não foram encontrados. |
| | Organização do poder | O engenheiro Chefe das Oficinas detinha o maior poder hierárquico. Na sequência era o Professor Chefe (diretor da escola) e depois os professores. Não foi relatada a presença de uma estrutura hierárquica dos estudantes. |
| | Burocracia | O estudante era considerado um trabalhador ferroviário em formação, portanto, ficava submetido a uma estrutura burocrática muito próxima do trabalhador efetivo. Licenças, faltas, indisciplina, horários, etc., todos seguiam a mesma estrutura da oficina. Havia um setor responsável por essa organização. Segundo um dos entrevistados a Profª. De português era uma das pessoas destinadas para esse trabalho quando não estava em aula. |
| | Prêmios | O estudante recebia um valor mensal, de acordo com suas notas e presença. As faltas eram descontadas. Esse valor foi recebido até por volta de 1970.<br>O estudante com maior nota recebia uma caderneta de poupança no final do curso.<br>Foram relatados alguns campeonatos de futebol que foram vitoriosos. O time de futebol da “Escola Profissional era famoso”. |
| | Castigos | Advertência verbal; Advertência verbal na presença dos pais; Suspensão; Fazer a higienização (varrer) dos espaços escolares sozinho. |

| | | |
|---|---|---|
| **Eventos** | Festas | Formaturas. |
| | Exposições | Peça de Prova final. |
| | Desfiles | Desfiles em datas cívicas. |

O quadro acima se apresenta como um resumo das observações a serem feitas nos tópicos a seguir.

## 4.1 A CRIAÇÃO, INSTALAÇÃO DA ESCOLA, O VÍNCULO COM CFESP E O ESPAÇO FÍSICO

Os investimentos feitos na formação profissional pelo Governo Vargas nas décadas de 1930 e 1940 coincidem com o período de criação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis (1941). Diversos decretos foram criados para dar suporte a essa expansão, como citado por Eduardo Araújo;

> A leitura e a interpretação dos decretos-lei expedidos pelos Ministérios da Educação e do Trabalho indicam que a educação profissional era incorporada pelo governo Vargas às suas estruturas institucionais de poder. Nesse sentido, através dos decretos-lei números 1.238/39, 6.029/40, 3.306/41, 4.481/42, 5.607/43 e 12.674/43 eram firmados os instrumentos com os quais o poder de Estado formulava toda uma política pública para a promoção da formação profissional. (Araújo, 2018, p.11)

Os decretos acima citados tratavam, dentre outros assuntos, do suporte para a estruturação da Educação Profissional, e, segundo o que foi noticiado pelo jornal *Correio Paulistano*, foi exatamente o que determinou a criação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis;

> [...] Em Divinópolis, obedecendo ao decreto-lei do governo federal que determina a obrigatoriedade do ensino profissional nas empresas que contém mais de 500 operários, foi inaugurada a Escola Profissional Ferroviária para formação do pessoal ferroviário da R.M.V.[em 12 de março de 1941 – grifo nosso] (Correio Paulistano, 18 de mar. de 1941, p.6)

A citação anterior trata, especificamente, do Decreto-lei 1.238, de 1939, que diz o seguinte;

> Art. 1º Nos estabelecimentos em que trabalhem mais de quinhentos empregados deverá o empregador reservar-lhes local abrigado, higiênico e devidamente aparelhado, onde possam fazer as refeições no intervalo de trabalho. [...] Art. 4º Os estabelecimentos a que se refere o art. 1º manterão, igualmente, cursos de aperfeiçoamento profissional para adultos e menores, de acôrdo com o regulamento cuja elaboração ficará a cargo dos Ministérios

> do Trabalho, Industria e Comércio e da Educação e Saúde. (Brasil, 1939).

Este decreto-lei faz parte do arcabouço legal criado pelo governo da época para fomentar a remodelação do ensino profissional no Brasil. Estas ações, de certa maneira, forçaram os conglomerados industriais a repensarem suas estruturas e com certeza impactaram no *modus operandi* adotado até então.

Procurando por notícias nos periódicos locais, encontramos o *Divinópolis - Jornal*, que anunciou a Escola Profissional Ferroviária, sempre enaltecendo ou informando sobre o início das atividades ou vagas nos cursos;

> A Rede Mineira de Viação, como todos sabem, mantem nesta cidade uma escola profissional ferroviária. Certamente para o custeio desse estabelecimento de ensino profissional, a Rêde dispende de apreciável soma. Estabelecimentos de ensino profissional deveriam ser espalhados por todo o Brasil, na preparação do homem para o trabalho, na prática de uma política que só benefícios poderia trazer. (Divinópolis-Jornal, 18 de Abril de 1943, p.1)

É explícita a representação positiva que o periódico tinha da Escola Profissional Ferroviária. Esta escola surge como a primeira instituição na cidade a se organizar para atender às demandas do ensino técnico na formação para o trabalho, dentro e fora dos muros da ferrovia. Uma das evidências que podem explicar a demanda por uma formação ferroviária mais ampliada pode ter sido a estrutura de formação adotada pela RMV anterior a 1941. A Prof.ª Batistina Corgozinho, em sua já citada obra, entrevistou diversos ferroviários que atuaram na RMV antes da chegada da Escola Profissional. Dentre as diversas falas, alguns entrevistados narraram como era o sistema de formação do trabalhador;

> Não tinha instrução. A instrução era se você era bom para pegar no serviço, se soubesse trabalhar, se tivesse força, se tivesse coragem para enfrentar o que eles mandavam fazer, esses ficavam. Aprendia a profissão na estupidez. O que tivesse cabeça ia, o que não tivesse ficava, ficava lá embaixo a vida inteira. Tinha chefe, coitado, que não tinha instrução nem para ele, esta é que era a verdade. Cada um procurava o que fazer, (trabalhador de tração, 71 anos).
> O serviço é que ensinava porque o sujeito não tinha tempo. Muitas vezes o sujeito ensinava quando tinha um defeito. Isso é assim, você faz assim. Para poder puxar um lado da locomotiva é assim. Fecha o vapor é aqui. O dia que não tiver metro você mede com uma varinha. Então tinha esta coisa, tinham os macetes conforme a gente fala no serviço, mas teoria não existia. Era unicamente os conhecimentos que o próprio serviço ensinava a gente. (trabalhador da tração, 71 anos) (Corgozinho, 2014, p. 117-118)

Os ferroviários entrevistados por Corgozinho em seu trabalho enfatizam uma

deficiência na estrutura de formação do profissional ferroviário na Rede Mineira de Viação. A metodologia apresentada acima estava conectada com a lógica do Método Intuitivo[8]. Esse método, segundo Vera Valdemarin (2001, p.158), "[...] pode ser sintetizado em dois termos: observar e trabalhar". Um dos problemas dessa lógica de formação, é que ela é lenta e com dificuldades de acompanhamento e uniformização das ações pedagógicas, além de não correspondera demanda por uma formação que atendesse ao déficit de ferroviários que precisavam ser preparados para a ferrovia. Portanto, a capacitação para o desenvolvimento da atividade técnica local era uma necessidade, como cita a reportagem do jornal *Correio Paulistano;*

> Dificuldades de diversas naturezas conspiram contra a execução dessa obra de grande envergadura e evidente alcance social. O problema de formação de pessoal qualificado para as várias funções ferroviárias vinha se agravando com o correr do tempo, exigindo das administrações e dos governos uma providência urgente. O custo das reparações do material rodante, em particular, vinha subindo devido a capacidade reduzida de producção do operariado que, pelo esforço próprio e sem instrucção technica controlada, vinha produzindo em condições precárias de efficiencia e perfeição de serviço. Ao assumir a direção da Rêde, o dr. Demerval Pimenta compreendeu a gravidade do problema e incumbiu seus engenheiros de estuda-lo apresentando a solução que o mesmo merecia. Essa solução que acaba de se apresentar, foi obtida com a creação do núcleo de ensino que foi agora fundado em Divinópolis e que, seguindo um programma minunciosamente estudado, vae se desenvolver nos anos que se seguem, até atingir o grau de perfeição compatível com as necessidades e as aspirações da Rêde[9]. (Correio Paulistano, 19 de mar. 1941, p. 4)

Ao analisar o recorte acima, é possível inquirir três situações: a primeira é que não foi só para atender ao proposto pelo decreto 1238/39 que a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis foi criada. O jornal *Correio Paulistano,* evidencia a carência de mão de obra qualificada para desempenhar as atividades demandadas pela ferrovia, isso mostra a importância da ação de desenvolvimento da Educação Profissional nessa localidade. A Segunda foi o fato de uma cidade do interior de Minas Gerais ser noticiada na cidade de São Paulo - SP, isto denota que a instalação da EPFD foi uma intervenção que gerou impacto de interesse local e nacional. A terceira

[8] No cerne da renovação pedagógica, encontra-se a elaboração e difusão de um novo método de ensino: concreto, racional e ativo, denominado "ensino pelo aspecto", "lições de coisas" ou "ensino intuitivo". O novo método pode ser sintetizado em dois termos: observar e trabalhar. Observar significa progredir da percepção para a ideia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento. (Valdemarin, 2001, p.158)

[9] Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/5555?pesq=%22escola%20profissional%22%20divinópolis

foi a necessidade de uma nova metodologia de intervenção na formação profissional, que conseguisse ampliar tanto o volume quanto a qualidade da formação.

Justamente pela proposta de ampliar a qualidade e diminuir o tempo e o custo da formação profissional, a racionalização do trabalho estava se consolidando como uma ferramenta capaz de modificar espaços e lógicas de trabalho e formação no Brasil. Cabe aqui ressaltar o que a Professora Batistina Corgozinho explicita em seu trabalho sobre as intervenções provocadas pela Racionalização do Trabalho nas oficinas da RMV em 1938, pouco antes da instalação da Escola Profissional.

> Nas Oficinas, o trabalho era executado por aprendizes, oficiais e mestres, termos remanescentes do antigo sistema medieval de produção artesanal de caráter doméstico, relações de trabalho familiar, tecnologia pouco desenvolvida, divisão do trabalho em escala reduzida. De certa forma, essas características ainda se mantinham na produção industrial das Oficinas da RMV. […] Por volta de 1938, foi feita uma reestruturação do trabalho na Oficina, aglutinando funções, tarefas e ferramentas em seções subdivididas em diferentes turmas de trabalhadores. Isso trouxe como resultado uma maior produtividade do trabalho, em decorrência da sua nova organização e racionalização: economia de tempo e aumento da produção. (Corgozinho, 1989, p. 265)

A citação acima aponta para uma reestruturação das oficinas da RMV vinculadas com a Racionalização do Trabalho, metodologia muito difundida tanto pelo IDORT quanto CFESP. Esse período coincide com a chegada do Engenheiro Lucas Lopes às oficinas.

> O primeiro engenheiro encarregado da Oficina de Divinópolis foi contratado em 1918 e se chamava Dr. Aquiles Lobo. A Oficina era administrada por engenheiros nomeados pela Diretoria da estrada que por sua vez subordinava-se ao Governo do Estado de Minas. Durante a administração do engenheiro Lucas Lopes, em 1937 a Oficina de Divinópolis foi planificada. Essa reforma chamada “Reforma Lucas 37 Lopes” (SILVA... 1950) [...] possibilitou o aproveitamento de todos os operários e facilitou o alargamento da Oficina, dobrando turmas ou agrupando homens de especialidades diversas. O quadro de pessoal da Oficina passou de 650 para 900 operários e o número de turmas de 22 para 35. De acordo com o depoimento do Sr. Osvaldo Fernandes, encarregado geral da mecânica da Oficina de 1930 a 1939, os resultados dessa reforma foram muito bons, citando como exemplo a economia de tempo, aumento da produção, aumento do n° de locomotivas e vagões reparados etc. Essa mudança no sentido de organizar e racionalizar a produção contribuiu para aumentar a produtividade do trabalho na Oficina [...] (Catão, Pires e Corgozinho, 2015, p.37-38)

Conforme Célio Campolina Diniz (2008, p. 83) o engenheiro Lucas Lopes, “[...] logo após sua formatura, em 1932, assume, com apenas 21 anos, a chefia das oficinas da Rede Mineira de Viação, em Divinópolis e;

> Diante do desafio, procurou formas de organizar e modernizar aquelas oficinas. Tomou como referência o que vinha sendo feito nas principais ferrovias paulistas – Sorocabana, Paulista e Mogiana, as mais modernas da época – e os trabalhos de racionalização administrativa e pesquisa tecnológica que vinham sendo desenvolvidos pelo Instituto de Organização Racional do Trabalho (Idort), sob orientação do engenheiro suíço Mange, do psicólogo Walther e pelo Instituto de Pesquisa Tecnológica de São Paulo (IPT), sob supervisão de Ítalo Bologna, inspirador da criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), conforme relata em suas memórias. (Diniz, 2008, p. 83)

Outro elemento que coloca Lucas Lopes também em sintonia com o CFESP[10] (Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional de São Paulo) é a matéria de 1º de setembro de 1940 do jornal *Correio Paulistano.* A matéria é sobre a abertura de uma nova turma de engenharia ferroviária, ela anunciou os professores das diversas áreas a serem trabalhadas no curso, dentre esses nomes estavam os engenheiros Lauro Parente e Lucas Lopes, chefes das oficinas da RMV, ambos iriam ministrar nesse curso disciplinas ligadas às oficinas, como pode ser visto na citação abaixo;

> Terá início amanhã, às 9 horas, no Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP), o Curso Superior de locomoção, destinado ao aperfeiçoamento especializado dos engenheiros de locomoção e tração de nossas estradas de ferro. [...] As preleções e palestras estão a cargo de profissionais especializados de reconhecida competência e pertencentes às Estradas de Ferro. [...] [...] 6º) Tracção elétrica – Eng. Luis de A. Mendonça Jr., chefe da Commição de Eletrificação da E.F. Sorocabana; 7º) Oficinas de reparação – Engs. Lauro Parente, Lucas Lopes, chefe da Officina da Rêde Mineira de Viação e J.W. Coelho de Sousa (Cia Mogyana)[11]; [...] (Correio Paulistano, 1 de set. de 1944, p. 19)

Neste sentido, fica evidente que a Rede Mineira de Viação passava, de certa maneira, por uma atualização em sua forma de trabalho e organização. Podemos inquirir que a instalação da Escola Profissional Ferroviária em Divinópolis foi uma ferramenta importante para consolidar tais modificações, ela representava uma nova estratégia de formação do operário para a ferrovia. Sobretudo porque estava estabelecendo um vínculo com instituições que disseminavam essas novas estratégias para o Ensino Profissional, o que pode ser observado no recorte do *Divinópolis - Jornal* de 14 de março de 1943 que diz;

---

[10] A notícia do link a seguir informa que o CFESP está presente em 75% das estradas de ferro do Brasil. Link de acesso a notícia http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/38421?pesq=cfesp

[11]Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/2986?pesq=cfesp

> Em nossa edição anterior noticiamos que se acham abertas as novas matrículas para a Escola Profissional Ferroviária, instalada nesta cidade pela Rêde Mineira de Viação. A referida Escola que é uma das mais elogiáveis e sábias realizações da R.M.V., nos domínios do ensino técnico-profissional, merece ser olhada com carinho por todos aqueles que desejam aparelhar os seus filhos numa profissão honesta e rendosa. O ensino técnico-profissional, hoje ou amanhã, inevitavelmente, será viga mestra do progresso da nacionalidade. É ensino consciente, útil, imperioso, fator da eficiência. A época dos operários cegos, empíricos, passará. **O operário de amanhã será um homem consciente do seu trabalho. A nossa Escola Profissional permitirá uma aprendizagem gratuita, metódica, racional, orientada pelo Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional** (grifo nosso), de modo a formar artífices hábeis, que no futuro, poderão ser expoentes da sua profissão, percebendo ordenados compensadores. [...] (Divinópolis - Jornal, 14 de março de 1943, p. 1)

O recorte acima evidencia que a Rede Mineira de Viação recorreu ao Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP) para organizar sua estrutura de formação. Batista e Carvalho apresentam quais eram as intervenções propostas por essa instituição;

> [...] em 1943 eram filiadas ao centro todas as estradas férreas de São Paulo, a Central do Brasil, a Rede Paraná-Santa Catarina, a Rede Mineira de Viação, a Great Western, a Viação Cearense, a Estrada de Ferro Goiás, a Leste Brasileiro Nazaret e a Viação Férrea Rio Grande do Sul, articulando 73% do tráfego das empresas e 83% da população ferroviária. Suas ações até aquela data foram: formação de artífices; seleção dos alunos por meio de exame médico; exame de provas de aptidão e de conhecimento; formação de grupos especializados nos diferentes ofícios (ajustadores, ferreiros, carpinteiros, operadores mecânicos); oferecimento de cursos de aperfeiçoamento aos mestres de oficina; para chefes de escritório; de via permanente e de tráfego, do preparo dos operários, técnicos e engenheiros através do Curso Superior de Locomoção, subsídio para elaboração de fichas e avaliações que viabilizavam: promoções, acesso aos cargos, indicação dos mais aptos. (Batista & Carvalho; 2015, p. 160)

As autoras afirmam que as ações dessa instituição vão além da formação, elas também estruturaram os processos de seleção profissional, criando um vínculo direto entre CFESP e IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho). Evidenciam que a lógica do IDORT norteia a sua forma de atuação;

> [...] O CFESP se destacou pelo aprimoramento técnico e pelo controle social de seus aprendizes, sob os auspícios de uma **nova mentalidade protagonizada inicialmente pelo Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT)** surgido em 1931.[...]Para Camoleze (2012), nas ferrovias paulistas a formação de uma consciência cooperativista dos ferroviários, em detrimento de uma consciência de classe que buscasse a transformação das condições de trabalho e de vida, se fez por meio das iniciativas do CFESP. O autor chega a essa conclusão a partir da leitura e análise de escritos de

> Roberto Mange. Esse educador afirmava que essa formação, a qual o jovem se destinava nas unidades do CFESP, não se limitava apenas à consciência técnica, mas a uma postura política e de ética profissional em relação à organização dos processos de trabalho. O objetivo era apurar as habilidades dos trabalhadores de tal forma que pudessem identificar problemas técnicos de maneira integral: através de seu corpo e de sua consciência, conforme Mange declarou no Congresso de Engenharia e Legislação Ferroviária realizado em Campinas em 1935. (Batista & Carvalho, 2015, p. 143-167)

O CFESP foi constituído como uma ferramenta para "formar" o novo operário, trabalhador "qualificado tecnicamente". Ele contribuiu para além da formação técnica, ajudando a constituir o imaginário social e a identidade desse trabalhador. As ideias sobre a Racionalização do Trabalho formaram o "barema" norteador para a formação desse "novo operário". O CFESP, foi um difusor dessa cultura que extrapolava a vida escolar. De certa maneira, propunha moldar o indivíduo a partir da lógica pragmática do menor custo e maior resultado. Não se tratava apenas de proporcionar uma maneira de ensinar mais pessoas de maneira melhor com menos tempo, o entendimento que podemos ter é que a proposta era criar um novo operário, com características e objetivos de vida diferentes dos moldes anteriores.

As colocações feitas até o momento, mostram que a instalação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis foi um movimento voltado para a modificação do *modus operandi* na estruturação do ensino profissional na Rede Mineira de Viação. O vínculo com o CFESP foi estabelecido, toda a estrutura curricular proposta precisava ser embarcada em uma estrutura física adequada a Racionalização do Trabalho. O espaço escolar destinado a EPFD precisou ser construído e organizado conforme as orientações dos profissionais do CFESP. O recorte de jornal abaixo evidencia essa necessidade;

> Os technicos especialistas, actualmente presentes em Divinópolis, têm também por missão orientar os professores e instructores nos methodos pedagógicos adaptados, [...]. O Mobiliário e o aparelhamento para aprendizagem foram feitos nos moldes aconselhados pelo C.F.E.S.P. nas oficinas da Estrada. (Correio Paulistano, 19 de mar. de 1941, p. 4)

A metodologia, para ser executada, precisava ser combinada com a estrutura física e equipamentos organizados para o funcionamento da escola. Para compreendermos onde e como era fisicamente a escola, foi necessário recorrer à memória dos entrevistados, pois, mais uma vez, as fontes tradicionais são poucas. A História Oral novamente demarca seu território como ferramenta metodológica;

> [...] a história oral é legítima como *fonte* porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas. O conteúdo de uma correspondência não é menos sujeito a distorções factuais do que uma entrevista gravada. A diferença básica é que, enquanto no primeiro caso a ideologia se cristaliza em um momento qualquer do passado, na história oral a *versão* representa a ideologia em movimento e tem a particularidade, não necessariamente negativa, de "reconstruir" e totalizar, reinterpretar o fato. (Alberti, 2013, p.19)

A partir dessa metodologia, apuramos nas entrevistas que, o prédio escolar era um galpão com estilo industrial e preparado para receber os alunos das três turmas de formação. Para mostrar com precisão o lugar ocupado pelo galpão utilizado pela Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, baseamos nas falas dos entrevistados e dos profissionais que hoje atuam na Universidade VLi[12]. Utilizamos também uma ferramenta digital gratuita chamada de *Google Earth*. Essa ferramenta possibilita acesso a fotos de satélite sobre as cidades mapeadas no planeta em diversas datas, nós utilizamos o ano de 2023 como referência.

Figura 3 - Visão via software Google Earth apontando o prédio da EPFD

Fonte: https://earth.google.com/web/@-20.15193825,-44.89393151,706.560603a,427.35970224d,35y,154.31152698h,0t,0r

Na figura acima, o prédio ocupado pela EPFD foi sinalizado com o apontamento de uma seta na cor preta. Observando a imagem podemos perceber que no galpão indicado com prédio da Escola Profissional houve uma atualização no telhado, o que provavelmente ocorreu em toda construção. Já a imagem abaixo possui algumas

[12]Identifica-se que em 2018 a VLI inaugurou a Universidade VLI, que representa um elo educacional com a estratégia da companhia. Para dar esse importante passo na história da empresa, o time de Educação Corporativa atuou juntamente com a Fundação Dom Cabral para estruturar e idealizar a Universidade, na ocasião redesenhou-se todos os produtos, metodologias e definiu-se a governança. Na Universidade VLI são oferecidos diversos cursos, presenciais e online, com foco nas competências técnicas e comportamentais que suportam a sua cultura e o negócio. As iniciativas são abertas para todo o público interno (administrativo, operacional e lideranças) e ficam disponíveis no Portal do Desenvolvimento hospedado na Intranet. A área de Educação Corporativa lançou, também, um portfólio da Universidade com informações e detalhes dos treinamentos oferecidos à companhia. (Eugênia, et al, 2021, p. 37)

modificações apresentadas pelos egressos da EPFD;

Figura 4 - Galpão onde foi a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis em 2023 (vista da rua)

Fonte: Acervo do pesquisador

As modificações relatadas estão relacionadas com a descaracterização do prédio. Segundo os entrevistados, pouca coisa foi modificada na parte externa, o que ficou mais evidente foi a troca das telhas e o fechamento de uma porta lateral perto do portão de entrada. Essas afirmações não foram possíveis de serem comprovadas, devido à ausência de registros de imagens do prédio nos anos anteriores. Com relação ao interior das salas de aula da propedêutica[13], não foi encontrado nenhum registro. Já a parte interna das salas das aulas técnicas, foram encontradas algumas imagens sobre o galpão no *"Relatório da Rede Mineira de Viação de 1943"* apresentado ao Governador de Minas Gerais Benedito Valadares Ribeiro. O relatório é assinado pelo engenheiro Lincoln Moreira dos Santos Pena. Neste relatório encontra-se a relação das atividades financeiras, de ampliação da rede, de custos com material e pessoal, projetos de expansão e cortes e demais ações desenvolvidas pela RMV durante o ano de 1943.

[13]O que nomeamos de propedêutica os entrevistados denominam "formação geral".

Figura 5 - Foto do Espaço interno da Sala de Aula da EPFD em 1943

Fonte: MINAS GERAIS, RELATÓRIO DE GESTÃO 1943, P. 42[14]

A figura acima reúne duas fotos, com baixa resolução, mostrando a parte interna do prédio escolar. Este recorte apresenta somente o espaço escolar voltado para a parte técnica, segundo relatos dos entrevistados, as salas de aula onde ocorriam a propedêutica ficavam anexas a esse prédio, de maneira a facilitar o acesso dos estudantes a ambos os espaços. Na descrição do entrevistado DiretorEPFD, podemos pensar a distribuição e destinação dos equipamentos que eram utilizados como ferramentas pedagógicas;

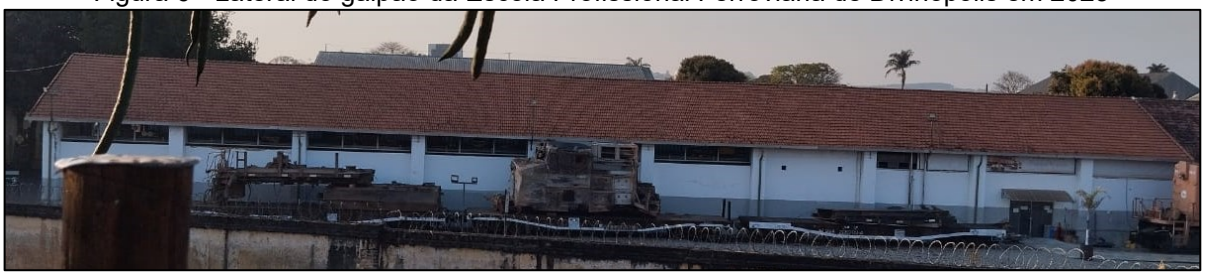
> Encostado no portão de entrada de cá da rede, porque os funcionários que moravam de cá entravam por cá e os que moravam de lá entravam por lá, então, seguindo aqui esse muro, do lado da entrada de cá, tinha um galpão, era a Escola Profissional. Então você entrava e tinha a ferraria, com bigorna, martelo pra bater as chapas que ficavam vermelhinhas, pra aprender a fazer as ferramentas. Você andava um pouquinho do mesmo lado, tinha a carpintaria, tinham as bancadas, tinha serrote, esquadro, então o instrutor, esse pessoal que mexia com madeira ficava ali. Do outro lado depois da ferraria, tinha a tornearia mecânica, tinha quatro tornos pra tornear peças e mais na frente tinha, uma, duas, três, quatro, (inaudível) de ajustagem mecânica, eles trabalhavam com a lima, com o bedame a talhadeira. Então a parte de mecânica era assim, dentro do próprio recinto da oficina. [...] Ao lado, anexo a oficina, ao lado da parte técnica, tinha a parte teórica, era vizinho dele (o galpão) tinha uma sala vazia, que antigamente a eletricidade era ali. As aulas teóricas (português, matemática) eram aplicadas ali. (DiretorEPFD)

Imaginamos que a disposição dos equipamentos tenha mudado conforme a evolução das atividades demandadas pela escola, uma vez que, as tecnologias mudam e as máquinas e técnicas também. Já a disposição física das salas de aula

[14] Disponível em: https://ia800503.us.archive.org/0/items/relatorioviacaominas1943/relatorioviacaominas1943.pdf

começava com o galpão das aulas práticas, depois vinham as salas de aula teóricas. Segundo relato dos entrevistados, as aulas teóricas eram ministradas em uma sala sem janelas com dois furos na parede. Observando a lateral externa do prédio em uma foto de 2023, podemos ver um vão de parede sem janelas, esse é, provavelmente, o lugar das aulas da propedêutica;

Figura 6 - Lateral do galpão da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis em 2023



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

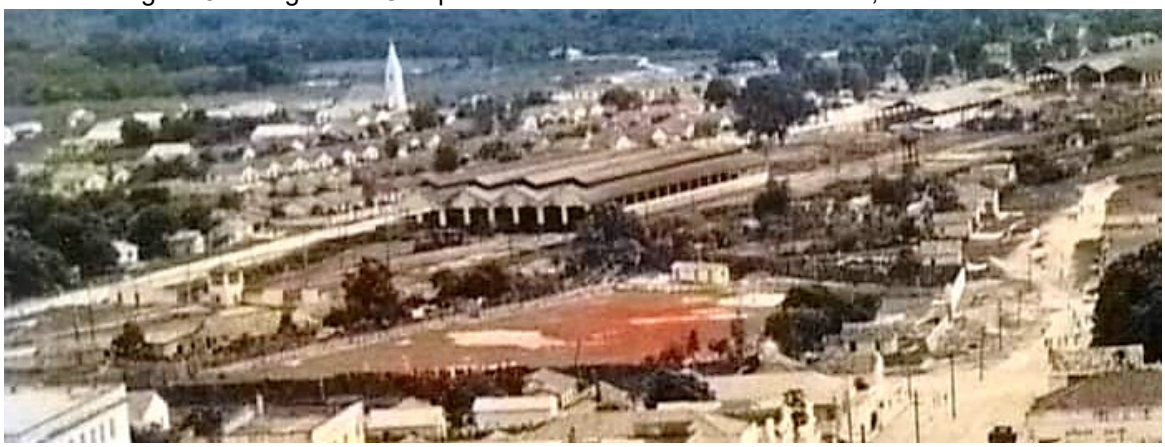
Outro aparelho pedagógico importante da EPFD foi o Campo de Futebol da Escola Profissional[15]. A partir de deduções, entendemos que este espaço servia também como local das aulas de educação física bem como torneios e lazer dos estudantes e comunidade do entorno. As figuras abaixo mostram o portão de entrada, que segundo os entrevistados era voltado para a rua 21 de Abril, e uma visão mais ampla do campo de futebol na segunda foto.

Figura 7 - Portões de entrada Campo de Futebol da Escola Profissional na Rua 21 de Abril

Fonte: Arquivo Público Municipal de Divinópolis

[15] Segundo os entrevistados das últimas turmas, as aulas de educação física foram extintas, e quando a escola precisava utilizar o campo de futebol, eram direcionados ao Campo do Ferroviário, que ficava em outro local no bairro.

Figura 8 - Imagem do Campo de Futebol da Escola Profissional, R. 21 de Abril



Fonte: Arquivo Público Municipal de Divinópolis

Várias informações importantes como: o financiamento do prédio (galpão das aulas), o estilo utilizado, origem e destinação dos equipamentos etc., não puderam ser confirmadas, pois, com a desativação da escola, a maioria das instalações da EPFD foram descaracterizadas para atender as novas funções empregadas nesses prédios. Na tentativa de interpretar os indícios na pesquisa documental e nas entrevistas sobre a estrutura física da EPFD, pouca informação concreta sobre a organização do espaço, estilo da construção, acabamento e reformas que descaracterizaram o prédio foram encontradas. O que observamos foi uma estrutura totalmente conectada com as oficinas, e com os afazeres dos ferroviários responsáveis por manutenir as máquinas, equipamentos e linha férrea.

Podemos afirmar também que a metodologia e a lógica escolar proposta para a formação do “aluno-aprendiz” estava, de certa maneira, conectada com o que vinha sendo feito por diversas estradas de ferro no mundo, como afirmou o Roberto Mange na “27ª Reunião da Comissão Superior do CFESP na Directoria de Viação”;

> O eng. Roberto Mange, depois, referindo-se à sua recente viagem à Europa, expôs algumas interessantes observações que ahi fez no campo do ensino profissional. Reaffirmou que a organização e a efficiencia dos cursos de ferroviários, tanto quanto aos processos de seleção como aos de aprendizagem profissional, nada ficam a dever às organizações congêneres das ferrovias na Suissa e em França. As estradas de ferro federaes, na Suissa, utilizam, exatamente os methodos entre nós introduzidos para selecionar e formar racionalmente o pessoal das oficinas de reparação, e os resultados lá obtidos são perfeitamente equiparáveis aos fornecidos pelos alunos dos nossos cursos. Salientou, ainda, o eng, Mange, que os novos métodos de aprendizado, chamados “analyticos” e baseados no estudo psychologico dos movimentos profissionais, já vêm dando resultado de elevada efficiencia, tal como se dá nas estradas de ferro francezas e em diversas indústrias. (Correio Paulistano, 12 de jun. 1941. p. 11)

Roberto Mange, em sua fala descrita acima, conecta a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis com uma lógica internacional. A partir do momento que a EPFD adota metodologias do CFESP e aplica a Racionalização do Trabalho como estratégia de organização do tempo/espaço escolar, está executando as ferramentas experimentadas por diversos países e dá a impressão que o experimento foi bem sucedido. A Rede Mineira de Viação, investiu na estrutura mais inovadora na época, trazendo para Divinópolis o que poderia ser considerado Ensino Profissional Ferroviário de excelência.

## 4.2 OS ESTUDANTES, O INGRESSO E A EVASÃO NA EPFD

A imprensa de Divinópolis também teve um importante papel na criação de uma identidade positiva do aluno da escola ferroviária. Não conseguimos confirmar se havia uma estratégia para criar um ideário positivo na comunidade local, por parte dos dirigentes tanto da EPFD quanto CFESP, ou se foi espontânea essa identificação. Fato é que no texto extraído do *Divinópolis - Jornal* é notória a valorização do trabalho técnico em detrimento do trabalho do estudante do ensino superior da época.

> Valores mentais de nossa Pátria, alinhando considerações, já fizeram sentir que o ensino profissional é o que mais é necessário á população brasileira. Muita gente se ilude com as profissões ditas liberais, e daí a sedução de destinar os seus filhos ás escolas superiores, na satisfação de uma vaidade doméstica. O anel de doutor sempre teve encantamento aos homens que, na educação de seus filhos, se esquecem de que certas profissões devem ser adotadas com a observância rigorosa da vocação. E desse esquecimento resulta o aniquilamento de muito esforço e o gasto supérfluo de muito dinheiro. E os moços, formados pela fantasiosa vontade paterna, sem aproveitamento de vocação, são verdadeiras negações e constituem o exército dos fracassados, dos mendigos de gravata. O trabalho lícito, em qualquer modalidade, é sempre trabalho lícito. O operário de mãos calejadas ou sujas, envergando a sua camisa de zuarte, é tão digno do apreço como qualquer cidadão endoutorado de anel no dedo ou de casaca luzidia. Só não aceita essa equiparação o mofado preconceito social, que já não cabe mais no âmbito da nossa evolução. Agora, estendamos o olhar á realidade do panorama brasileiro, sem nos preocuparmos com o levar as vistas ao exemplo que nos proporcionam as nações estrangeiras, com civilização maior á nossa frente. E veremos, aqui no Brasil, que bons mecânicos, agricultores, industriais, têm profissão muito mais rendosa que muitos médicos e advogados. (Divinópolis - Jornal, 18 de Abrilde1943, p.1)

O jornal descrito acima nos coloca uma premissa muito cara sobre Educação Profissional no Brasil, a dualidade entre trabalho manual e trabalho intelectual. Como descreve Pedrosa na citação abaixo, o trabalho manual é caracterizado como trabalho

com menos importância;

> Essa atenção aos trabalhos manuais e sua relação com a aprendizagem tinham dois motivos principais para eles estarem postos. Um motivo estava na forte herança da cultura escravista na divisão social e técnica do trabalho, nas relações cotidianas e no imaginário das pessoas. A *casa-grande*, habitat da superioridade social dos senhores, fomentou o preconceito e a antipatia em relação ao trabalho manual e à técnica. O fim da escravidão já estava decretado, mas os estigmas, estereótipos e caricaturas dos trabalhadores e do trabalho manual insistiam em permanecer nas representações sociais.
> O problema é que essa aversão ao trabalho não era compatível com uma sociedade industrial, urbana e de massas, tal qual configurada no horizonte de expectativas dos engenheiros industrialistas da época, entre os quais Montojos. Era, pois, necessário fazer a educação moral e técnica do trabalho e essa era uma das razões dessa pedagogia dos trabalhos manuais. (Pedrosa, 2020, p. 258)

A avaliação social do trabalhador braçal, nesse período, se é que podemos dizer que ainda hoje não é assim, estava vinculado ao trabalho com menor valor. Seja pela famigerada vivência do escravismo na história brasileira, seja por questões da lógica capitalista. Fato é que foi necessário um investimento em apresentar uma nova visão da Educação Profissional, que até a década de 1930, estava muito conectada com a ideia escravista, assistencialista, de tutoria sobre o "desvalido da sorte". As escolas técnicas eram voltadas para os que estavam a margem social, com a ideia de evitar a vadiagem;

> Nesses mais de cem anos que se passaram desde que Nilo Peçanha criou, em 1909, as Escolas de Aprendizes Artífices, portanto, desde que se tornou política republicana para a formação do trabalhador nacional, a educação profissional (EP) no Brasil, cresceu e passou por mudanças significativas, nem sempre contínuas. Nesse tempo, deixou de ser educação para o trabalho e tornou-se educação profissional. A moral cedeu espaço para a técnica; como público-alvo as crianças foram substituídas por jovens e adultos; o isolamento entre as escolas deu lugar às redes ou sistemas nacionais; o recrutamento exclusivo na pobreza deu lugar à psicotécnica e seus testes para a alocação das pessoas na divisão técnica do trabalho; o sentido social de evitar a vadiagem e a marginalidade foi substituído pelo sentido econômico e mercantil e a escala do ensino deixou de ser artesanal para tornar-se industrial, acontecimento que exigiu padronização de cursos, de métodos e de materiais didáticos. (Pedrosa, 2020, p.247)

O período de instalação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, culminou com o ápice do investimento por parte dos industrialistas (que ocupavam cargos públicos ou em suas empresas) na modificação dessa visão sobre a formação para o trabalho. O recorte do *Divinópolis - Jornal* evidencia essa diretiva. Parece que em Divinópolis, como nos demais locais em processo de industrialização no Brasil, o

investimento não era só nas técnicas e espaços educacionais diferentes, mas também em modificar a visão social sobre o estudante e trabalhador da oficina.

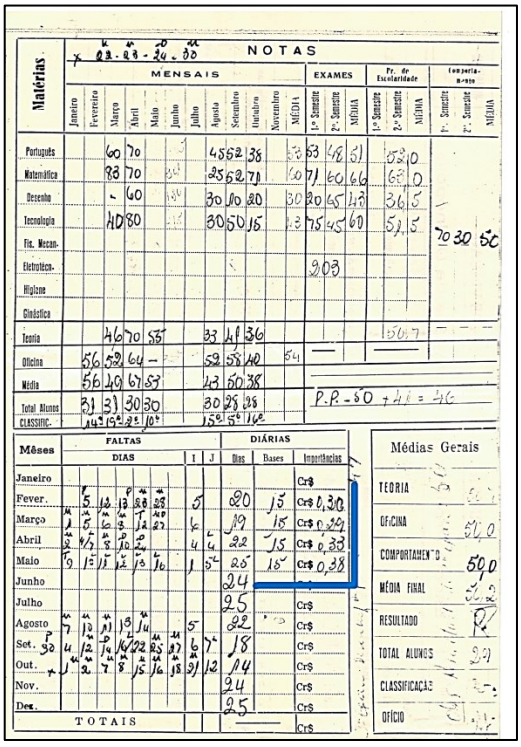
As ações de valorização dessa modalidade educacional, não se limitavam as propagandas em jornais e revistas, mas em intervenções práticas, oportunizando benefícios aos que dela participavam. O fragmento abaixo apresenta mais uma estratégia para valorizar o candidato a técnico;

> Os alunos diplomados, após três anos de curso, serão admitidos nas oficinas da Rêde e terão acesso às vagas de ajudante, de acordo com a classificação obtida. Além das vantagens do curso gratuito, os alunos ganharão diárias progressivas de acordo com o seu aproveitamento, gozam de redução nas passagens da Rêde e têm passe livre durante as férias. [...] (Divinópolis - Jornal, 14 de março de 1943, p. 1)

Essas estratégias foram importantes para apresentar às pessoas da época, que aprender uma profissão técnica era também uma possibilidade de ascensão financeira. O indivíduo que optasse pelo ingresso nessa escola, poderia, enquanto estudante ainda, ter salário, benefícios equivalentes aos ferroviários da ativa e sem contar com a possibilidade de ingresso na vida ferroviária como trabalhador da oficina da RMV ou de qualquer outra indústria.

Segundo os entrevistados, os incentivos financeiros estavam vinculados a presença nas aulas e as notas tiradas no curso. As faltas geravam desconto, maus comportamentos também poderiam cortar no “pagamento”. Abaixo está um boletim de um dos egressos entrevistados, segundo ele, foi o último ano que esse “incentivo” aconteceu;

Figura 9 - Verso do Boletim de 1º ano da EPFD de 1967




Fonte: Arquivo Pessoal do Sr. Antônio Florentino Filho

Observando afigura acima podemos ver (em DIÁRIAS) que estão registrados os valores que deveriam ser pagos aos estudantes, essa prática da remuneração financeira aproximava ainda mais o estudante do mundo do trabalho. Outro exemplo interessante sobre a "premiação" monetária dos alunos foi encontrado no *"Relatório de Gestão da Rede Mineira de Viação de 1943*". Com a conclusão da primeira turma formada pela escola em 1943, o estudante com maiores notas, o Sr. Manoel Valério[16], recebeu uma conta poupança como premiação;

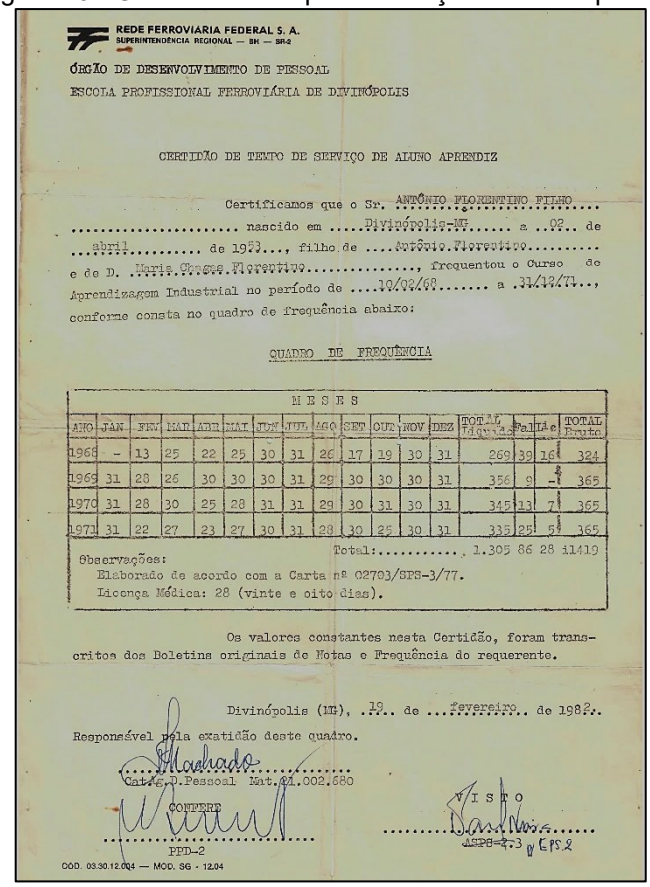
> ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA
> Funcionou regularmente durante o exercício de 1943, a Escola Profissional, tendo concluído o 3º ano 17 alunos, sendo está à primeira turma que terminou o curso. Estes 17 jovens foram por nós nomeados ajudantes de 4ª classe, ingressando no quadro de artífices da Rêde, onde, por certo farão brilhante carreira, tendo em vista o grau de conhecimentos técnicos e práticos adquiridos. O aluno que maiores notas alcançou e que, portanto, foi classificado em primeiro lugar e que é o Sr. MANUEL VALÉRIO, foi por vós premiado com uma caderneta da Caixa Econômica Federal, com um depósito de CR $150,00. (Minas Gerais, 1943, p.46-47)

Esse formato de bonificação financeira e regras identificadas com as regras que gerenciavam as oficinas colocavam o estudante ocupando um lugar de "aprendiz-

16 Segundo os entrevistados, o Sr. Manuel Valério citado acima, chegou a lecionar Desenho Técnico para diversas turmas como professor da EPFD posteriormente.

estudante”. Desempenhava funções muito próximas dos operários registrados pela ferrovia, o que possibilitou que esse período enquanto estudantes na Escola Profissional pudesse ser averbado como tempo de serviço para aposentadoria. A figura abaixo é uma declaração feita pela ferrovia para que um dos egressos entrevistados anexasse em seu processo de aposentadoria para computar o tempo de escola como tempo de trabalho.

Figura 10 - Certidão de tempo de serviço de aluno aprendiz



REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S. A.
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL — BH — SR-2

ÓRGÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL
ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS

CERTIDÃO DE TEMPO DE SERVIÇO DE ALUNO APRENDIZ

Certificamos que o Sr. ANTÔNIO FLORENTINO FILHO ..... nascido em ....Divinópolis-MG..... a ..02.. de ....abril..... de 1953..., filho de ....Antônio Florentino..... e de D. ..Maria Chagas Florentino....., frequentou o Curso de Aprendizagem Industrial no período de ....10/02/68..... a .31/12/71.., conforme consta no quadro de frequência abaixo:

QUADRO DE FREQUÊNCIA

| MESES | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| ANO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ | TOTAL Liquido | Fal | Lic | TOTAL Bruto |
| 1968 | - | 13 | 25 | 22 | 25 | 30 | 31 | 26 | 17 | 19 | 30 | 31 | 269 | 39 | 16 | 324 |
| 1969 | 31 | 28 | 26 | 30 | 30 | 30 | 31 | 29 | 30 | 30 | 30 | 31 | 356 | 9 | - | 365 |
| 1970 | 31 | 28 | 30 | 25 | 28 | 31 | 31 | 29 | 30 | 31 | 30 | 31 | 345 | 13 | 7 | 365 |
| 1971 | 31 | 22 | 27 | 23 | 27 | 30 | 31 | 28 | 30 | 25 | 30 | 31 | 335 | 25 | 5 | 365 |
| | | | | | | | | | | | | | Total:..... | 1.305 | 86 | 28 | i1419 |

Observações:
Elaborado de acordo com a Carta nº 02703/SPS-3/77.
Licença Médica: 28 (vinte e oito dias).

Os valores constantes nesta Certidão, foram transcritos dos Boletins originais de Notas e Frequência do requerente.

Divinópolis (MG), ..19.. de ...fevereiro.. de 1982..

Responsável pela exatidão deste quadro.

.....
CatAg.D.Pessoal Mat.21.002.680

CONFERE
.....
PPD-2

VISTO
.....
ASPS-2.3 p/ EPS.2

COD. 03.30.12.004 — MOD. SG - 12.04

Fonte: Arquivo Pessoal do Sr. Antônio Florentino Filho

Quando investimos no entendimento sobre o processo de seleção dos candidatos para a escola, tentamos primeiro visualizar o que levou estes egressos a se interessarem pelo EPFD e depois como era o processo de entrada e as limitações de acesso. Esses exemplos citados até o momento evidenciam que a remuneração era um fato importante, sobretudo para as famílias, que viam a Escola Profissional como uma possibilidade de “encaminhamento dos seus filhos para uma vida digna”, inclusive porque, ao concluir o curso, os estudantes tinham a entrada nos quadros da rede ferroviária praticamente automática. Mas não foram somente as questões financeiras que motivavam os egressos. Com relação ao interesse, os relatos sobre

uma ascensão social e intelectual foram motivadores, o que reforça que as estratégias apresentadas anteriormente voltadas para o engajamento na escola, tinham um *feedback* positivo. O Eletricista1948 descreve que fazer parte dessa escola era ter acesso a um conhecimento que ainda não estava disponível no senso comum e isso era um diferencial nas possibilidades de ascensão social.

> É porque havia necessidade da oficina, porque o pessoal que aprendia trabalhar lá não conhecia nem escala, polegada, vinha tudo da roça, a não ser aqueles mestres que começaram. Então houve necessidade de criar a escola profissional de formação de artífices. Em 41 ela começou. [...]era assim 3 anos, dava um prazinho assim de 2, 3 meses aí você entrava pra ferrovia mesmo. Já entrava ganhando, mais ela pagava pouco, as vezes atrasava pagamento. (ELETRICISTA1948)

Segundo o entrevistado, a partir dos conhecimentos aprendidos na Escola Profissional, o egresso poderia ter oportunidades de trabalho tanto na localidade como em qualquer lugar do Brasil. Era uma janela que se abria alargando as possibilidades de desenvolvimento econômico e social a partir do mundo do trabalho. Quando perguntado se muitos egressos da EPFD iam trabalhar em outras empresas ou se mudavam de cidade em busca de novas oportunidades após a conclusão do curso, o entrevistado Eletricista1948 respondeu que;

> Ah tem muitos [...] era comum, acho que Divinópolis tinha duas fundição né, tinha fábrica de tecidos. [...] é, tinha fundição do Jovelino, e mais duas fundições, do Perene, fundição é mecânicazinha. Então os “fio” formava, ficava vaidoso, pegava aquele diploma, conhecia medida, né, e então geralmente eles iam pra São Paulo, Belo Horizonte, Rio. Muitos foram. Chegava lá num dia, no outro já tava empregado (risos)[...]. Tinha demanda, e também, a pessoa sabia né!.(Eletricista1948)

Corroborando com a citação anterior, o entrevistado denominado Ajustador1968, que concluiu o curso na última turma em 1972, disse que quando formou na EPFD não quis trabalhar na ferrovia, sendo aceito imediatamente em uma fundição de Divinópolis;

> Aí eu concluí, concluí o curso né. E só que, você já ouviu falar na País? Em 1972 nós formamos, fizemos uma festa lá e pronto. Aí o que acontece, os ex-alunos da Escola Profissional já tinha vaga garantida na País, eu fui uma pessoa privilegiada, entrei lá na País a convite, nem precisou passar no estágio. [...] meu primeiro contrato foi em 22/01/1973, eu saí da escola em 72 e já peguei. [...] trabalhei lá de 1973 à 1975. Quando foi em 75 em e mais outros colegas que formou comigo na escola, a gente era jovem e queríamos uma aventura, aí fomos pra São Paulo. Nessa época, nós ficamos numa pensão uma semana, escolhendo onde queria trabalhar. A gente chegava lá, a gente mostrava tipo um curriculum, preenchia uma ficha e chovia de carta

> pra gente ir trabalhar. Por causa da Escola Profissional? É! (AJUSTADOR1968)

Em vista destes relatos, é possível perceber o espaço importante que a instituição estudada tinha como formadora. Neste momento, a cidade dispunha apenas das instituições propedêuticas, como grupos escolares e colégios. Para buscar uma formação especializada na ferrovia, era necessário o deslocamento para a Capital Federal (Escola do Engenho de Dentro na Central do Brasil-RJ) ou para São Paulo. Desta forma, a escola dos ferroviários em Divinópolis dava oportunidade de avanço nos estudos para aqueles que não tinham condições materiais de fazer este deslocamento ou de financiar seus estudos por outros meios.

Quando questionados sobre o processo de seleção dos estudantes, os entrevistados informaram que, para acessar a escola, havia um exame de seleção, mas não souberam determinar o que se pedia nessa prova. Alguns informaram que conhecimentos gerais "de Grupo Escolar", outros que era uma espécie de psicotécnica. A título de comparação, podemos observar o que Rangel (2012) descreve sobre o exame de seleção para a Escola Profissional das estradas de Ferro de Jundiaí;

> "Plano de organização para Escola de Aprendizes Mecânicos na Companhia Paulista de Estradas de Ferro de Jundiahy", redigido com o auxílio de Roberto Mange, no qual pretendia-se a formação de mecânicos-ajustadores, serralheiros e montadores, por meio de aulas teóricas e práticas em um curso com duração de quatro anos. **Os futuros alunos deveriam ter mais que 14 anos, não possuir doença contagiosa, prestar exame de admissão em Língua Portuguesa, Geografia e História do Brasil, Aritmética e Geometria Prática, além de serem submetidos aos testes psicotécnicos para avaliar as aptidões naturais para a carreira.** (grifo nosso) (Rangel, 2012, p. 9)

Observar os critérios de seleção da Escola Profissional Ferroviária de Jundiaí, ajuda a visualizar o formato utilizado pelo CFESP e, como a EPFD também estava filiada a esta instituição, podemos inquirir que a seleção era similar, por isso, acreditamos que os critérios seriam equivalentes, pelo menos nos primeiros anos da escola. Uma evidência que nos levou a pensar sobre essa equivalência está no jornal *Correio Paulistano,* que veicula uma notícia sobre a instalação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis contendo algumas informações sobre a dinâmica de seleção da primeira turma;

> Os alunos admitidos no curso foram selecionados entre menores de 14 a

> 16annos. Para seleção, afora o exame cllinico, submetem-se os alunos a provas psyco-technicas e a exame de conhecimentos geraes, (portuguez, arithmetica, geografia, noções de physica e chimica, etc. Dos 61 alumnos inscriptos foram selecionados trinta, [...]. (Correio Paulistano, 19 de março de 1941, p. 4)

A menção às provas de seleção, de maneira geral, é equivalente às utilizadas em Jundiaí-SP. Outro questionamento interessante que pode ser observado através da reportagem é a idade dos candidatos: entre 14 e 16 anos. A média de interessados por vaga estava acima de 2 candidatos por cada vaga disponibilizada, o que mostra certa concorrência entre os candidatos para entrar na Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis.

Quando questionados sobre a origem dos estudantes, se as vagas eram exclusivamente reservadas para os filhos dos ferroviários, os entrevistados afirmaram que não, qualquer pessoa podia participar do processo de seleção, inclusive o entrevistado DiretorEPFD disse o seguinte em resposta à pergunta: “A Escola era direcionada só para alunos filhos de ferroviários? Não! Esse era comum. Apenas dava preferência para os ferroviários. Porque a vila operária, veja quantas casas tinham aí?” (DiretorEPFD). Isso corrobora com o recorte encontrado no “*Relatório de Gestão da Rede Mineira de Viação de 1943*”; “[...] nessa Escola são admitidos**, de preferência** (grifo nosso), filhos de empregados da Rêde, que ali recebem instrução profissional adequada à formação de operários hábeis e especializados nos ofícios de suas vocações.” (Minas Gerais, 1943, p.46-47). A expressão, “de preferência,” amplia o leque de possibilidades de interessados, ela ainda identifica o filho do ferroviário como foco principal, porém, não se fecha nesse nicho.

Um dos argumentos que ampliava a participação do filho do funcionário da rede na escola era o vínculo com a vida ferroviária. O filho desse trabalhador, de certa maneira, já vivenciava a estrutura do operário da ferrovia. Conhecia o tipo de atividade, os horários, a forma de organização, direitos, deveres, etc., portanto, estava mais conectado com a lógica deste trabalho, o que em tese, favoreceria o acesso e o aprendizado.

Figura 11 - Recorte de imagem com alunos da EPFD em 1966

Fonte: Arquivo Público Municipal de Divinópolis

Por outro lado, os entrevistados afirmaram que muitos alunos não pertenciam às famílias dos trabalhadores da Rede. Os interessados, independente da filiação, poderiam participar da seleção. Uma vez aprovados, estavam aptos a frequentar a escola.

Quando questionado sobre a naturalidade dos estudantes, se todos eram de Divinópolis ou se haviam muitos estudantes de outras cidades, o entrevistado DiretorEPFD afirmou;

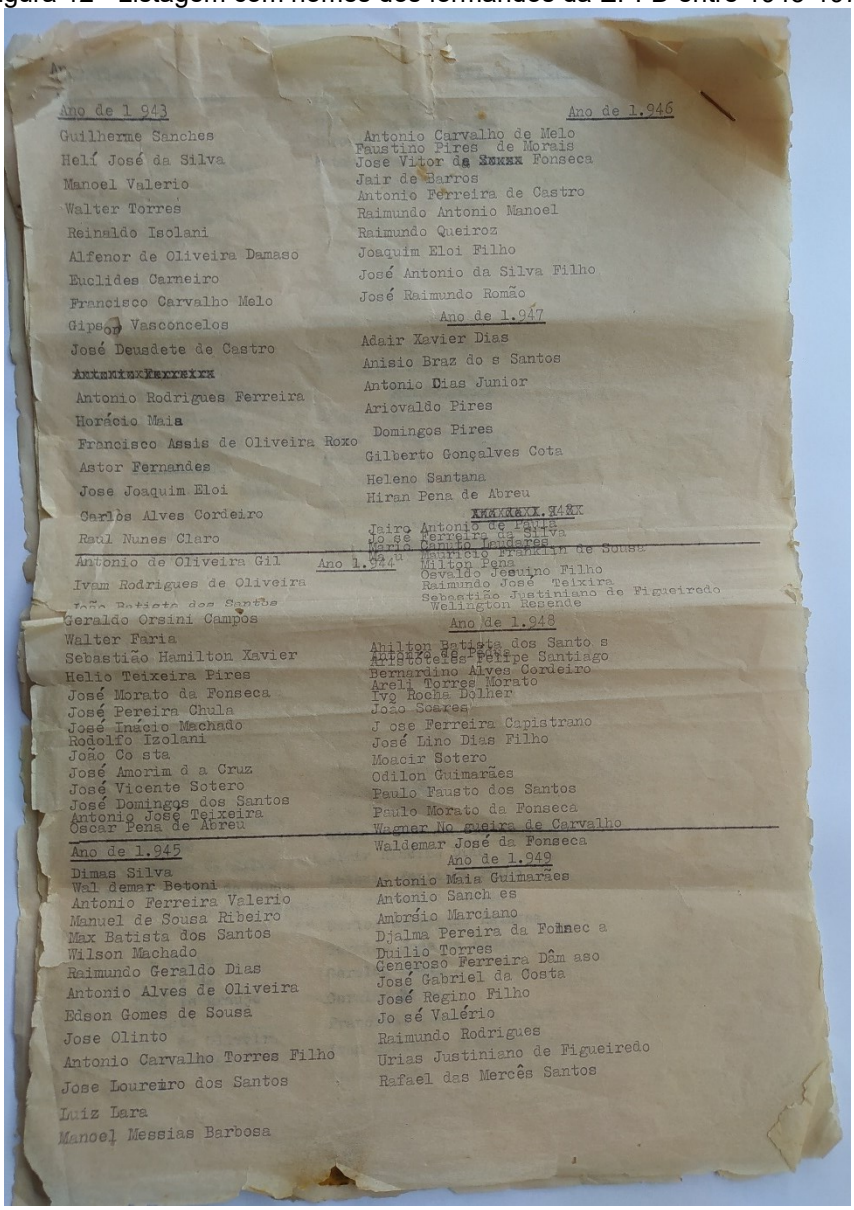
> Alguns, não muitos, teve uma época que teve uma quantidade um pouco maior porque a estrada de ferro fez uma transferência, em 1947 o pessoal de Cruzeiro, estado de São Paulo foi transferido para Divinópolis, quer dizer, traz os filhos. Principalmente o pessoal de Ladainha de Teófilo Otoni que é o pessoal da Bahia Minas quando foi transferido pra aqui. Veio elemento já cursando a terceira série, veio que estava na primeira e segunda, incorporou no grupo de Divinópolis. (DiretorEPFD)

Segundo os entrevistados, os alunos não eram os filhos da elite econômica divinopolitana, eram os filhos dos trabalhadores da cidade. Benefícios como remuneração e descontos em passagens nos trens que o estudante recebia durante os três anos de aprendizagem eram fatores determinantes para as famílias motivarem os filhos a se inscreverem na EPFD. Durante as entrevistas, por diversas vezes, sempre exaltavam esse período como “um divisor de águas” para suas vidas. Segundo os egressos, 30 estudantes entravam por ano na Escola Profissional, mas nem todos concluíam o curso.

Partindo dessa premissa, questionamos os entrevistados sobre a evasão escolar. Todos disseram com incerteza sobre o abandono da escola, porém, o

entrevistado DiretorEPFD, apresentou uma listagem datilografada. Nessa listagem estavam os nomes de todos os formandos da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis entre 1943 e 1972. Ele argumentou: “a Dona Zulmira datilografou pra mim e me entregou quando a escola terminou.”

Figura 12 - Listagem com nomes dos formandos da EPFD entre 1943-1971



Ano de 1 943

Guilherme Sanches
Helí José da Silva
Manoel Valerio
Walter Torres
Reinaldo Isolani
Alfenor de Oliveira Damaso
Euclides Carneiro
Francisco Carvalho Melo
Gipson Vasconcelos
José Deusdete de Castro
Antonio Rodrigues Ferreira
Horácio Maia
Francisco Assis de Oliveira Roxo
Astor Fernandes
José Joaquim Eloi
Carlos Alves Cordeiro
Raul Nunes Claro
Antonio de Oliveira Gil
Ivam Rodrigues de Oliveira
Geraldo Orsini Campos
Walter Faria
Sebastião Hamilton Xavier
Helio Teixeira Pires
José Morato da Fonseca
José Pereira Chula
José Inácio Machado
Rodolfo Izolani
João Co sta
José Amorim d a Cruz
José Vicente Sotero
José Domingos dos Santos
Antonio José Teixeira
Oscar Pena de Abreu

Ano de 1.945

Dimas Silva
Wal demar Betoni
Antonio Ferreira Valerio
Manuel de Sousa Ribeiro
Max Batista dos Santos
Wilson Machado
Raimundo Geraldo Dias
Antonio Alves de Oliveira
Edson Gomes de Sousa
Jose Olinto
Antonio Carvalho Torres Filho
Jose Loureiro dos Santos
Luiz Lara
Manoel Messias Barbosa

Ano de 1.944

Ano de 1.946

Antonio Carvalho de Melo
Faustino Pires de Morais
Jair de Barros
Antonio Ferreira de Castro
Raimundo Antonio Manoel
Raimundo Queiroz
Joaquim Eloi Filho
José Antonio da Silva Filho
José Raimundo Romão

Ano de 1.947

Adair Xavier Dias
Anisio Braz do s Santos
Antonio Dias Junior
Ariovaldo Pires
Domingos Pires
Gilberto Gonçalves Cota
Heleno Santana
Hiran Pena de Abreu
Jairo Antonio de Paula
Jo sé Ferreira da Silva
Maria Camilo Loureiro
Milton Pena
Osvaldo Jacuino Filho
Raimundo José Teixeira
Sebastião Justiniano de Figueiredo
Wellington Resende

Ano de 1.948

Ahilton Batista dos Santo s
Bernardino Alves Cordeiro
Areli Torres Morato
Ivo Rocha Dolher
João Soares
J ose Ferreira Capistrano
José Lino Dias Filho
Moacir Sotero
Odilon Guimarães
Paulo Fausto dos Santos
Paulo Morato da Fonseca
Waldemar José da Fonseca

Ano de 1.949

Antonio Maia Guimarães
Antonio Sanch es
Ambrósio Marciano
Djalma Pereira da Fonseca
Duilio Torres
Generoso Ferreira Dân aso
José Gabriel da Costa
José Regino Filho
Jo sé Valério
Raimundo Rodrigues
Urias Justiniano de Figueiredo
Rafael das Mercês Santos

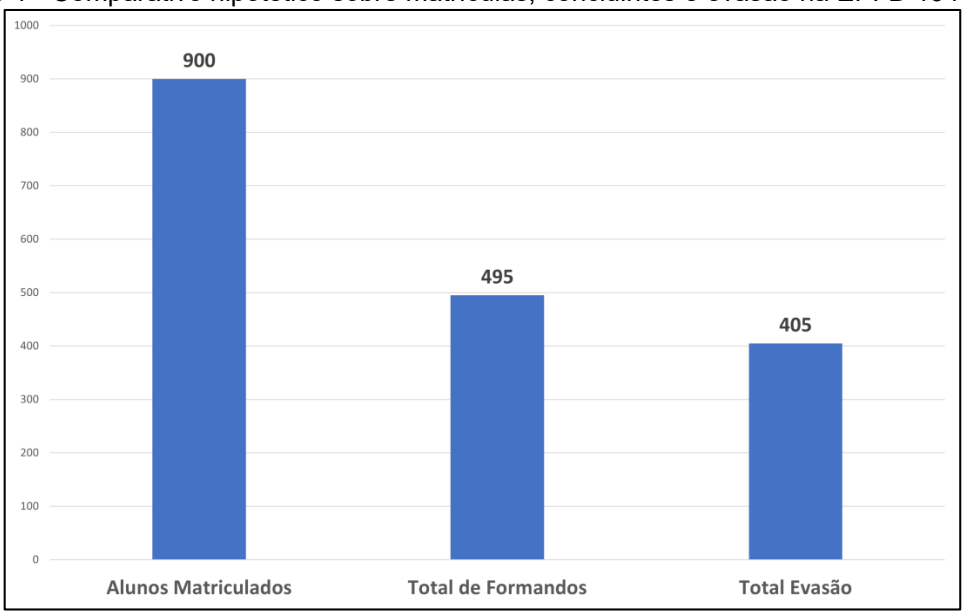
Fonte: Arquivo do Sr. Antônio Costa

Essa listagem datilografada foi transcrita e está como “Apêndice – B” nos itens pós-textuais deste trabalho. A partir da digitação, conseguimos chegar ao número total de estudantes formados pela escola entre 1943 e 1972[17], foram 495 estudantes

[17] Lembrando que a primeira formatura ocorreu somente 3 anos após a instalação da escola (que foi em 1941)

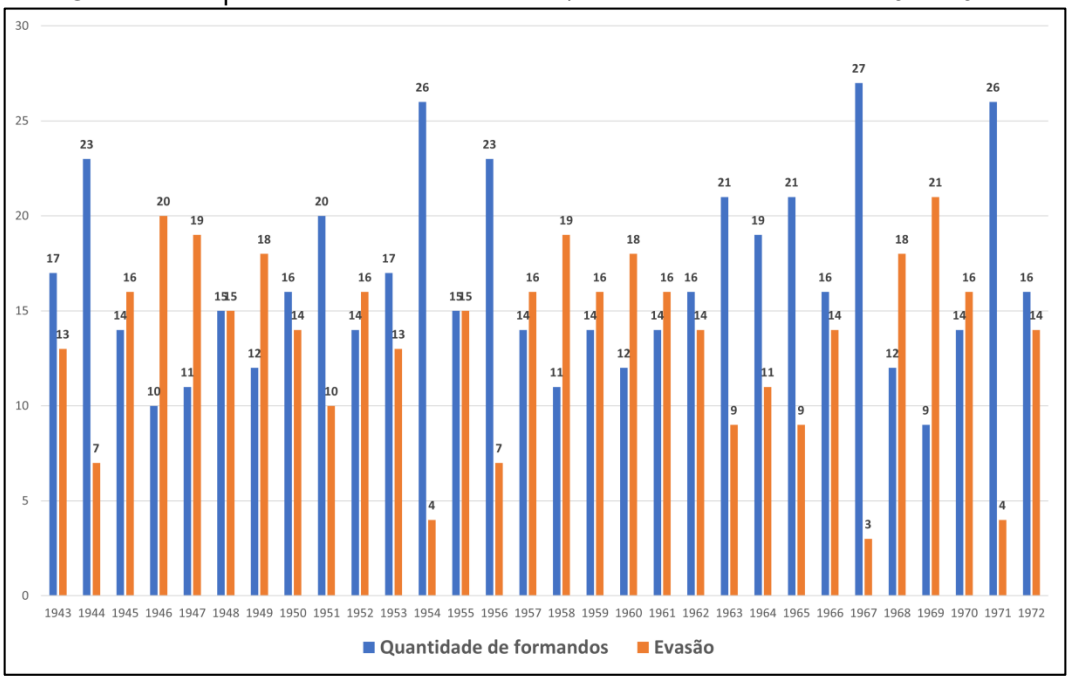
diplomados pela Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis neste período. Então, num cenário hipotético em que todos os anos ocorreram processo de seleção e que em todos os processos foram ofertadas 30 vagas, podemos supor que 900 estudantes iniciaram o curso na Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis. Partindo desse número (900) e confrontando com os 495 estudantes concluintes, podemos inferir uma possível taxa de evasão escolar durante o período. Na tentativa de entender o processo de permanência e êxito estudantil a partir desse cenário hipotético, formulamos os gráficos apresentados a seguir;

Gráfico 1 - Comparativo hipotético sobre matrículas, concluintes e evasão na EPFD 1941-1972



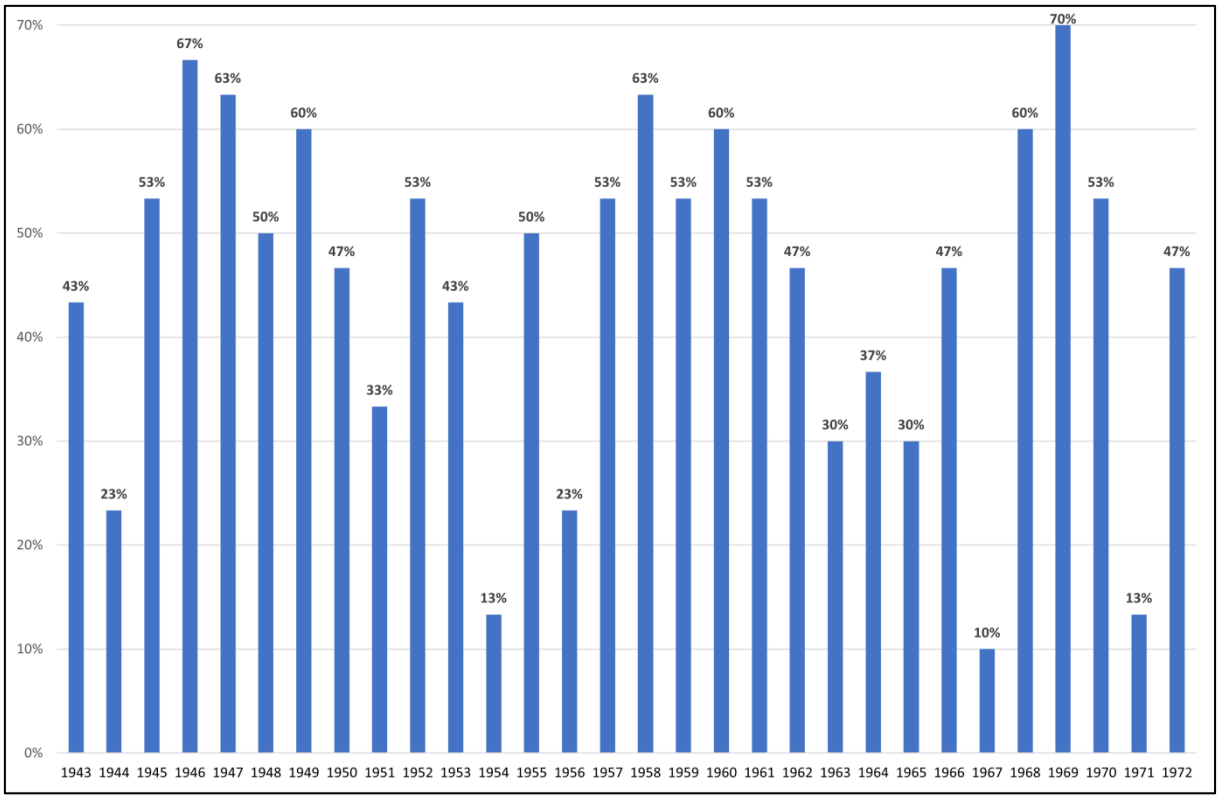

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2 - Hipotética de Alunos Formados/Evadidos da EPFD entre 1941-1972




Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 3 - Percentual Estimado de Evasão na EPFD entre 1941 - 1972



Fonte: Elaborado pelos autores

Como não foram encontrados documentos capazes de confirmar a estimativa

de evasão, o que foi possível estabelecer está nesta hipótese que coloca um total global de 45% (quarenta e cinco por cento) de estudantes que não concluíram o curso. Os motivos para essa evasão não puderam ser elencados justamente por falta de elementos que os justifiquem. Os relatos dos entrevistados apresentaram situações em que evidenciaram o quanto era difícil algumas disciplinas ministradas no curso, como por exemplo desenho técnico. Essa disciplina exigia o aprendizado das medidas em milímetros e em polegadas, o conhecimento das 3 vistas da peça e técnicas de luz e sombra aplicadas ao desenho industrial. Essa complexidade é uma das explicações para a evasão apresentadas pelos entrevistados.

Outra possibilidade apresentada era que o aluno, quando aprendia o suficiente para iniciar o trabalho no mundo industrial, o mercado que era muito carente de profissionais minimamente preparados, absorvia essa mão-de-obra. Garcia e Sandano em seu artigo, *"A Escola Profissional Mixta de Sorocaba: Aspectos Sobre o Processo Ensino-Aprendizagem (1929-1942)"* também corroboram com essa premissa quando afirmam que*;*

> A análise das 8.476 matrículas efetuadas durante o período analisado revela que 80% dos alunos não concluíam os cursos, motivados pela necessidade do trabalho e oferta de empregos existentes, principalmente disponibilizados pela ferrovia. [...] E, mais, o curso desenvolvido em cooperação com a Estrada de Ferro Sorocabana, como era o curso "Aperfeiçoamento de Ferroviários", destinado aos funcionários da empresa, conseguiu diplomar apenas 15% dos alunos matriculados. Com os índices de evasão ocorridos entre as 1ªs e 2ªs séries, pode-se hipotetizar, ainda, que com apenas os seis meses iniciais do curso os alunos estariam minimamente preparados para pleitear vagas no mercado de trabalho, optando por este a continuar na escola. (Garcia & Sandano, 2012, p. 409)

A Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis oportunizara uma vida escolar diferente das vivenciadas nos grupos escolares e colégios. Essa experiência era baseada na vida ferroviária. O aluno era um ferroviário em formação. As regras, os perigos, as conquistas, as situações problema que regiam os estudantes estavam conectadas com ações do mundo do trabalho. Isso o qualificava como um aluno diferente dos demais que estudavam somente a formação geral. A figura abaixo retrata grupos de estudantes de diversas escolas da cidade durante a cerimônia de comemoração do 36º aniversário da cidade. Ela reúne em uma imagem esses dois mundos, o da formação propedêutica e o da formação técnica;

Figura 13 - Alunos das Escolas de Divinópolis no 36º aniversário da Cidade

Fonte: Acervo do arquivo público municipal de Divinópolis-MG

Em uma análise rápida, fica evidente a separação dos grupos, primeiro por gênero e depois pelos uniformes. Meninas de um lado e meninos de outro. Dentre o grupo dos meninos, os uniformes se diferem muito, os estudantes da propedêutica estão com seus ternos e os estudantes dos trabalhos manuais com seus macacões de oficina. Nos faz retomar aqui a discussão inicial deste tópico, a dicotomia entre o trabalho intelectual e o manual. Os uniformes da propedêutica não foram feitos para se sujarem de graxa ou óleo diesel, mesmo estes estudantes em algum momento da vida podendo ocupar uma das profissões que exija isso. O uniforme do aluno da Escola Profissional, carrega a marca do trabalho manual, mesmo ele recebendo os saberes propedêuticos em concomitância com os técnicos. Seu uniforme é um macacão de oficina e é essa oficina que ele representa. Ser da EPFD é ser operário ferroviário em tempo integral “desde pequeno”, é uma opção que as vezes não se tem escolha.

## 4.3 OS PROFESSORES E A DIREÇÃO DA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS

Com relação aos professores, um dos entrevistados, o Eletricista1948, repetiu diversas vezes durante as entrevistas que a escola estava totalmente vinculada didaticamente ao SENAI de são Paulo: “É, não tudo começou no SENAI de São Paulo

né, os desenhos toda a direção, vinha do SENAI de São Paulo né.” (Eletricista1948). Ao questionar os demais entrevistados sobre a origem dos professores, a resposta apontava para as oficinas de Divinópolis, afirmando que a escola escolhia aqueles com maior habilidade para atuarem na Escola Profissional, como foi o caso do Sr. Manoel Valério, aluno destaque da primeira turma que se tornou professor da disciplina Desenho Técnico.

> Para selecionar o corpo docente e discente da escola profissional e para orientar o curso nos primeiros dias, vieram do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, três technicos especializados, além do próprio diretor, engenheiro Ítalo Bolonha, que pessoalmente, dirigiu os trabalhos de installação. [...] Os technicos especialistas, actualmente presentes em Divinópolis, têm também por missão orientar os professores e instructores nos methodos pedagógicos adoptados.A escola está instalada, provisoriamente, em uma parte das oficinas da Estrada. Dentro de um anno estará construído o prédio definitivo, que será feito às expensas da Cooperativa dos Funcionários da Rêde, onde serão installados todas as dependências da escola. (Correio Paulistano, 19 de mar. 1941, p. 4)

De acordo com essa fonte, o CFESP esteve em Divinópolis para orientar o pessoal local na instalação da Escola. Quando a reportagem cita que “[...] Os technicos especialistas, actualmente presentes em Divinópolis, têm também por missão orientar os professores e instructores nos methodos pedagógicos adoptados. [...]”, podemos entender que a afirmação do entrevistado Eletricista1948 tem conexão com a realidade, uma vez que o CFESP foi incorporado pelo SENAI na década de 1940. Os técnicos do CFESP/SENAI São Paulo, foram responsáveis pela formação dos técnicos locais para que atuassem como professores, seguindo a metodologia destas instituições. O que não ficou claro foi o tempo necessário para a conclusão dessa formação, porque no recorte abaixo o *Divinópolis - Jornal*, descreve a estada de um professor do SENAI de São Paulo-SP como professor da RMV;

> BRUNO MMUFFATI – Transcorreu, a 28 do mês ontem, findo, a data natalícia do Sr. Bruno Mulffati figura queridíssima em nossos meios sociais, técnico e abalizado do SENAI e que atualmente leciona mecânica na Escola Profissional Ferroviária aqui existente. Foi um acontecimento festivo o natalício do ilustre cavalheiro. Em regozijo, o aniversariado ofereceu uma recepção aos seus amigos no Iris-Hotel [...]. (Divinópolis - Jornal, 1º de setembro de 1946, p. 1)
>
> Transferiu-se para São Paulo o estimado casal Bruno Muffatti e Dona Lizete Muffatti. Bruno Muffatti, por mais de um ano aqui esteve no exercício de seu cargo junto a nossa Escola Profissional Ferroviária. Bruno e dona Lizete souberam impor-se ao conceito da sociedade divinopolitana, porque, na realidade, são duas pessoas de educação esmeradíssima, de cavalheirismo apurado, sempre solícitas a prestigiar os empreendimentos humanitários.

> Bruno, principalmente, em nossas festas sociais, era sempre uma revoada de alegria e de animação. A distinta família Francisco Teodoro da Silva justamente no dia do natalício de sua encantadora filhinha Célia, natalício coincidente com o embarque do casal Muffatti, prestou expressiva homenagem ao boníssimo Bruno e À exma. Dona Lizete. Foi intérprete da homenagem o inteligente menino Ivan Teodoro da Silva, que fez um bonito discurso. Os homenageados, comovidos profundamente, agradeceram a homenagem prestada. Horas depois, pelo noturno do Triângulo, verificou-se o embarque do casal Muffatti, estando a gere local repleta de pessoas amigas. E foram para São Paulo o convivente Bruno e sua dedicada consorte. Duas pessoas que jamais aqui serão esquecidas, porque aqui, durante a sua estada, souberam conquistar a simpatia da nossa população. (Divinópolis - Jornal, 24 de novembro de 1946, p1)

O recorte cita que esse professor ficou em Divinópolis por mais de um ano, e o ano da reportagem é 1946. Considerando que a Escola Profissional foi inaugurada em 1941, podemos considerar, pelo menos 5 anos de intercâmbio direto entre a EPFD e as instituições paulistas. Para uma confirmação definitiva, seria necessário documentos como de contratos, materiais didáticos, etc., porém, nem a ferrovia nem o arquivo público municipal possuem tal material. A ausência de fontes escritas é grande, forçando o trabalho a focar na oralidade dos egressos e nos indícios que ora são encontrados. Sobre isto, Alberti afirma que “[...]Como método qualitativo e produtora de fontes de consulta, a história oral adquiriu uma especificidade tal que nos permite estabelecer apenas frouxas aproximações com as práticas de coleta de testemunhos de que se tem notícia desde a Antiguidade.” (2014, p. 25)

Então, ecoando a voz dos entrevistados, foi possível entender que os professores eram ferroviários e ferroviárias, pessoas que trabalhavam nas oficinas e por escolha da direção da ferrovia eram direcionadas para as atividades na Escola Profissional. Esses professores, segundo os egressos, cumpriam o calendário da ferrovia, portanto, possuíam somente trinta dias de férias. Quando a escola entrava em recesso, os alunos eram dispensados e os professores não; eles continuavam com sua rotina de preparação de aulas e material didático. O que podemos afirmar com uma margem maior de certeza, são os nomes dos professores que lecionavam na escola quando se deu seu encerramento. A foto abaixo é um registro do encontro da turma de 1971, penúltima turma da escola. Esse encontro ocorreu em 1987 entre alunos, pessoal da administração da escola e professores.

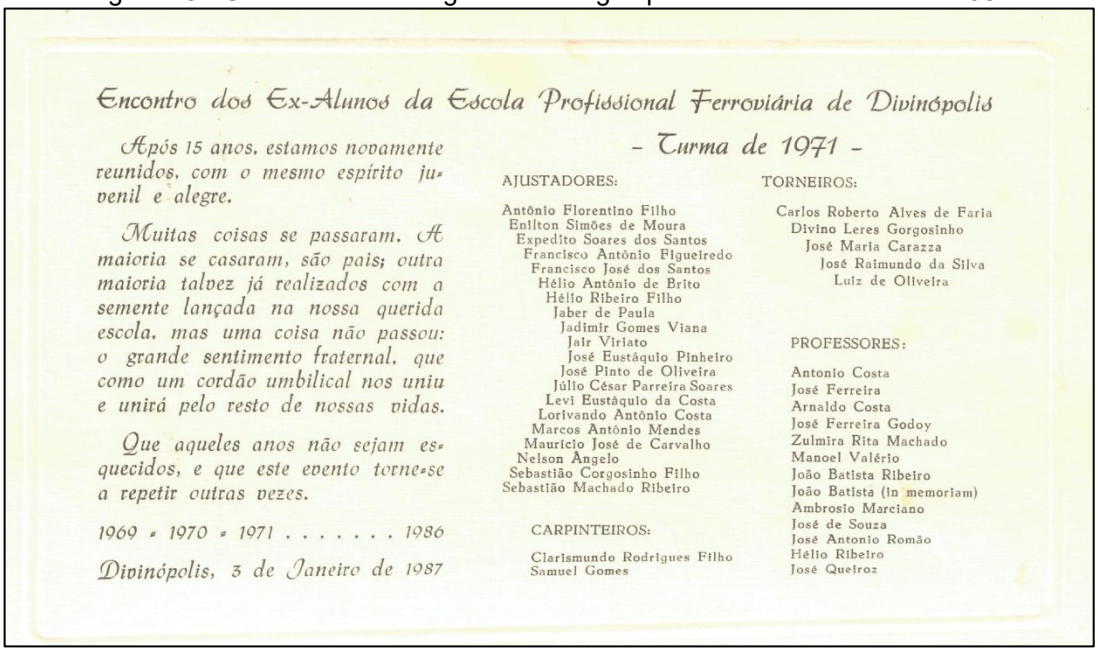
Figura 14 - Registro da homenagem aos antigos professores da EPFD em 1987

1- José Maria Carazza
2- José Eustáquio Pinheiro
**3- Júlio Cesar Parreira Soares – Vice-diretor**
**4- Antônio Costa – Diretor**
**5-** José Raimundo da Silva
**6- José Queiroz – Prof. Carpintaria**
7- José Pinto de Oliveira
**8- Arnaldo Costa – Prof. Ajustagem**
9- Lorivando Antônio Costa
**10- Zulmira Rita Machado – Prof.ª de Port., Higiene e Escriturária**
11- Carlos Roberto Alves de Faria
12- Levi Eustáquio da Costa
**13- José Ferreira da Silva – Prof. Ajustagem**
14- Maurílio José Carvalho
**15- José Antônio Romão – Prof. Ajustagem**
**16- José Ferreira Godoy - Prof. de Matemática**
17- Antônio Florentino Filho
18- Hélio Antônio de Brito
19- Divino Leres Corgozinho
20- Luiz de Oliveira
**PROFESSORES AUSENTES NA FOTO**
**Hélio Ribeiro – Prof. de Tornearia**
**José de Souza – Quarto de Ferramentas**
**Ambrósio Marciano – Prof. de Ferraria**
**João Barista – Prof. de Tornearia**
**João Batista Ribeiro – Prof. Carpintaria**
**Manoel Valério – Prof. de Desenho Técnico**

Fonte: Arquivo Pessoal do Sr. Antônio Florentino Filho

A legenda da foto traz os nomes que foram registrados por um dos egressos que, inclusive, está na fotografia. Além desse registro, existe também um cartão que foi entregue a todos como registro do encontro;

Figura 15 - Cartão de homenagem aos antigos professores da EPFD em 1987



Encontro dos Ex-Alunos da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis

- Turma de 1971 -

*Após 15 anos, estamos novamente reunidos, com o mesmo espírito juvenil e alegre.*

*Muitas coisas se passaram. A maioria se casaram, são pais; outra maioria talvez já realizados com a semente lançada na nossa querida escola, mas uma coisa não passou: o grande sentimento fraternal, que como um cordão umbilical nos uniu e unirá pelo resto de nossas vidas.*

*Que aqueles anos não sejam esquecidos, e que este evento torne-se a repetir outras vezes.*

*1969 • 1970 • 1971 . . . . . 1986*

*Divinópolis, 3 de Janeiro de 1987*

AJUSTADORES:

Antônio Florentino Filho
Enilton Simões de Moura
Expedito Soares dos Santos
Francisco Antônio Figueiredo
Francisco José dos Santos
Hélio Antônio de Brito
Hélio Ribeiro Filho
Jaber de Paula
Jadimir Gomes Viana
Jair Viriato
José Eustáquio Pinheiro
José Pinto de Oliveira
Júlio César Parreira Soares
Levi Eustáquio da Costa
Lorivando Antônio Costa
Marcos Antônio Mendes
Maurício José de Carvalho
Nelson Ângelo
Sebastião Corgosinho Filho
Sebastião Machado Ribeiro

CARPINTEIROS:

Clarismundo Rodrigues Filho
Samuel Gomes

TORNEIROS:

Carlos Roberto Alves de Faria
Divino Leres Gorgosinho
José Maria Carazza
José Raimundo da Silva
Luiz de Oliveira

PROFESSORES:

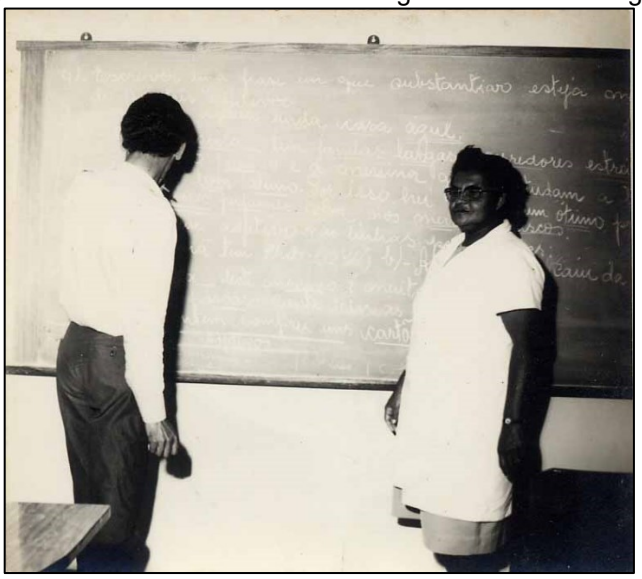
Antonio Costa
José Ferreira
Arnaldo Costa
José Ferreira Godoy
Zulmira Rita Machado
Manoel Valério
João Batista Ribeiro
João Batista (in memoriam)
Ambrosio Marciano
José de Souza
José Antonio Romão
Hélio Ribeiro
José Queiroz

Fonte: Arquivo Pessoal do Sr. Antônio Florenttino Filho

Neste cartão estão os nomes dos estudantes da penúltima turma, das funções as quais foram formados e o registro dos nomes dos últimos professores. Segundo o entrevistado, muitos colegas não puderam comparecer, pois, estavam trabalhando fora da cidade, em outras empresas, inclusive havia um dos formandos (o Sr. Sebastião Machado) que estava em alto mar a serviço da Marinha do Brasil. Além do importante registro do corpo docente e discente, novamente, estamos diante de um indício de que a formação oferecida pela EPFD reverberava para além das oficinas da ferrovia.

Outro recorte importante que pode ser feito, a partir da foto acima é o da D. Zulmira (número 10 na legenda da foto acima), apresentada pelos entrevistados como a professora de português e escriturária da Escola Profissional.

Figura 16 - Dona Zulmira lecionando Português - data e local ignorados.



Fonte: Grupo de facebook Esplanada Este Lugar

A foto acima mostra D. Zulmira em um momento de sala de aula. Não havia muitas ferroviárias nas oficinas, era um espaço caracteristicamente masculino, mas isso pode não representar a realidade;

> Num primeiro momento falar em trens, vagões, trilhos e dormentes, isto é, no mundo da ferrovia, parece não haver papéis femininos, mas somente masculinos. Parece impossível a visibilidade feminina. As mulheres parecem estar invisíveis neste mundo de valores masculinos. A história é contada sempre por vozes masculinas. Não se tem muitos dados formais, porém, sabe-se que as mulheres sempre estiveram presentes. Ocorre que a presença feminina no mundo ferroviário é um tema quase que inexplorado. [...] Desse modo, na ausência de fontes materiais escritas ou quando as mesmas são insuficientes utiliza-se a história oral como forma de resgatar a memória e/ou cultura de determinado povo. A história oral constitui-se um meio privilegiado para resgatar fatos da vida cotidiana. (Silva, 2013, p.48)

Esta lacuna sobre a participação das mulheres na ferrovia ainda carece de muitos estudos para que possamos, de fato, visualizar quais as contribuições das ferroviárias para o desenvolvimento das estradas de ferro brasileiras. A foto acima, para além de um registro, é uma evidência de que esse tema precisa ser melhor explorado, inclusive na história das oficinas de Divinópolis-MG.

Com relação à organização administrativa, podemos resumir o quadro de funcionários da seguinte maneira: professor chefe (diretor), vice-diretor, professores da área técnica (técnicos da oficina); professores da formação geral (pessoas contratadas pela ferrovia com a expertise necessária ou pessoal da própria ferrovia), e funções “burocráticas” ligadas à secretaria, que normalmente eram cumpridas por

professores da formação geral. Não foi relatada a função de inspetor de alunos, comum para a época. Todos os profissionais eram contratados pela ferrovia, portanto, eram ferroviários e ferroviárias e mesmo a escola sendo um educandário, o calendário de trabalho dos funcionários era o da rede ferroviária e não o calendário escolar vigente na municipalidade.

A escolha dos profissionais era feita pelo Engenheiro Chefe da ferrovia, no caso do último diretor, ele afirma que ficou surpreso com sua escolha para diretor da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis. Segundo ele, a indicação de seu nome foi feita pelos próprios ferroviários e acatadas pelo Engenheiro Chefe;

> Nesse decorrer de tempo, dentro da oficina de Divinópolis, não sei por que razão, no decorrer vocês vão notar que não fui nada e fui homenageado demais, entendeu? Acharam por bem que eu, escriturário da rede deveria ser o Diretor da Escola Profissional, porque [...] parece que estava em decréscimo a produção e resolveram fazer um abaixo assinado para o diretor da rede indicando o escriturário [nome do diretor] para Diretor da Escola Profissional. Engraçado né, foi acontecendo essas coisas assim. Então eu fiquei assim, sem saber, como se diz, como poderia um elemento lá do escritório ser nomeado para diretor da escola. Mas acontece o seguinte, o atual chefe lá parece que estava assim sem muito interesse[...]. (DiretorEPFD)

Podemos interpretar que essa surpresa vem do fato de que ele, enquanto ferroviário, exercia uma função administrativa, chamada de burocrática na linguagem ferroviária. Não exercia um cargo voltado para a educação, o que normalmente é mais adequado para exercer tal função diretiva. Conjecturando com essa premissa, podemos inquirir que ser ferroviário, nesse caso, era entendido como mais importante para a função de diretor escolar que ser professor. Andrea Maia, em seu livro “. *Encontros e Despedidas História de Ferrovias e Ferroviários de Minas*” diz o seguinte sobre ser ferroviário;

> [...]Quando ele diz sobre o ser ferroviário. Este ethos ferroviário o afasta momentaneamente da cidade, o afasta do local, do espaço regional, das fronteiras de sua casa, de seu bairro, de sua vila. Ao ser ferroviário, ele passa a ser semelhante a todos os outros ferroviários do globo. Sua visão de mundo, sua moral, sua ética, seu estar-no-mundo, enfim, seu *modus vivendi* por um momento deixam de estar ligados propriamente à cidade onde mora e passam a significar, - para além do fato de ser pessoa comum, nascida no Brasil, em Minas, em meados do século XX -, ser um ferroviário, simplesmente ferroviário. Há uma identidade que se funda no trabalho. Identidade que é construída no cotidiano do “experienciar-se” e experimentar-se maquinista, chefe de estação, agente, telegrafista, guarda-chaves... (Maia, 2009, p. 81)

Andrea Maia defende que existe uma identidade de ferroviário que transcende a ideia do indivíduo, que remete ao grupo, ao coletivo. O que podemos perceber, é que com relação a isso, a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, conjuntamente com todas as pessoas que lá trabalharam e/ou estudaram, foram também ferramentas de consolidação identitária, era uma iniciação ao modo de vida ferroviário.

## 4.4 A ROTINA ESCOLAR

Para além da organização material, a escola tem sua lógica de funcionamento, seu tempo, sua metodologia, forma de avaliar, de controle social e de se expor para a sua comunidade. Corroboramos com Moreira quando este define que “o currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura. O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados.” (Moreira et al., 2007, p.28). Concomitante ao currículo, eis que se faz presente o denominado currículo oculto na composição espaço/tempo escolar. O currículo oculto

> [...] envolve, dominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por grupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos(as) professores(as) e nos livros didáticos. (Moreira et al., 2007, p.18)

Observar esses quesitos, quando se trata de uma época diferente, sobretudo sem registros escolares, sem as atas, os diários, os planos e planejamentos, as regras, os estatutos e tudo que compõe esse complexo formado entre currículo e currículo oculto, transforma o processo num desafio. Na ausência das fontes históricas tradicionais como são os documentos guardados em arquivos, bibliotecas etc., precisamos lançar mão das pessoas que vivenciaram a época, a instituição e todos os efeitos provocados por ela. A História Oral, como fonte de dados, mostra que;

> A entrevista adquiriu estatuto de documento, mas isso não quer dizer que a história oral tenha se ajustado aos ditames da história “positivista”. Ao contrário: trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais o passado “tal como efetivamente ocorreu”, e sim as formas como foi e é apreendido e

> interpretado. A entrevista de história oral[...] documenta uma visão do passado. Isso pressupõe que essa visão e a comparação entre diferentes visões tenham passado a ser relevantes para estudos na área das ciências humanas. Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio do estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular mediante a análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações. (Alberti, 2013, p. 24-25)

Na tentativa de observar a estrutura que organizava a dinâmica escolar da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, vamos lançar mão dos fragmentos encontrados em jornais e das entrevistas com os ferroviários que participaram desta pesquisa. Começaremos com o recorte abaixo, que explicita detalhes da organização da primeira turma da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis;

> Dos 61 alumnos inscriptos foram selecionados trinta, dos quaes seis seguirão o curso de carpintaria e os vinte e quatro de mecânica, ferraria e caldeiraria. Entretanto, a separação para essas três últimas especialidades só se fará no fim do primeiro anno de curso, mediante provas techno-psychologicas. (Correio Paulistano, 19 de março de 1941, p. 4)

A análise da notícia acima mostra que a Escola Profissional oferecia trinta vagas por ano, o que corrobora com a descrição de todos os entrevistados que a vivenciaram. Outro fato interessante é a separação dos estudantes com relação às especialidades oferecidas pela escola. Esta descrição confirma o apresentado pelo entrevistado Manutenção1971;

> Funcionava assim, no primeiro ano todo mundo entrava na ajustagem, pela bancada do ajustador. Então o primeiro exercício que eles davam pra gente era um tarugo de ferro pra você limar ele e por ele no esquadro, tinha que esquadrejar ele todinho. Eram seis lados dele você tinha que colocar tudo no esquadro. Então aqueles que não conseguiam, eles eram tirados e iam pra carpintaria, isso com um mês mais ou menos. [...] você não tem aptidão pra isso aqui, pra metal, então você vai pra madeira. Então ali todo mundo continuava na ajustagem. Tinha ajustador e marceneiro. [...] Éramos 30 alunos que entravam, dos trinta foram 2 pra carpintaria [...]. No segundo ano continuava a divisão, quem era marceneiro era marceneiro quem era ajustador, ajustador. Quando ia passar para o terceiro ano, os 5 ou 6 colocados na nota de ajustagem, tinha a opção. Eles perguntavam, vocês querem ir pra tornearia? Se querem vão pra tornearia se não, ficava na ajustagem e chamava o próximo. [...] Porque durante o segundo ano a gente já ia no torno, a gente falava assim, vamos começar a descascar ferro! [...] então aqueles 5 melhores no segundo ano, iam para a tornearia no terceiro ano por opção. Os que eram marceneiros, ficavam na marcenaria do primeiro ao terceiro ano. Eu não sei o critério que eles usavam lá, porque a gente era trinta, e depois de um mês e pouquinho, eles tiravam 2, 3 e levavam pra lá. A gente nem perguntava porquê, eles iam pra lá. [...]Lá na escola profissional a

> gente tinha, Ajustador, Torneiro, Marceneiro e Ferreiro. Tinha a turma da ferraria, mas no tempo que estudei, só tinha 1 que eu vi formano como ferreiro, já era de outra turma. [...] a gente no primeiro, segundo e terceiro ano ia na ferraria, na tornearia e nacarpintaria, pra ver como é que era, e mexer lá... (Manutenção1971)

Para tentar facilitar o entendimento, foi criada uma tabela baseada nas informações da notícia do jornal *Correio Paulistano* e na fala do entrevistado Manutenção 1971.A tabela foi desenhada simulando um total de 30 vagas oferecidas pelo exame de seleção, não foi considerada a evasão escolar.

Quadro 4 - Estrutura de Formação Imaginada a partir das descrições de pesquisa

| | | |
|---|---|---|
| **1º ANO** | | |
| Tornearia Mecânica<br>Ajustagem Mecânica<br>Ferraria/Calderaria | 26 | Os estudantes enfatizavam a ajustagem mais trabalhavam em todos os setores para conhecimento. |
| Carpintaria/Marcenaria | 4 | Os encaminhados para carpintaria seguiriam nesta atividade até o 3º ano. |
| **2º ANO** | | |
| Tornearia Mecânica<br>Ajustagem Mecânica<br>Ferraria/Calderaria | 26 | Os estudantes enfatizavam a ajustagem mais trabalhavam em todos os setores para conhecimento. |
| Carpintaria/Marcenaria | 4 | Os encaminhados para carpintaria seguiriam nesta atividade até o 3º ano. |
| **3º ANO** | | |
| Tornearia Mecânica | 5 | Os 5 melhores classificados alunos do 2º ano poderiam escolher se especializariam em ajustagem mecânica ou tornearia. |
| Ajustagem Mecânica | 20 | Os estudantes que não alcançaram as notas suficientes para especializarem-se em tornearia, poderiam ficar em ajustagem mecânica. |
| Ferraria/Calderaria | 1 | Por opção ou escolha dos professores um ou mais estudantes poderiam ser encaminhados para especializar o 3º ano na ferraria. |
| Carpintaria/Marcenaria | 4 | Os encaminhados para carpintaria seguiriam nesta atividade até o 3º ano. |
| Obs:<br>1- A tabela foi desenhada simulando um total de 30 vagas oferecidas pelo exame de seleção.<br>2- Não foi considerada a evasão escolar.<br>3- Não foi considerada a reprovação escolar, pois o estudante poderia ficar retido e repetir o ano de ensino.<br>4- Todos os estudantes que se especializaram na parte de metal, frequentavam aulas em todas os setores. O objetivo era adquirir conhecimentos sobre todas as áreas, pois, as atividades dentro das oficinas demandariam essa interlocução.<br>5- A divisão numérica da quantidade de alunos por especialização é meramente ilustrativa. | | |

Fonte: Construído pelos autores

Observando as citações e o quadro acima, podemos concluir que os 30 estudantes aprovados na seleção formavam uma turma. Essa turma cursaria 3 anos

na Escola, porém, as possibilidades de formação para cada turma variavam entre: Carpintaria/Marcenaria, Ferraria/Caldeiraria, Ajustagem Mecânica e Tornearia Mecânica. Entendemos também que todos os estudantes que se especializaram na parte de metal, frequentavam aulas em todas os setores, pois, para fazer uma peça no torno, às vezes o estudante precisaria utilizar técnicas de ajustagem ou caldeiraria ou marcenaria. Diferentemente dos estudantes da marcenaria/carpintaria, esses focavam somente no trabalho em madeira.

Os entrevistados falaram sobre a reprovação, ela acontecia quando o aluno não alcançava a média de 50% de aproveitamento nas avaliações. E falando sobre as avaliações, os egressos disseram que aconteciam tanto sobre as atividades teóricas (propedêutica) quanto as práticas (técnicas). As avaliações da propedêutica eram bimestrais e eram realizadas em provas escritas, de maneira tradicional. As avaliações nas oficinas (parte prática), exigiam a confecção de uma peça a partir de modelos apresentados pelo professor. E ainda havia a peça de prova, seria a prova final, “valia muito ponto, se você passasse em todas as provas mais não passasse na peça de prova, era reprovado”. (Manutenção1971). Para a Peça de Prova, o estudante recebia um desenho com uma peça para ser desenvolvida, e as instruções indicavam o tempo gasto para desenvolver e o tipo de acabamento. Se o tempo previsto fosse 10 horas, e se passasse do tempo, sua nota era diminuída proporcionalmente. As peças de prova eram avaliadas também pelas medidas, deveriam ser exatas e pelo acabamento.

Celso Suckow da Fonseca, no trecho que escreve sobre o “*REGIMENTO DAS ESCOLAS DE APRENDIZAGEM DO SENAI*”, apresenta o regulamento das atividades de avaliação nas escolas do SENAI;

> SECÇÃO XIII
>
> *Da Avaliação do Rendimento Escolar*
>
> Art’ 46’ — O rendimento escolar de todas as disciplinas, com exceção do trabalho de oficina, será avaliado à vista das notas bimestrais dadas em cada disciplina pelo respectivo professor e em face de uma prova objetiva de escolaridade, escrita ou gráfica, que será realizada no fim do termo.
> Art’ 47’ — Nos trabalhos de oficinas, o rendimento será avaliado à vista das notas conferidas aos trabalhos das séries metódicas e em face de uma peça de prova executada pelo aprendiz, no fim do termo.
> § único — No primeiro termo não haverá peça de prova.
> Art’ 48’ — As notas serão graduadas de zero a cem.
> Art’ 49’ — Considerar-se-á habilitado para promoção o aprendiz que no conjunto das disciplinas obtiver média ponderada cinquenta.
> § 1’ — Para o cálculo da média ponderada, a média global das notas finais

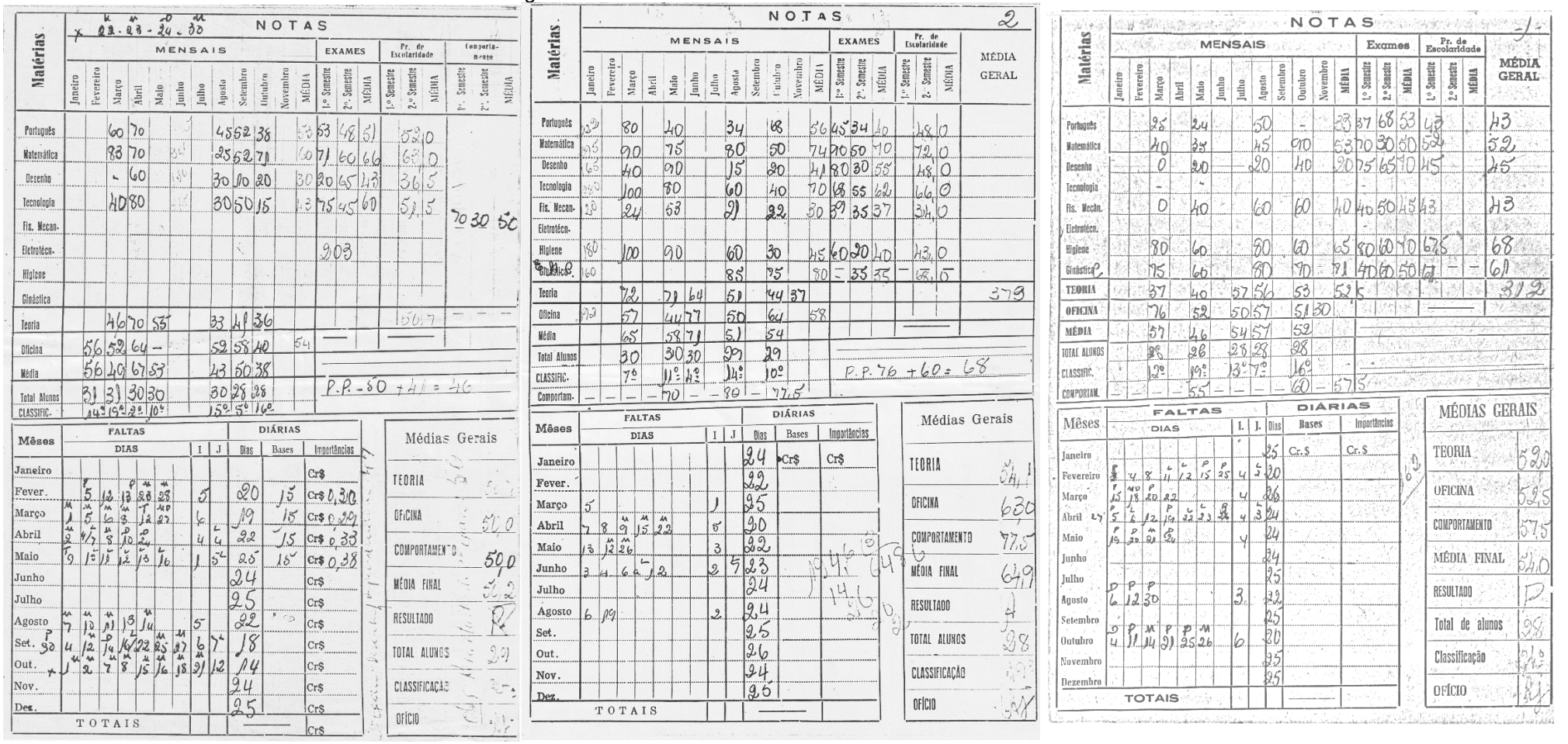
> de Português, Matemática, Ciências, Tecnologia e Desenho terá pêso um e a nota final de trabalhos de oficina pêso dois.
> § 2' — A nota final de Português, Matemática, Ciências, Tecnologia e Desenho será obtida pela divisão por dois da soma da média das notas bimestrais com a nota da prova de escolaridade.
> § 3' — A nota final dos trabalhos de oficina será obtida pela divisão por dois da soma da média das notas dos exercicios de oficina com a nota conferida à peça de prova.
> § 4' — A nota de educação física não entrará no cálculo da média ponderada.
> Art' 50' — Considerar-se-á habilitado para promoção o trabalhador menor que obtiver média global quarenta no conjunto das disciplinas, excluída educação física. (Fonseca, 1961, p.551)

Baseado na descrição dos egressos e com o que escreveu Fonseca sobre o processo avaliativo nas escolas do SENAI, podemos inquirir que a dinâmica de organização das atividades avaliativas era equivalente entre as escolas do SENAI e a descrição dos estudantes da EPFD. Sobretudo no que se relaciona à Peça de Prova, que segundo os egressos era o exame mais importante e na média necessária para aprovação de 50% do rendimento escolar. Com relação aos critérios para avaliação, os estudantes não souberam falar mais detalhes para além da avaliação do tempo gasto, da qualidade nos acabamentos e da precisão nas medidas.

Continuando baseado nas entrevistas colhidas, a organização das aulas estava disposta da seguinte maneira: o 1º ano e o 3º ano, geralmente faziam a parte técnica no turno matutino e a teórica no vespertino, o 2º ano invertia. Essa inversão visava maximizar o uso das salas de aula teóricas e do galpão das aulas práticas. Com relação à organização dos horários, a normatização apresentada por Fonseca (1961) informa que "SECÇÃO III - *Dos Horários*–Art. 62. — Os horários serão organizados de acordo com as conveniências locais, obedecendo às delimitações estabelecidas." (Fonseca, 1961, p. 545). Como havia uma abertura para o ajuste de horários, imaginamos que o que os egressos apresentaram como horário das atividades está coerente.

Um documento importante na vida escolar é o Boletim Escolar, nele, a escola registra os detalhes importantes sobre os objetivos a serem cumpridos pelo discente. Um dos egressos guardou esse documento, ele se refere à penúltima turma da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, isso indica que pode não ser equivalente ao primeiro boletim utilizado na escola, uma vez que esta instituição funcionou por 31 anos e da mesma maneira que a ferrovia, sofreu diversas modificações. Os boletins são do primeiro, segundo e terceiro anos.

Figura 17 - Boletins com notas e médias anuais dos anos de 1968 à 1970



Fonte: Arquivo Pessoal do Sr. Antônio Florentino Filho

Nos boletins podemos observar os componentes curriculares: 1º ano - Português, Matemática, Desenho, Tecnologia, Tornearia, Carpintaria, Ajustagem e Ferraria, Estágio uma vez por semana em algum setor da oficina.2º ano: Português, Matemática, Desenho, Física Mecânica, Higiene, E.M.C. (Ensino Moral e Cívica), (A disciplina técnica era voltada para a função que iria desempenhar após o curso) Tornearia ou Ajustagem ou Ferraria ou Carpintaria, Estágio uma vez por semana em algum setor da oficina 3º ano: Português, Matemática, Desenho, Física Mecânica, Higiene, Ginástica, (A disciplina técnica era voltada para a função que iria desempenhar após o curso) Tornearia ou Ajustagem ou Ferraria ou Carpintaria, Estágio uma vez por semana em algum setor da oficina.

A título de comparação, vamos observar O que Rangel (2012) apresenta sobre os componentes curriculares da Escola Ferroviária de Jundiaí em São Paulo;

> Plano de organização para Escola de Aprendizes Mecânicos na Companhia Paulista de Estradas de Ferro de Jundiahy", redigido com o auxílio de Roberto Mange, no qual pretendia-se a formação de mecânicos-ajustadores, serralheiros e montadores, por meio de aulas teóricas e práticas em um curso com duração de quatro anos.[...] O currículo privilegiou o ensino progressivo em conteúdos técnicos (predominantes nos dois últimos anos) e disciplinas mais abrangentes como "Noções de História da Civilização no Brasil", "Geografia Política e Comercial do Brasil", "Educação Cívica", "Moral do Aprendiz no seu Ofício Perante a Sociedade" e "Noções de Higiene do Ofício" (Rangel, 2012, p. 9)

As disciplinas "Noções de História da Civilização no Brasil, Geografia Política e Comercial do Brasil, Educação Cívica, Moral do Aprendiz no seu Ofício Perante a Sociedade", citadas acima como importantes, não eram ministradas na EPFD, pelo menos formalmente. Será que essa diferença entre os componentes curriculares das duas escolas evidenciam que a Escola de Jundiaí oferecia uma formação mais "omnilateral" e a EPFD, uma formação bem mais pragmática?

> Na primeira metade do século XX a educação profissional foi fortemente marcada pela dualidade de um sistema que se voltava para as elites e outro para as classes populares [...]. Com a industrialização crescente, especialmente a partir de meados desse século, a dualidade foi mantida. Acentuou-se, porém, sua função de preparar as pessoas para o ingresso no mercado de trabalho, fazendo predominar sua função profissionalizante, em permanente tensão com a função propedêutica. [...]. A qualidade da formação de técnicos no Brasil em instituições de qualidade foi além dos próprios limites colocados pelas demandas da produção definidos pela divisão social e técnica do trabalho, posto que essa se desenvolveu tendo as ciências básicas como fundamento. [...]. Em que aspecto esteve nossa crítica a este tipo de formação? Esteve na rarefação dos conhecimentos das ciências humanas, sociais e das linguagens, dificultando, assim, uma

formação integral do sujeito. (Ramos, 2014, p.116)

Como defende Ramos, no trecho acima, a ideia da educação mais holística, de maneira a proporcionar uma criticidade ampliada nos sujeitos da Educação Profissional, não era objetivo da EPFD. A ideia era formar um técnico com habilidades técnicas capazes de interferir na realidade da oficina, cumprindo seus horários e entregando seus serviços de maneira organizada e racionalizada. Não havia incentivos ao pensamento crítico ou filosófico, a ideia pragmática era imperiosa. Tudo voltava para a produção, inclusive a estrutura competitiva apresentada pelos ranqueamentos constantes. Os estudantes eram classificados em todos os momentos e a cada bimestre sua colocação na turma poderia mudar. Fica a impressão de que o processo competitivo era sistemático e individualizado, pois, não havia uma referência ao ranqueamento da turma.

O ranqueamento dos estudantes, se dava ao final de cada bimestre e no final do ano. Havia uma contabilidade com as médias das avaliações “Teóricas”, as “Práticas” e o “Comportamento”. Segundo os egressos a participação dos professores nas avaliações era muito ativa, sobretudo no quesito comportamento. O que nos levou a pensar sobre como era o regime disciplinar da Escola. Como não existem documentos remanescentes desta época, novamente consultamos o trabalho de Fonseca (1961). Nele conseguimos encontrar a descrição da estrutura utilizada pelo SENAI para regulamentar o Regime Disciplinar. Acreditamos que esse regulamento, com as devidas adaptações, foi utilizado como referência para estruturar a lógica disciplinar da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis;

TITULO V

*Do Regime Disciplinar*
Art’ 74’ — São deveres dos alunos:
a) frequentar regularmente a Escola;
b) observar com pontualidade os horários;
c) cumprir com cuidado as obrigações escolares;
d) portar-se corretamente dentro da Escola ou fora dela, sobretudo quando a representarem isolada ou coletivamente ou quando usarem qualquer uniforme ou distintivo, que os identifique como alunos do SENAI;
e) tratar com respeito os professôres e funcionários da Escola;
f) tratar com urbanidade os colegas e abster-se de atos contrários aos bons costumes;
g) zelar pela conservação dos edifícios da Escola e pelo material que lhe fôr confiado;
h) respeitar a propriedade dos colegas;
i) quando internados, não se afastarem do recinto da Escola sem licença especial escrita.
Art’ 75’ — De acôrdo com a gravidade da falta, os alunos que infringirem os

> dispositivos acima serão passíveis das seguintes penalidades:
> 1) Advertência
> 2) Repreensão por escrito na caderneta escolar
> 3) Suspensão
> 4) Exclusão
> § 1' — São competentes para aplicar a penalidade do item 1 os professôres e instrutores.
> § 2' — Cabe ao Diretor ou quem suas vêzes fizer, a aplicação das penas constantes dos itens 2 e 3.
> § 3' — A pena de exclusão só poderá ser aplicada pelo Diretor, ou quem suas vêzes fizer, depois de ouvido o inspetor da zona ou o Chefe da Divisão de Ensino da Região.
> Art' 76' — As penalidades constantes dos itens 3 e 4 serão levadas a conhecimento do empregador.
> Art' 77' — Nos casos dos itens *g e h* do art' 74', será exigida a indenização dos danos causados, sem prejuizo da penalidade cabível.
> Art' 78' — Na medida do possível, será feita a orientação educacional dos alunos, visando a correção e elevação de suas qualidades morais e de seu comportamento social.
> § único — O funcionário encarregado da orientação educacional manterá estreito contato com o empregador e o meio social. (Fonseca, 1961, p. 545)

Já os fatos rememorados pelos entrevistados mostram que as regras da escola estavam muito vinculadas às regras da oficina. O espaço das aulas práticas oferecia os mesmos riscos físicos que os da oficina, as máquinas eram as mesmas e todas muito perigosas. Um manejo equivocado poderia gerar amputações ou até morte. Principalmente por esse motivo, as regras eram bem próximas das regras dos trabalhadores e o cumprimento das normas era observado de maneira quase "militar". Em todas as entrevistas também houve relatos sobre a disciplina e a ordem serem valores incontestáveis para o desenvolvimento do aprendizado na escola profissional. Em resposta à pergunta: Como era o regime disciplinar? Um dos egressos respondeu rapidamente;

> Rígido! Tinha punição, suspensão, mandavam chamar o pai da gente. Por exemplo, a gente saía na hora do recreio, saia e ia lá no rio nadar, pular no rio, porque tava muito calor, ia nadar. Escondia lá atrás da escola pra fumar, não podia. Por exemplo, ia trabalhar(estudar) sem estar de botina, faltando o material, eles não davam não, mais exigiam [...]. Por exemplo, você chegar lá de bermuda, não podia. (Havia muito desrespeito com o professor?) Não e quando desrespeitava, punha ele na faxina. Ficava o dia inteiro na faxina. Capinava lá fora, punha pra varrer. (Manutenção1971)

Sair escondido na hora do intervalo para nadar no Rio Itapecerica; esconder atrás dos galpões para fumar sem ser visto; atrapalhar a confecção de peças ou trabalhos de colegas só para os ver correndo desesperados de um lado ao outro, eram algumas das infrações passiveis de serem punidas. Castigos físicos não foram relatados, mas a ideia de disciplina muito próxima do militarismo foi citada algumas

vezes. O DiretorEPFD disse que poucas eram as situações que necessitavam de uma intervenção da direção e que não tem lembrança de alguma expulsão. Afirmou que, geralmente, uma conversa e pequenos ajustes eram suficientes para o “indivíduo” se reorganizar, caso estivesse descumprindo algum regulamento. Os entrevistados egressos da escola também não falaram sobre expulsão, porém, afirmaram que o rigor com o uniforme (que não era fornecido pela escola) e respeito aos professores eram muito cobrados, e se alguém descumprisse, recebiam uma advertência verbal. Os castigos apresentados pelos egressos eram advertências verbais, conversas com os pais e quando a falta era grave, o sujeito ficava responsável por varrer a oficina sozinho, lembrando que eles sempre limpavam e organizavam o espaço da prática coletivamente.

Como já foi dito anteriormente, é importante ressaltar que a ausência de materiais oficiais da escola, como impressos, comunicados, legislação, currículo, diários, atas, etc., impossibilitaram uma análise mais detalhada sobre a estrutura organizacional e burocrática da escola. Os fatos analisados aqui são oriundos, em sua maior parte, da memória individual dos entrevistados, o que deixa sobre as análises um aspecto saudosista e recheado de emoção durante a narração dos fatos.

## 4.5 DESFILES, FORMATURA E O RECONHECIMENTO PÚBLICO DA EPFD

Alinhado com a ideia de exibição pública da Escola Profissional, outro destaque que fazemos são as comemorações das datas cívicas, que segundo os entrevistados eram as únicas datas comemorativas incluídas no calendário escolar. Os desfiles se consolidaram como um costume. Esse costume pode ser observado em todo território nacional vinculado a atividades escolares;

> [...] os desfiles cívicos, o Corpo de Vigilantes e eventos da cultura escolar como a Hora Cívica imprimiam à Escola Industrial de Natal dispositivos de controle do tempo e dos corpos. Havia uma hierarquia de poder disciplinar, que vinha desde o diretor até o Corpo de Vigilantes composto por alunos da casa e as práticas educativas levavam a uma educação de sujeito moral, com orgulho cívico, com sentimento de pertencimento da instituição, que cuidava do corpo, dos gestos, da higiene, sendo identificados traços desses aspectos nos relatos e registros estudados. (Lustosa, Silvae Neta, 2018, p.205 )

O recorte acima é do estudo “*Corpo, Disciplina e Poder na Escola Industrial de Natal (1942-1968)”.* Analisando esse recorte conjuntamente com a *Figura 17 - Boletins com notas e médias anuais dos anos de 1968 à 1970*, observamos a consonância entre o

recorte acima e algumas disciplinas teóricas ministradas na Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis como “Higiene” e “EMC - Ensino Moral e Cívica”. A ideia de controle do corpo, da ordem para alcançar o progresso a partir da escola estava difundida nos currículos e sobretudo nos currículos ocultos;

> Assim, a escola torna-se uma peça chave para a difusão dos novos ideais republicanos de Ordem e Progresso e para que tal objetivo fosse alcançado era necessário disseminar valores morais e não apenas o conhecimento científico. Depreende-se, então, que os eventos cívico-patrióticos faziam parte do currículo da escola e eram atividades que congregavam alunos, professores e direção, pois eram manifestações culturais que traziam identidade à instituição escolar. As atividades cívicopatrióticas davam visibilidade às escolas, evidenciando disciplina e excelência formativa dos estabelecimentos de ensino e da educação neles ministrada, mas, também, reforçavam o sentimento cívico/patriótico e ajudavam a dar identidade ao novo contexto político brasileiro. (Gatti e Gatti Junior, 2018, p. 31)

Carregado com o ideário da época, os egressos lembraram desses momentos de exposição pública com muito orgulho e saudade. Disseram que as datas primeiro de junho (aniversário da cidade) e 7 de setembro (independência do Brasil), eram momentos aguardados, tanto pelos estudantes como por suas famílias. Nesses dias, os estudantes e professores promoviam uma performance treinada por dias antes da data comemorativa. Disseram que sempre foram muito elogiados devido à organização e sincronia, mostrando um trabalho com ênfase na ordem e disciplina, “era um pelotão mesmo”;

Figura 18 - Alunos da EPFD ao lado do diretor em desfile cívico- década 1960

Fonte: arquivo pessoal Sr. Antônio Costa

Todos os entrevistados relataram um orgulho muito grande em participar desses desfiles em datas importantes na cidade. Afirmaram que o momento mais aguardado pela população era o da presença da Escola Profissional. Lembram da disciplina e da ordem do “Pelotão” da Escola Profissional, fator de destaque com relação aos demais. Descreveram os ensaios, as manobras coletivas feitas através das marchas, a fanfarra, o cuidado com o uniforme sempre impecável para esse momento público, como mostra a foto da figura acima. Em alguns momentos eles imitaram os gestos feitos durante as evoluções do pelotão, os olhos marejaram. Observando as reações e emoções esboçadas pelos ferroviários, percebemos que essas lembranças, essas fotografias são verdadeiros monumentos para esses indivíduos.

Para Le Goff, quando se trata da ideia de monumento, ele discorre sobre a palavra latina *monuentum* queremete para a raiz indo-europeia *men,* que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*)*,* a memória (*meminí*)*.* O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. (Le Goff, 1990, p. 535). A ideia de monumento transcende o objeto, ela nos conecta com a simbologia por trás daquele objeto. “O*monumentum é* um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a

recordação[...]". (Le Goff, 1990, p. 535).

As formaturas e os quadros de formaturas da Escola Profissional foram atividades rememoradas pelos egressos da mesma maneira que os desfiles, como grandes monumentos. Flávia Werle, em seu trabalho "*Ancorando quadros de formatura na história institucional*", evidencia que;

> Uma formatura é um importante momento no funcionamento das instituições escolares, destacada referência por comprovar os atos pedagógicos de sucesso processados em seu interior. Ela é o momento final de um processo de formação, significando uma graduação, um avanço reconhecido publicamente na escala de escolaridade, que diferencia os que a obtiveram das demais pessoas e que, no caso de cursos de formação profissional, marca uma prerrogativa de trabalho. (Werle, 2005, p. 2-3)

O entrevistado DiretorEPFD, evidencia que, no momento em que assumiu a direção da Escola Profissional, percebeu que os estudantes não eram reconhecidos como ele acreditava que deveriam ser e usa como argumentação a diferença entre as formaturas das escolas propedêuticas locais e a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis;

> [...] as formaturas aqui, vocês são novos não terão condição disso, mais as formaturas em Divinópolis tinham um quadro de formatura, tinham um paraninfo, tinham as autoridades, nos bancos da cidade nos maiores "lugares de movimento" eles colocavam e falavam assim[...], formandos da Escola das Irmãs, formou no Ginásio São Geraldo. Nunca falou formou-se na Escola Profissional. Eu fiz uma alteração, vou mostrar depois com fotografia, eu passei a dizer que, o ferroviário formado na escola profissional era tão importante que esses formados na área burocrática. Então aconteceu que começou aparecer formatura, paraninfo, retratos expostos nesses lugares. E a partir disso deu, geraram várias homenagens. [...] Não sei é porque eu cheguei a estudar no colégio são Geraldo, eu falei caramba. Que que isso, Divinópolis, uma cidade operária, ferroviária, os elementos formam lá, tem camarada até no estrangeiro, quer dizer que tem valor! Então porque só lá no ginásio que tem diploma, só na Escola Normal que tem diploma? É só lá que tem, como é que fala, festividades, quadro de formatura exposta, ficava exposta aí ó. Você passava lá no banco da lavoura, olha só, chegava na outra escola, e olhava. Por quê? Nós vamos ter também uai, fiz, saiu.[...] Então aconteceu o seguinte, os ferroviários em geral não tinham muito reconhecimento na cidade. Era um empregado mais foi crescendo, foi enaltecendo, você vê o Roberto Carneiro na foto aqui, se fez presente na formatura, me ajudou a entregar certificado em formatura. Teve até um ginásio aqui com nome dele, era uma pessoa importantíssima, então passamos a ser reconhecidos. (DiretorEPFD1968)

Nesta fala, podemos elencar, pelo menos, duas observações: a primeira é a necessidade de reconhecer a Escola Profissional como uma instituição escolar com todos as características e impactos sociais de uma escola da localidade. A segunda, era reconhecer a figura do ferroviário como importante para o desenvolvimento local,

sobretudo, devido ao fato de que a Cidade de Divinópolis se desenvolveu consideravelmente com as intervenções e oportunidades que chegaram com a ferrovia e os ferroviários.

De acordo com o *"Divinópolis - Jornal"* de 2 de janeiro de 1944, pelo menos a primeira turma da Escola Profissional Ferroviária vivenciou um evento de formatura;

> O dr. Belmiro Amarante, operoso engenheiro-chefe das oficinas locais da R.M.V., está organizando um suntuoso programa de festas para a solenidade de entrega de certificados de aprovação à primeira turma de alunos da nossa Escola Profissional Ferroviária. A entrega de certificados deverá ser verificada nos meados do corrente mês. Já temos dito que essa Escola é um motivo de orgulho da honrada administração da R.M.V. Somos pelos mais amplos apoios da essa instituição de ensino profissional. O nosso povo deve, pois, comparecer à solenidade de entrega de diplomas à primeira turma que cursou a Escola Profissional Ferroviária local, numa atitude de aplauso à sábia administração da Rêde e de solidariedade com o Dr. Belmiro Amarante, que dispensa à estabelecimento de ensino o mais louvável possível. (Divinópolis - Jornal, 2 de Jan de 1944, p. 1)

A escola estava ainda em processo de instalação, pois, foi fundada em 1941 e a notícia é de 1944. Fica evidente na nota do jornal a exaltação positiva deste meio de comunicação para com a Escola Profissional, corroborando com a premissa que este educandário estava se constituindo enquanto um espaço de elevação social. Observando a notícia, podemos inferir que, em algum momento entre esta primeira cerimônia e a entrada do DiretorEPFD no cargo de Professor Chefe (diretor), o investimento em comemorações tenha deixado de fazer parte da estrutura de formação da EPFD ou o interesse dos jornais em divulgar estes eventos foi diminuindo. No entanto, esta atividade foi resgatada posteriormente, conforme o depoimento do DiretorEPFD e as fotos a seguir;

Figura 19 - alunos da EPFD durante formatura na década de 1960

Fonte: arquivo pessoal Sr. Antônio Costa

Figura 20 - Entrega de diplomas aos alunos da EPFD na década de 1960

Fonte: arquivo pessoal Sr. Antônio Costa

O DiretorEPFD citou que diversas autoridades se faziam presentes como paraninfos ou convidados ilustres para entrega solene dos diplomas. Na figura acima, uma das fotos registrou o momento em que o Dr. Roberto Carneiro (único de óculos nas fotos), que era Superintendente Geral da Rede Mineira de Viação, estava presente na solenidade de entrega de diplomas na década de 1960.

> Uma formatura é um importante momento no funcionamento das instituições escolares, destacada referência por comprovar os atos pedagógicos de sucesso processados em seu interior. Ela é o momento final de um processo de formação, significando uma graduação, um avanço reconhecido publicamente na escala de escolaridade, que diferencia os que a obtiveram das demais pessoas e que, no caso de cursos de formação profissional, marca uma prerrogativa de trabalho. (Werle, 2005, p. 3)

Podemos perceber que a formatura é mais que um momento de celebração, ela é carregada de símbolos e significados, pessoais e sociais. Ao realizar as formaturas como as demais escolas, oportunizando a evidenciação social aos ferroviários, os dirigentes da ferrovia contribuíram para compor o imaginário social sobre a vida ferroviária.

A formação oferecida pela EPFD colocava o indivíduo com credenciais para trabalhar nas mais diversas indústrias. O fato de ele aprender as técnicas utilizadas nas construções de peças industriais, aprender o ritmo da fábrica com suas regras

explícitas e implícitas o diferenciava dos demais que não conheciam tais competências. Sendo assim, o papel da EPFD na comunidade local reverberava para além do município, oferecendo um leque de possibilidades para o jovem aprendiz. Essas possibilidades, de certa maneira, eram representadas pelo Diploma Escolar, documento que marca, que registra, que habilita a possibilidade de ação. Na sequência, adicionamos a foto de um diploma cedido por um dos ex-alunos da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis.

Figura 21 - Diploma de Conclusão de Curso da EPFD em 1971

Rêde Ferroviária Federal S. A.

5a. DIVISÃO - CENTRO OESTE

Departamento do Pessoal — Setor de Desenvolvimento do Pessoal

Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis

CERTIFICADO DE HABILITAÇÃO

CERTIFICO que o aluno Antônio Florentino Filho

nascido em Divinópolis, a 22 de abril de 1953

filho de Antônio Florentino e D. Maria Chagas Florentino

frequentou com proveito o curso de aprendizagem da ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA de Divinópolis pelo que lhe confiro o presente certificado de habilitação no oficio de "Ajustador."

Divinópolis, 13 de Dezembro de 1971.

Professor Chefe

Chefe do Setor de Desenvolvimento do Pessoal

Chefe do Departamento do Pessoal

Chefe da 5a. Divisão Centro Oeste

Fonte: Arquivo Pessoal do Sr. Antônio Florentino Filho

## 4.6 DESATIVAÇÃO DA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS, INÍCIO DO SENAI E DO CENTRO DE TREINAMENTO PROFISSIONAL

O encerramento de uma instituição, deixa marcas, traz possibilidades, movimenta elementos em diversas áreas, mas a impressão que fica é que a instituição, enquanto existir memória, nunca acaba.

> Criações contínuas, as instituições parecem não ter idade. Sabe-se apenas que houve um dia em que elas começaram a funcionar. É possível saber exatamente o marco original, mas sua existência não está lá e sim na recriação constante, o que vai muito além da simples comemoração reforçada da tradição. Função da memória, portanto, esse atravessar do tempo pode servir-se de muitos veículos. Depende de aonde se queira chegar. Assim, a história institucional começa quando tem início sua reconstituição; quando a memória vira projeto e as pessoas vão sendo envolvidas na ação da lembrança. (Zanata, 1999, p. 187)

Com relação ao encerramento das atividades da Escola Profissional da Rede Ferroviária de Divinópolis, podemos dizer que ela foi desativada em 1972. Segundo os registros da Profª. Batistina Corgozinho, “[...] em 1971 foi criado o Centro de Treinamento da Rede, para treinamento de adultos, e a Escola Profissional terminou em 1972”. (Corgozinho, 2014, p.165). Os discursos sobre seu fechamento envolvem a chegada de uma unidade do SENAI em Divinópolis, que foi instalado no bairro ferroviário (Bairro Esplanada, antiga Vila Ferroviária). Novamente, a falta de documentos dificulta muito a confirmação das informações relacionadas a esse encerramento, o que prevalece são as falas dos entrevistados, sobretudo do último Diretor da EPFD, do Ajustador1968 e do primeiro Diretor do SENAI Divinópolis, que participaram desse momento ativamente, um enquanto aluno e os outros dois enquanto dirigentes.

Segundo as entrevistas, a EPFD conclui sua última turma de aprendizes ferroviários no ano de 1972 e deixa de ser Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis passando a ser Centro de Treinamento e Seleção (neste trabalho denominado CTS) voltado exclusivamente para atender demandas do processo de acesso aos quadros da rede e formação do trabalhador já lotado nas oficinas.

A figura abaixo é um recorte da capa do Boletim Informativo da Prefeitura

de Divinópolis chamado Catavento, edição de novembro de 1973. Na página 4 tem uma matéria jornalística sobre o interesse da RFFSA em ampliar o Centro de Formação Ferroviária em Divinópolis tornando-o referência nacional em formação dos trabalhadores das estradas de ferro.

Figura 22 - Discussão do Centro de Formação Ferroviário em Divinópolis

Centro Profissional da RFFSA

Página 4

Fonte: CATAVENTO-Informativo da Prefeitura Municipal, novembro 1973, p. 4[18]

Esse recorte corrobora com as argumentações dos entrevistados sobre o encerramento das atividades da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis em 1972 e a conversão das atividades para o Centro de Formação Profissional. Inclusive, o último diretor da EPDF se encontra na foto compondo o grupo de discussão. O que sabemos, tendo como fonte principal as entrevistas, é que a EPFD deu lugar ao Centro de Treinamento e Seleção, como narra o entrevistado DiretorEPFD;

> Então aconteceu isso, sabe. Mais pra não fechar inteiramente as soluções ferroviárias, o que que aconteceu, transferiu a escola profissional ferroviária para Centro de Treinamento e Seleção. O que que é isso, nós dentro da rede passamos a dar treinamento para o empregado. O empregado parava ali, muitos trabalhavam na rede, conheciam as ferramentas e estavam ali, daí passaram a trabalhar com parte técnica, passou a ter conhecimento e coisa e tal. E seleção pessoal, como. Todo elemento que entrou pra rede em todo esse período até o dia que saí de lá, a seleção do empregado, apresentava

[18] Disponível em: http://www.prefeituradivinopolis.com.br/acervos/jornalistico/Catavento%20-%20n.2%20-%20Nov.1973.pdf Acesso em: 05 de Ago. 2023

> lá o candidato. Abria-se uma inscrição para ocupar cargo dentro da ferrovia. Faziam fila que vinha até aqui. Gente demais, sabe? Exigência, idade, algum conhecimento e documentos. (DiretorEPFD)

O entrevistado DiretorEPFD, quando a escola foi desativada, passou a coordenar o Centro de Treinamento e Seleção até sua aposentadoria, em 1982, e, como podemos ver no recorte acima, este Centro se destinou à ações voltadas para o desenvolvimento laboral dos trabalhadores ferroviários.

Com relação aos motivos que levaram ao fechamento da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, encontramos menos respostas ainda. O encerramento da escola foi uma situação provocada devido à didática ultrapassada? Forças políticas contrárias? Recursos financeiros insuficientes ou outro motivo qualquer? Afirmativas que satisfaçam esses questionamentos serão difíceis de serem sanadas. Como informa o entrevistado DiretorEPFD;

> Como você falou em SENAI então, me deu o direito de dar um prosseguimento. Porque que acabou a escola profissional, de tanta utilidade. É o seguinte, quando chegou um certo período, eu não sei... força política e tal, deixou de ser útil pra Divinópolis. Trouxeram o SENAI para Divinópolis. Acharam por bem, elementos lá da cúpula, que tendo SENAI não havia necessidade da escola profissional. Eu fiquei contrário a isso, porque, embora o SENAI tivesse ensinamentos técnicos, a Escola Profissional tinha o técnico e o prático que era feito dentro da própria, entendeu? (DiretorEPFD)

A partir de conversas informais completamente ligadas ao senso comum, surgiu uma hipótese para o encerramento da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis que não pode ser confirmada, porém é um indício interessante. Pessoas que ocuparam cargos políticos na época disseram que é possível que, para incorporar os recursos financeiros direcionados à educação da ferrovia, a FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais) fez pressão para que a rede fechasse a escola, e com isso fosse obrigada a encaminhar o percentual estabelecido em lei sobre a folha de pagamento para a construção/manutenção da unidade do SENAI. Porém, não encontramos nenhum documento institucional ou reportagem jornalística que pudesse comprovar essa premissa.

Outra afirmativa que veio também do senso comum que não pode ser provada, é que em Divinópolis se consolidou um parque industrial diverso, e a

presença do SENAI seria mais efetiva para a formação dos técnicos generalistas que a Escola Profissional Ferroviária. O fato é que a lacuna documental e a falta de pesquisas na área impedem maiores respostas, porém, o que pôde ser comprovado é a inauguração do SENAI Divinópolis;

> O Governador Francelino Pereira fez um apelo `população do Oeste de Minas, durante a sua viagem a Divinópolis, onde participou das solenidades de aniversário da cidade: [...] nos 68 anos de Divinópolis, a população recebeu muitos presentes do Governo Francelino Pereira. Primeiro as 146 casas do Conjunto Habitacional da Centrab, depois, a reforma e ampliação do Quartel da Terceira Compahia de Polícia Militar. **A escola do Senai, no bairro Esplanada,** (grifo nosso)também foi inaugurada pelo governador juntamente com o Centro de Formação Profissional Anielo Greco. [...] (A Semana, 07. Jun. 1980, p.1)

O SENAI foi inaugurado na cidade em 1980, oito anos depois do encerramento da EPFD, como mostra o recorte da reportagem do Jornal *A Semana* de 07 de junho de 1980. Segundo o entrevistado DiretorSENAI, a construção das instalações do SENAI Divinópolis começou em 1979 e a inauguração foi em 1º de junho de 1980 no aniversário de 68 anos de Divinópolis.

Figura 23 - Construção do SENAI Divinópolis na década de 1980

Fonte: Acervo Grupo de Facebook *Esplanada Este Lugar*[19]

[19]https://www.facebook.com/groups/919633521452397

O entrevistado DiretorSENAI também informa que o terreno foi doado pela ferrovia e a mão de obra foi fornecida pela Prefeitura Municipal. Não foram encontrados documentos que dialoguem com as falas dos entrevistados sobre os motivos da “substituição” da EPFD pelo SENAI.

Os espaços onde funcionavam as instalações da escola foram adaptados para atender às demandas da ferrovia. O galpão onde aconteciam as aulas práticas da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis até 1972, depois do fechamento da escola, foi adaptado para atender a novas demandas da ferrovia. A figura a seguir faz parte do arquivo pessoal do Prof. João Ribeiro, ferroviário aposentado que trabalhou como professor na escola profissional. Ele estava impossibilitado em participar das entrevistas, mas contribuiu com o trabalho encaminhando este registro;

Figura 24 - Galpão onde funcionava a EPFD

Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. João Ribeiro

Segundo os egressos, a foto mostra como está, atualmente, a parte interna do prédio onde aconteciam a aulas práticas. No fundo deste prédio havia uma passagem para as salas de aula onde aconteciam as aulas teóricas. Os espaços e estruturas da EPFD foram ressignificados de acordo com o

pragmatismo industrial. Hoje, segundo informações dos funcionários da empresa ferroviária que administra o local, onde antes era um galpão com equipamentos voltados para o ensino/aprendizagem virou espaço de almoxarifado. Porém parte deste espaço ficou reservado para o uso na formação do trabalhador a partir da Universidade VLi;

> Identifica-se que em 2018 a VLI inaugurou a Universidade VLI, que representa um elo educacional com a estratégia da companhia. Para dar esse importante passo na história da empresa, o time de Educação Corporativa atuou juntamente com a Fundação Dom Cabral para estruturar e idealizar a Universidade, na ocasião redesenhou-se todos os produtos, metodologias e definiu-se a governança. Na Universidade VLI são oferecidos diversos cursos, presenciais e online, com foco nas competências técnicas e comportamentais que suportam a sua cultura e o negócio. As iniciativas são abertas para todo o público interno (administrativo, operacional e lideranças) e ficam disponíveis no Portal do Desenvolvimento hospedado na Intranet. A área de Educação Corporativa lançou, também, um portfólio da Universidade com informações e detalhes dos treinamentos oferecidos à companhia. (Eugênia, et al, 2021, p. 37)

Figura 25 - Entrada da Universidade VLi em 2023

Fonte: Acervo da Universidade VLi

A ferrovia preservou a fachada externa modificando a estrutura interna com intuito de adequar os ambientes para os usos na atualidade, priorizando a excelência. A figura abaixo mostra a entrada do prédio da Universidade VLi;

Figura 26 - Salas de aula da Universidade VLi em 2023

Fonte: Acervo da Universidade VLi

As modificações feitas internamente ocorreram para adaptar os espaços às novas demandas educacionais. Hoje os ambientes são totalmente climatizados e com acústica eficiente, com mobiliários e dimensionamentos adequados ao conforto e desempenho das atividades educacionais referentes a capacitação profissional dos funcionários da ferrovia.

De acordo com o demonstrado nos recortes, nas entrevistas e nas observações feitas até aqui, podemos destacar que, de alguma maneira, algumas premissas que promoveram a instalação da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis nas oficinas da rede ferroviária na localidade ainda permanecem nas ações da Universidade VLi. O foco em melhorar as condições de trabalho ampliando a eficiência técnica continuam sendo valores cultivados através de um trabalho que hoje é feito de maneira privada e voltado especificamente para os jovens e adultos que atuam nesta empresa.

# 5 PRODUTO EDUCACIONAL

Esta proposta almejou a confecção de um Produto Educacional para ampliar a visibilidade da pesquisa realizada. Esse produto é um componente que corrobora para que saberes sejam difundidos segundo a lógica educacional voltada para o ensino e aprendizagem em espaços escolares e não escolares. Segundo Kaplun (2003, p. 46) “entendemos por material educativo um objeto que facilita a experiência de aprendizado; ou, se preferirmos, uma experiência mediada para o aprendizado.” Nesse contexto, o autor continua a defender que um material educativo transcende a ideia de objeto para a ideia de “[…] algo que facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado […]”.

O trabalho usou *Podcasts* para organizar uma série de episódios com informações sobre os objetivos da pesquisa, disponibilizando-os, de forma on-line pelo *spotify podcast*[19]. Por meio da oralidade, buscou-se divulgar os impactos da Escola Profissional da Rede Ferroviária de Divinópolis para os ferroviários egressos que foram entrevistados, não perdendo de vista a interferência dessa escola para o desenvolvimento da indústria em Divinópolis. A ideia foi construir uma estrutura alternativa ao livro, com intuito de, literalmente, ecoar a voz das pessoas que viveram nessa época ou que discutem a história do local, contribuindo com a discussão sobre o papel da EPT na constituição de Divinópolis.

A elaboração dos materiais educativos não é simples, e Kaplun (2003) aponta que “normalmente, a criação de um material educativo requer dois tipos de pesquisa: uma de tipo temático e outra de tipo diagnóstico.” (p.46) O primeiro busca conhecer a fundo o tema a ser desenvolvido por meio de pesquisa minuciosa e o outro busca “[…] escolher as ideias centrais que serão abordadas pelo material, bem como o tema ou temas principais através dos quais se procurará gerar uma experiência de aprendizado.” (Kaplun, 2003, p. 46). Outro aspecto importante apontado pelo autor e denominado de pedagógico é o conhecimento dos sujeitos para quem está sendo direcionado o produto. Assim,

> O eixo pedagógico é, ou deveria ser. segundo nos parece, o articulador principal de um material educativo, se é que queremos que ele seja realmente educativo. É através dele que estabeleceremos um ponto de

> partida e um ponto de chegada, em termos de tentativa, para o destinatário do material. Ou seja, é assim que lhe propomos um caminho, que ele é convidado a percorrer uma nova perspectiva que queremos abrir para ele, ou que lhe propomos que descubra. Ao fim desse caminho poderá ele, ou não, ter efetivamente mudado ou enriquecido algumas de suas concepções, percepções, valores etc. De qualquer modo, pelo menos a possibilidade estará aberta. (Kaplun, 2003, p. 47)

O autor alerta também para a necessidade da constituição do eixo comunicacional, para além do temático e pedagógico. Esse eixo compreende desde a roupagem do produto até as estratégias de convencimento para seu uso. É aqui que o componente criativo para seduzir as atenções e o investimento dos sujeitos a quem o produto se destina precisa ganhar força. Como podemos observar, a criação de um Produto Educacional não é tarefa simples ou desprovida de intencionalidade, pelo contrário, ele precisa ser bem elaborado e com objetivos bem definidos.

O *Podcast* como produto educacional tem se mostrado ferramenta muito difundida na contemporaneidade para discutir sobre conteúdos do cotidiano ou acadêmicos. Ele vem ganhando cada vez mais espaço, enquanto ferramenta de comunicação que se aproxima da lógica do rádio, mas não se configura como um programa de rádio. Nesse sentido e

> Por esse viés, é possível entender o *podcast* como uma produção de áudio que difere da rádio tradicional pela maior maleabilidade de acesso e produção de conteúdo. A tecnologia abordada neste trabalho configura-se, desse modo, como uma forma de publicação de programas de áudio na internet utilizando, na maioria dos casos, arquivos *MP3*, que podem ser ouvidos *on-line* via *streaming* ou baixados para o computador ou tocador de áudio digital do usuário. (Freire, 2013, p.59)

Os *Podcasts* são, em suma, arquivos de áudio disponibilizados em plataformas específicas, via internet, para divulgação de entrevistas, músicas, aulas, dentre outros. Com intuito voltado para a inclusão dos deficientes auditivos, esses arquivos também podem conter as imagens da gravação, com a possibilidade de serem legendados e disponibilizados em plataformas *on-line* especializadas em divulgação audiovisual.

> PodCast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod — aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado

> gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor. (Barros, 2011, p.2)

O que difere um episódio de *Podcast* de um programa de rádio é a sincronicidade deste. No caso do primeiro, o usuário pode acessar o arquivo com o episódio a qualquer momento, o que já não é possível com a programação radiofônica:

> Desse modo, enquanto na rádio os programas são transmitidos em um determinado horário, obrigando o ouvinte a estar disponível naquela hora ou, de outra forma, não poderá ter acesso ao conteúdo, no *podcast* o programa, também chamado episódio, é distribuído de modo a ser baixado exatamente como um arquivo de música. De forma simplificada, é válido dizer que correntemente é chamado de *podcast* um arquivo digital de áudio que, ao contrário de uma canção, contém essencialmente programas baseados em falas. (Freire, 2013, p. 59)

*Podcast* não é uma tecnologia nova, conforme aponta Guimarães: "o desenvolvimento do *podcast* teve início em 2004, quando Adam Curry (DJ da MTV) e Dave Winer (criador de software) criaram um programa que permitia a descarga automática de transmissões de rádio na internet diretamente para iPods." (2020, p.26). Porém, segundo Medeiros, "a palavra Podcasting foi divulgada pela primeira vez pelo jornal britânico *The Guardian*[20] em 12/02/04" (2006, p. 2). Aqui, no nosso país, a tecnologia não demorou para chegar, pois em 2005 foi criado o primeiro movimento no sentido de consolidar essa ferramenta de comunicação:

> No Brasil, segundo Luiz & Assis (2010, p. 3), a primeira produção em podcast ocorreu em outubro de 2005, na forma do já descontinuado Digital Minds, de Danilo Medeiros. Nos meses seguintes, ocorreu o crescimento gradual da cena, através de produções como o "podcast do Gui Leite", "Perhappiness", de Rodrigo Stulzer — ambos atualmente descontinuados — e "Código Livre" de Ricardo Macari, que acabaram por inspirar um maior número de podcasters a realizarem suas produções. Em razão disso, ocorreram posteriormente eventos de importância fundamental para o podcast no Brasil. Ainda em 2005, realizou-se a primeira Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), na qual foi fundada a Associação Brasileira de Podcast (ABPod). (Freire, 2013, p. 64)

Depois do surgimento em 2004, houve um grande interesse sobre a utilização da nova ferramenta por diversas áreas:

> As universidades de Harvard e Stanford estão entre as pioneiras a usar podcasts como ferramenta educacional. Governos adotaram o podcast como uma forma de divulgar discursos, fazer campanha, prestar contas, estreitar o relacionamento com o eleitor. No Brasil, a Prefeitura de São Paulo foi uma das primeiras a usar o novo meio. O presidente dos Estados Unidos George W. Bush fechou 2005 com podcasts. (Foschini e Taddei, 2006, p.12)

Logo após esse momento de expansão do *Podcast* como mídia de comunicação, veio um período conhecido como *PodFade*, que provocou a descontinuidade de diversos projetos na área. No Brasil não foi diferente, segundo Marcelo Kischinhevsky,[21] em entrevista concedida a Clara Rellstab,

> O podcasting se torna objeto de pesquisas a partir de 2005, […] desde então, há uma prevalência de abordagens na área de Educação, que enfocam o potencial do áudio como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Os estudos da área de Comunicação permanecem minoritários e perdem ímpeto com o chamado podfade (período de declínio, passada a euforia inicial, com descontinuidade de inúmeros projetos). A partir de 2015, no entanto, com o que Tiziano Bonini vai chamar de segunda era do podcasting, há um grande impulso aos estudos sobre o tema. (Rellstab, 2022, p. 173)

Segundo a PodPesquisa[22], pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcast (ABPOD)[23] em 2019, o assunto mais ouvido no Brasil por meio desta mídia está vinculado à Cultura Pop (10.840 votos). Em segundo lugar, assuntos relacionados ao humor e à comédia (8.878 votos) e em terceiro, assuntos de divulgação científica (8.734 votos), seguido, em quarto lugar, por podcasts que divulgam a História (7.961 votos). O último colocado, em 58º lugar, são episódios voltados para histórias infantis (264 votos).

O que esses dados nos apresentam é que o *Podcast* é uma importante ferramenta de divulgação científica, sobretudo em História. Utilizar essa tecnologia como produto educacional pode ser um diferencial para ampliar a visibilidade do tema discutido neste projeto, pois ele é uma mídia que vem crescendo, e tanto seu custo e produção quanto a dificuldade para produzi-lo são relativamente baixos. Com pouco recurso é possível construir muito conteúdo que ficará disponibilizado gratuitamente, de forma on-line.

A confecção de um Podcast na atualidade é bem simplificada, é possível encontrar, na internet, uma diversidade de aplicativos e sites gratuitos especializados na criação/hospedagem/distribuição de episódios. A forma de

interagir com essas plataformas é bem intuitiva e muitos processos são automatizados, de maneira que qualquer pessoa consegue criá-lo. Um exemplo de plataforma dedicada a esse serviço é

> O Podomatic, por sua vez, oferece a forma mais simplificada de produção de podcasts. Dentre as opções do sistema há uma veiculada à gravação de programas pelo próprio site, sem necessidade de uso de nenhum programa adicional. Da mesma maneira, é possível produzir um podcast com cinco clicks.(Freire, 2013, p. 61)

Isso significa que, com computador com baixa potência ou um *smartphone* com configurações padrão e um acesso a uma internet com velocidade mediana, já possibilitam a criação e divulgação dos episódios. A dificuldade, caso haja, fica a cargo do tema e de como organizá-lo para ser apresentado, da construção do roteiro e condução das entrevistas com historiadores, professores e ferroviários que ou vivenciaram, ou estudam o período e o tema referenciados neste projeto.

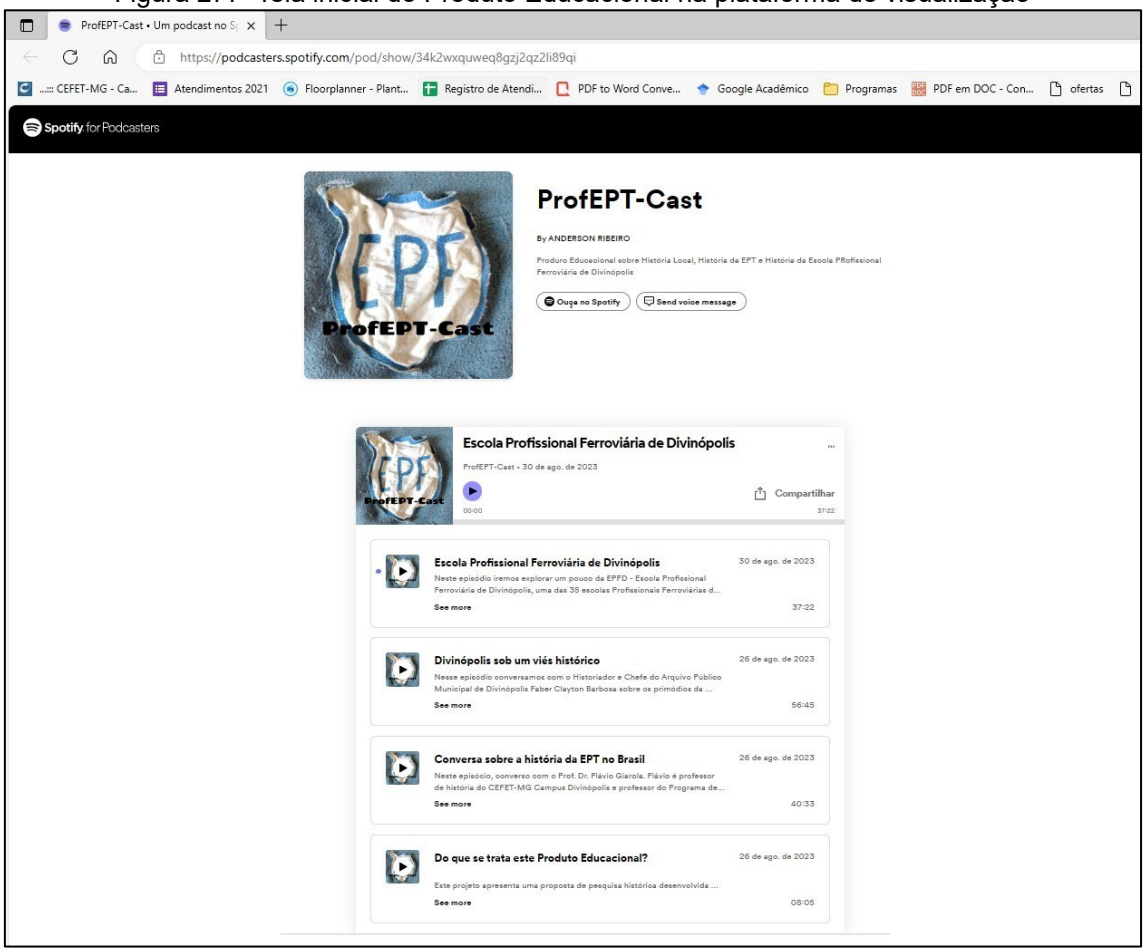
## 5.1 O PRODUTO

Este produto foi desenvolvido para ser utilizado tanto na EPT como em qualquer escola da municipalidade. O objetivo principal foi oferecer aos professores de história, conteúdos sobre a História Local de Divinópolis e sobre a história da EPT na cidade, um material alternativo aos livros didáticos, que também pudesse ser utilizado em sala de aula como fonte de pesquisa para trabalhos que discutam as origens da municipalidade.

Acreditamos que proporcionar ao estudante, seja da educação profissional e tecnológica ou da educação propedêutica, a possibilidade de refletir sobre a trajetória da educação voltada para o mundo do trabalho, pode proporcionar reflexões sobre seu papel na sociedade. Conhecer sobre os pioneiros regionais da Educação Profissional, possibilita a este estudante conectar-se com a história local, ressignificando desde o espaço público até o seu lugar de intervenção no mundo. Acreditamos também que essa ressignificação evidencia aventar um futuro mais consciente e crítico para estes estudantes.

O produto educacional recebeu o nome de ProfEPTCast e foi alocado na plataforma *Spotify Cast*. O Link de acesso à página do produto educacional é https://podcasters.spotify.com/pod/show/34k2wxquweq8gzj2qz2li89qi . Quando acessado, abrirá uma página como a apresentada a seguir:

Figura 277–Tela inicial do Produto Educacional na plataforma de visualização




Fonte: https://podcasters.spotify.com/pod/show/34k2wxquweq8gzj2qz2li89qi

O ProfEptCast foi inicialmente pensado com 4 episódios. O nome do primeiro episódio é: “Do que se trata este Produto Educacional”. Com o tempo total de oito minutos, objetivou apresentar o Programa de Pós-Graduação PROFEPT, explicar a lógica do mestrado profissional e o Produto Educacional e por fim apresentar o objeto de estudo desta pesquisa.

O segundo episódio, foi nomeado de “Conversa sobra a História da EPT no Brasil”. Ele foi construído no formato de entrevista e teve como objetivo a discussão sobre a história da Educação Profissional no Brasil. Este conteúdo foi

pensado como uma maneira de ampliar o conhecimento e o debate sobre essa temática. O entrevistado foi o Prof. Dr. Flávio Giarola que leciona história no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais no campus Divinópolis-MG e também no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - PROFEPT.

O terceiro episódio, recebeu o título de “Divinópolis sob um viés histórico”. Também feito em formato de entrevista, teve como temática a discussão sobre a história local do município de Divinópolis-MG e a conexão dessa história com a ferrovia. O entrevistado foi o Prof. Fáber Barbosa, que trabalha no arquivo público da cidade de Divinópolis-MG.

O quarto episódio, foi feito através de narrações e recortes das entrevistas realizadas durante a pesquisa. Seu objetivo foi apresentar o objeto de estudo da pesquisa que foi a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis-MG. A dinâmica da narrativa gira em torno dos depoimentos de ex-alunos e profissionais que pertenceram aos quadros funcionais da Escola Profissional. Juntando as conversas com os ferroviários e uma narração contextualizada, tentamos rememorar, de maneira ordenada, os eventos que trouxera, mantiveram e encerraram com as atividades da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis.

A confecção dos episódios foi experimentada de três maneiras. A primeira com o uso de captação de áudio pelo notebook, a segunda com captação de áudio através do celular e a terceira com microfones específicos em captação de som ambiente. Todas as captações foram feitas em ambientes relativamente adequados, com acústica e controle de ruídos. O objetivo da utilização das diversas técnicas~~,~~ foi analisar a estrutura de capitação de áudio que oferecia a melhor qualidade com o menor custo. As edições foram feitas com *software* gratuito denominado *CapCut* disponibilizado no link a seguir https://www.capcut.com/pt-br/, e a organização dos roteiros foi feita de maneira intuitiva seguindo uma cronologia de acordo com o assunto abordado.

Após a construção/edição dos áudios dos episódios, analisamos as possibilidades de alocação desses áudios em diversas plataformas online especializadas em armazenamento e distribuição de podcasts. A escolha da plataforma *Spotify for podcasters*[24] foi devido a gratuidade da ferramenta,

*interface* intuitiva e amplitude de distribuição do Produto Educacional que ela ofereceu.

Após a conclusão dos quatro primeiros episódios, estes foram submetidos à análise de professores de História habilitados para lecionar no ensino médio e ensino médio técnico. Cinco avaliadores eram de Divinópolis-MG e um avaliador é da cidade vizinha Arcos-MG. Foi solicitado aos participantes da avaliação do produto educacional que ouvissem os episódios e respondessem algumas questões sobre a organização e utilização deste produto educacional.

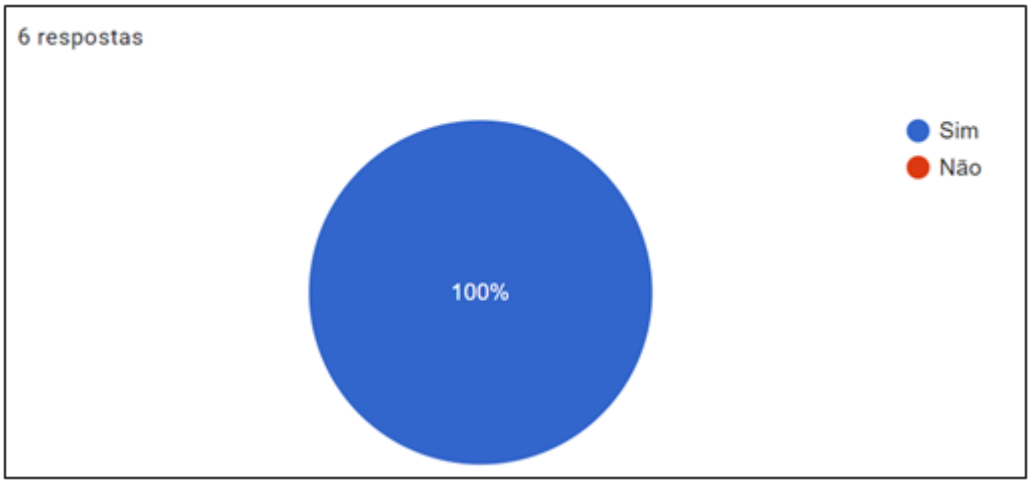
Foram seis *feedbacks* obtidos pela avaliação do Produto Educacional. Uma primeira observação que não havia sido contemplada pelas questões surgiu de maneira espontânea. Alguns dos participantes responderam ao convite dizendo que assistiriam ao podcast, entenderam que os episódios estavam organizados em áudio e vídeo. Como os podcasts, originalmente foram formatados como programas de rádio, a veiculação de imagens não foi incluída. Na atualidade, diversos conteúdos são disponibilizados no formato de audiovisual, mas, como afirma Freire (2003) “[...] caracteriza-se o videocast, a partir da inclusão de aspectos visuais na produção eminentemente sonora do podcast.” (p.99). Portanto, os avaliadores confundiram os podcasts com os videocasts, isto mostra a pouca utilização dessas ferramentas como possibilidades pedagógicas em sala de aula.

Analisando o aspecto imagético como ferramenta educacional, pode ser interessante, a construção, em algum momento futuro de episódios com a versão em vídeo, e para isso, seria necessário a criação de um canal extra em uma plataforma de vídeo como a *Youtube*. Assim, um mesmo episódio poderia ter sua versão somente em áudio para os que preferem utilizar essa ferramenta no trânsito ou em outros afazeres e a outra versão em vídeo para atender aos que gostam de assistir ao programa, inclusive, nesta versão seria possível a inclusão de fotos e outras imagens sobre a temática discutida.

Continuando a análise dos *feedbacks*, foi perguntado aos avaliadores, “*O Produto Educacional ProfEPT-Cast atende aos requisitos de comunicação sobre: Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, História Local do município*

*de Divinópolis e fragmentos da história da ferrovia?"* e ela foi respondida conforme o gráfico;

Gráfico 4 - O Produto Educacional ProfEPT-Cast atende aos requisitos de comunicação sobre: Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, História Local do município de Divinópolis e fragmentos da história da ferrovia?



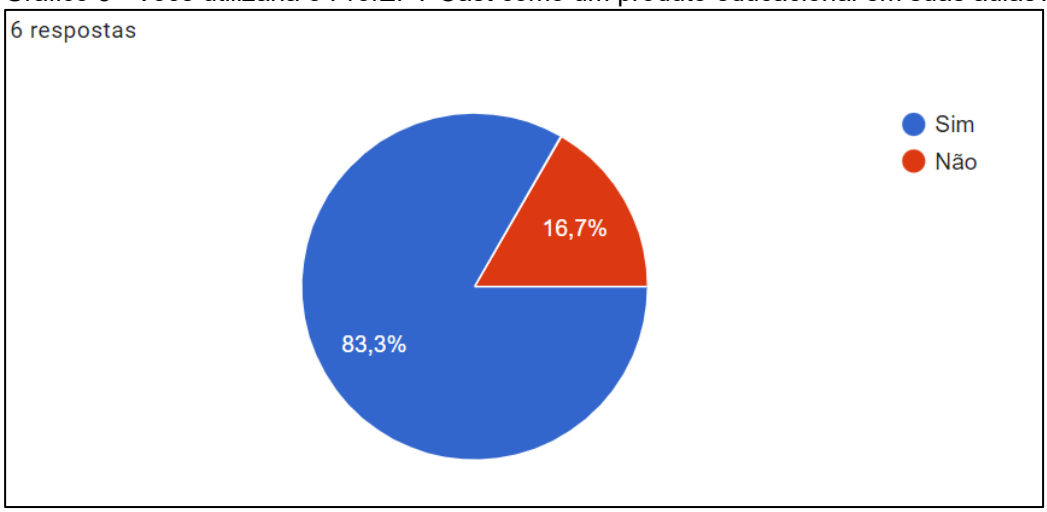

A totalidade dos professores de história entenderam que o Produto Educacional alcançou o objetivo de comunicar aos ouvintes informações relevantes sobre a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis. Foram quatro observações escritas sobre esta questão;

> 1. Associar imagens ao áudio quando for viável.
> 2. Incluir informe sobre os ofícios específicos para a fabricação de vagões e locomotivas em Divinópolis. Eram dissociados da Escola dos Ferroviários?
> 3. Sugiro melhorar o áudio. Tanto a equalização quanto volume.
> 4. Achei que o produto educacional foi muito bem elaborado. Aborda de maneira clara essas temáticas.
>
> (Avaliadores do Produto Educacional)

A observação 1 está associada ao desconhecimento de como se estrutura um podcast, como mencionada anteriormente. A observação 2 entendemos que demanda um novo episódio, que provavelmente será criado para manutenção posterior do canal. O apontamento 3 está direcionado a um problema recorrente em todos os episódios, pois, a captação e tratativa do áudio, é o maior desafio encontrado na produção dos episódios. Num primeiro momento, para solucionar essa questão, seria importante contratar o profissional especializado para padronizar a estrutura de captação e equalização dos áudios.

O próximo questionamento foi sobre a utilização do produto educacional com seus alunos em sala de aula;

Gráfico 5 - Você utilizaria o ProfEPT-Cast como um produto educacional em suas aulas?




Quando questionados sobre a utilização em sala de aula, apenas uma resposta se apresentou negativa. Os episódios estão muito conectados com a História Local e por isso pouco propensos a serem utilizados em outros municípios. Observando essa premissa, podemos verificar a necessidade de criar futuros episódios com relevância regional. Quando perguntados sobre sugestões para melhor adequação ao uso em sala de aula, foram devolvidos quatro *feedbacks,*

> 1. Com a associação de imagens, a aplicação também ficaria mais interessante
> 2. Seria interessante a inclusão deste dispositivo no ensino aprendizagem.
> 3. Não tenho sugestões quanto ao conteúdo abordado.
> 4. Sobre o áudio, em alguns trechos ficou com um pouco de chiado.
> (Avaliadores do Produto Educacional)

O primeiro *feedback* está relacionado ao item 1 anterior. O comentário 2 e o 3 entenderam que os episódios estão adequados ao uso em sala de aula e o 4 se relaciona a qualidade do som. Esse último reforça a necessidade de investir em uma estrutura que aumente a qualidade sonora dos episódios.

A última questão foi uma pergunta livre, “Quais apontamentos você faria para aprimorar este Produto Educacional?”. Para esse questionamento foram divididas em seis tópicos;

> 1. Não sei como aprimorar esse produto.
> 2. Os apontamentos que expus acima
> 3. Qualidade do som, respostas mais curtas e diretas, melhor contextualização.
> 4. O produto é muito bom. Os áudios são muito didáticos e explicam muito bem a história da Escola Profissional. Minha sugestão é que se produza mais materiais para ser disponibilizado no podcast. Precisa ser constantemente atualizado.
> 5. Acredito que as entrevistas foram bem conduzidas, mas os assuntos foram longos. Se o produto é direcionado para a educação, sugiro pautas mais sintéticas com respostas não tão longas. O conteúdo é rico, mas se torna cansativo pelas longas falas e pela qualidade do áudio.
> 6. Parabéns a você e ao Flávio pela iniciativa de construir este produto educacional como mais uma possibilidade se se trabalhar a temática da educação profissional na sala de aula. Aprendi muito sobre a história de Divinópolis e como ela entrelaça com a história da chegada da ferrovia por aqui.
>
> (Avaliadores do Produto Educacional)

Os comentários sobre possíveis melhorias apontaram fatos novos, pois os itens 3 e 5 indicam a necessidade de, para além do formato com grande cronometragem, a importância da criação de episódios menores e sintéticos sobre a temática. Essa sugestão pode dinamizar o engajamento no uso do produto educacional. Os avaliadores foram fundamentais para apontarem ajustes necessários e consolidarem o produto educacional enquanto viável para utilização no espaço escolar.

Imaginamos que executando os ajustes apontados, este produto educacional poderá ser incluído com facilidade como ferramenta didática. As maneiras de utilização estão a cargo da criatividade e disponibilidade de recursos de cada professor, pois para a utilização eles precisarão que o espaço escolar ofereça equipamentos informáticos em laboratórios com acesso a internet, ou cada estudante pode também usar seus celulares pessoais, e o professor ainda pode, de maneira coletiva, proporcionar a audição com toda turma a partir de um único equipamento amplificado por caixas de som. A partir da confecção deste produto educacional, percebemos que os podcasts são ferramentas contemporâneas aos estudantes, e que com a linguagem e conteúdo formatados de acordo com a cultura midiática que consomem, acreditamos que o “engajamento” ocorrerá naturalmente.

# 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nós pesquisamos a memória da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis, uma escola voltada para a formação do trabalhador ferroviário. Essa memória foi consultada tanto nos parcos documentos do acervo público municipal, nos acervos pessoais de sujeitos ligados direta ou indiretamente a ferrovia e nas dependências das oficinas onde estão os prédios e objetos da vida ferroviária. Utilizamos também a metodologia da História Oral para acessar pessoas que participaram dessa instituição, ex-alunos da escola, dirigentes da escola e estudiosos da ferrovia.

A pesquisa contou com a ajuda de profissionais do arquivo público do município, de amigos, de novos amigos e de desconhecidos. A estrutura de pesquisa documental tradicional, em que buscamos documentos impressos aliou-se com novas ferramentas digitais, como sites de hemerotecas, acervos digitais dos grandes e pequenos aglomerados de documentos sobre a história local e nacional. Essas ferramentas digitais foram também conectadas às redes sociais, que exerceram um papel importante, tanto na conexão das pessoas interessadas sobre o tema quanto na descoberta de fotos, recortes de jornais e informações pessoais. Foi o caso do grupo de *Facebook* “Esplanada Este Lugar”, um grupo de pessoas ligadas ao bairro ferroviário que compartilham muitas informações sobre a vida do bairro e da ferrovia. Neste grupo, os acervos pessoais são compartilhados, possibilitando que mais pessoas conheçam ou reconheçam o que foi postado. Nesses grupos, os comentários, as perguntas, os contatos, tudo vira indício que se transforma na *Firasa* de Carlo Ginzburg (1989).

O grande desafio estava na retomada do contato social devido ao isolamento imposto pela pandemia da COVID19. As entrevistas com restrições de locais, os EPIs e todos os medos que conjuntaram esse momento se misturaram à emoção dos entrevistados. Esses sujeitos, ao compartilharem suas lembranças, se emocionaram, ressignificaram o presente, confundiram e elucidaram o processo. Entrevista após entrevista, os indícios foram surgindo e o caminho a essa estrutura aqui apresentada foi traçado. Muitas descobertas,

porém, muitas lacunas ainda ficaram para os próximos pesquisadores.

Com relação à pesquisa, podemos concluir que a vida ferroviária de Divinópolis estava totalmente conectada com o movimento nacional para remodelação da educação e da organização e racionalização do trabalho. Além disto, os fatos relacionados a essas temáticas que aqui aconteciam, ecoavam nos jornais dos grandes centros, mostrando a relevância dos municípios e suas instituições enquanto estratégicas no “desenvolvimento” do país. Sobre a Escola, ficou evidente a importância da sistematização da estrutura de ensino/aprendizagem, pois, segundo os entrevistados, os profissionais poderiam ser divididos entre quem cursou a escola profissional e quem não cursou. Ela proporcionava a construção de conhecimento em doses homeopáticas e contínua, de maneira que os “meninos” experienciassem a passagem de “aluno aprendiz” para ferroviário “qualificado”.

A impressão que fica, ao analisar o que foi dito pelos entrevistados, é que, mesmo com dificuldades nos salários e na condição de trabalho, estar na lógica do operário ainda era mais promissor do que trabalhar na “roça”. A lógica do operário possibilitava acesso a um horizonte mais ampliado apontando para as “novas profissões” e a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis formava para isso.

As entrevistas possibilitaram ecoar a voz daqueles que viveram esse momento de transição para uma forma de fazer diferente. E por isso, quando fomos pensar no Produto Educacional, nos conectamos com as possibilidades apresentadas pelo *PodeCast*. Esta ferramenta, apesar de não apresentar elementos visuais, possibilita amplificar a voz dos participantes para que professores, estudantes e comunidade em geral possam conhecer/reconhecer fragmentos da história da Educação Profissional no município de Divinópolis-MG a partir das falas desses sujeitos contemporâneos desse momento.

Para além do *PodCast*, esta dissertação também contribui enquanto acervo sobre a temática, sobretudo devido à escassez de material de pesquisa existente. As fotos cedidas, os documentos localizados nas hemerotecas, as pessoas e suas falas gravadas, tudo isto compõe um arcabouço de dados passíveis de serem consultados para pesquisas futuras ou simplesmente como

literatura sobre um recorte da história local. Isso sem contar os outros materiais que fomos encontrando sobre a educação no município, que por não dialogarem diretamente com a temática do trabalho, foram devidamente escaneados e encaminhados para os repositórios locais de conservação.

Falar da Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis foi também falar sobre a ferrovia e tudo que essa palavra carrega em seu significado. Podemos pensar que a ferrovia transportava mais do que pessoas e mercadorias. Parece que as conexões entre as cidades, os portos, os países e as ideias que estavam nesses lugares, viajavam junto com as cargas e, de certa maneira, introjetavam na cultura local dos espaços que se relacionaram com ela. A Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis foi um desses espaços, que encerrou suas atividades, mas se tornou um espaço de memória. Porém, foi possível perceber que a instituição não está no prédio, nas máquinas, nos papéis e documentos, ela ecoa naqueles que participaram dela.

A vida escolar dos egressos da EPFD girava em torno do "Apito da Rede"[20], os estudantes chegavam no mesmo horário dos trabalhadores, entravam pelas mesmas entradas, pegavam o mesmo bonde, tinham os mesmos horários de refeição, trabalhavam juntos durante os diversos estágios, recebiam salários, participaram das greves e tinham suas regras. Justino Magalhães em sua obra "*Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas*" defende que "[...] a instituição é contexto, representação, materialidade e é apropriação. [...]. A história das instituições educativas é um campo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ação dos sujeitos." (2004, p.62).

As premissas apresentadas por Magalhães ficam evidentes nos discursos dos entrevistados. No pertencimento que sentem quando falam da escola, nos verbos colocados no presente ao relatarem as situações passadas que lhes marcaram. Isto evidencia que essa instituição ainda vive, pelo menos, quando o apito da rede soa, e se transporta pelo ar, atravessando as paredes, as árvores,

[20] A sirene da rede ferroviária foi tombada como patrimônio imaterial do município na sexta-feira (11/09/2019), de acordo com a lei complementar nº 189 de 25 de março de 2019. A sirene é o som que marca os horários das oficinas desde 1916. Fonte: https://www.divinopolis.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/6862/sirene-da-rede-ferroviaria-e-reconhecida-como-patrimonio-imaterial

as antenas, ruas e carros, até chegar no peito do ferroviário. Esse apito[21], quando curto, marca a hora, e, quando longo, marca o tempo, o tempo de quem já foi, mais nunca deixará de ser ferroviário. Independente se curto ou se longo, esse apito pausa, provoca um aguardo, aperta o peito, e quando termina, pronto. Os sujeitos do apito já lembraram quem são, o que fazem e o mais importante, que um dia, serão também, um longo apito.

Figura 28 - Alunos da EPFD com prédio do Almoxarifado ao fundo

Fonte: Grupo de Facebook Esplanada Este Lugar[22]

[21]A ferrovia mantém a sirene original da RMV ainda em funcionamento. Essa sirene provoca um apito em diversos horários do dia, marcando o horário de entrada e saída dos trabalhadores, porém, quando esse apito é longo, sinaliza, geralmente, o falecimento de um ferroviário.

[22]https://www.facebook.com/photo/?fbid=2371560539643885&set=gm.4023661337716251

## 7 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ARAUJO, Viviane Patrícia Colloca. O conceito de currículo oculto e a formação docente. Revista Estudos Aplicados em Educação. São Paulo, online, v. 3, n. 6, 2018, p. 29-40. DOI: https://doi.org/10.13037/rea-e.vol3n6.5341 Acesso em: 10 de jun. de 2023

AZEVEDO, Francisco Gontijo; AZEVEDO, Antônio Gontijo. Ed. Graphilivros Editores Ltda, 1988. Belo Horizonte-MG.

AZEVEDO, L. P. DE M. C.; PESSOA, L. S.; MEDEIROS NETA, O. M. DE. A hemeroteca digital brasileira: fontes e possibilidades para a pesquisa em História da Educação. Cenas Educacionais, v. 2, n. Espec, p. 39–55, 13 mar. 2020.Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/7361 Acesso em: 11 de abril de 2022

BARRETO, Lázaro. Memorial de Divinópolis: História do Município. Ed. Serfor Serviços Gráficos, 1992. Divinópolis-MG.

BARROS, G. C.; MENTA, E. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. Revista Eptic, Aracaju, v. 9, n. 1, s.p., 2011. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/217 Acesso em: 07/02/2022

BATISTA, Eraldo Leme. O IDORT e a Organização Racional do Trabalho no Brasil. X Seminário Nacional do HISTEDBR. Campinas – SP. Anais. 2016. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/1063-2826-1-pb.pdf Acesso em 30 de Ago. de 2023.

BATISTA, S. S. dos S., & CARVALHO, M. L. M. de .. (2015). Estudo Sobre os Cursos Ferroviários nos Anos de 1940 A 1960 a Partir de Revistas Ferroviárias. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.31.n.03. 143-167. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-4698120457 Acesso em 04 de Ago. 2023.

BATISTA, S. S. dos S., & CARVALHO, M. L. M. de. Estudo Sobre os Cursos Ferroviários nos Anos de 1940 a 1960 a Partir De Revistas Ferroviárias. Educação Em Revista, 2015. p. 143–167. https://doi.org/10.1590/0102-4698120457 Acesso em: 20 de Ago. 2023

BATISTA, Sueli Soares dos Santos e CARVALHO, Maria Lúcia Mendes de. Estudo sobre os cursos ferroviários nos anos de 1940 a 1960 a partir de revistas ferroviárias. Educação em Revista [on-line]. 2015, v. 31, n. 3 [Acessado 19 Março2022], pp. 143–167. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698120457>. Epub Jul-Sep 2015. ISSN 1982–6621. https://doi.org/10.1590/0102-4698120457.

BEAKLINI, Adriana Valentim. Da escola nas oficinas à oficina como escola: sujeitos, circulação e apropriação de modelos de educação profissional na Estrada de Ferro D. Pedro II (1882–1906). 2018. 256 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/10466 Acesso em: 11 fevereiro 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 1.238 de 2 de maio de 1939. Autoriza a remissão de débitos do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Disponível em: http://www2.camara.leg.br. Acesso em: 24 maio. 2021.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.238 de 2 de maio de 1939. Autoriza a remissão de débitos do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 2 mai. 1939. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1238.htm Acesso em: 17 Mar. 2023

BRASIL. PARECER CNE/CEB n.º 16 de 21 de janeiro de 1999. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília: 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/PCNE_CEB16_99.pdf Acesso em: 11/10/2021

CAIRES, Vanessa Guerra; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. Educação profissional brasileira: da colônia ao PNE 2014–2024. Editora Vozes Limitada, 2018.

CAMPOS, M. M. S. A expansão da rede federal de educação profissional, técnica e tecnológica no período 2003–2014: uma análise a partir da abordagem das capacitações. Economia e Desenvolvimento, [S. l.], v. 28, n. 2, 2017. DOI: 10.5902/1414650926166. Disponível em:https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/26166. Acesso em: 26 jan. 2022.

CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira, CORGOZINHO, Batistina

de Sousa [organizadores]. Divinópolis: História e Memória — volume 1: Origens e Religião. Belo Horizonte: Crisálida, 2015.

CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira, CORGOZINHO, Batistina de Sousa [organizadores]. Divinópolis: História e Memória - volume 1: Origens e Religião. Belo Horizonte: Crisálida, 2015.

CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira; CORGOZINHO, Batistina de Sousa [Organizadores]. Divinópolis: História e Memória. Vol. 3 Economia e Cultura. Belo Horizonte, MG: Crisálida Editora. 2015. 580 p..
CATROGA, Fernando. Memória, História e Historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. 100p

CENTRO FERROVIÁRIO DE ENSINO E SELEÇÃO PROFISSINAL. Correio Paulistano, São Paulo, nº 28155 de 12 de jun. de 1941. p 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/5541?pesq=%22Escola%20Profissional%22%20divinópolis Acesso: 17 Mar. 2023

CENTRO PROFISSIONAL DA RFFSA. CATAVENTO: Boletim Informativo da Prefeitura de Divinópolis, Divinópolis-MG, novembro de 1973. p 4. Disponível em: http://www.prefeituradivinopolis.com.br/acervos/jornalistico/Catavento%20-%20n.2%20-%20Nov.1973.pdf Acesso: 02 de Ago. 2023

CORGOZINHO, B. M. de S. Continuidade e ruptura nas linhas da modernidade: a passagem do tradicional ao moderno no centro-oeste de Minas Gerais. 2003. 361 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CORGOZINHO, B. M. de S. Continuidade e ruptura nas linhas da modernidade: a passagem do tradicional ao moderno no centro-oeste de Minas Gerais. 2003. 361 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Souza. Pelos caminhos da Maria Fumaça: o trabalhador ferroviário, formação e resistência pelo trabalho. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte UFMG, 1989. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/FAEC-873P9T Acesso em: 14/08/2021.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino profissional: o grande fracasso da ditadura. Cadernos de Pesquisa [online]. 2014, v. 44, n. 154 [Acessado 22 janeiro 2022], pp. 912–933. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053142913>. ISSN

1980–5314. https://doi.org/10.1590/198053142913.
currículo: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf Acesso em: 02 de Set. de 2023.

CURSO SUPERIOR DE LOCOMOÇÃO. Correio Paulistano, São Paulo, 1 de setembro de 1944. p 19. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/2986?pesq=cfesp Acesso: 24 Mar. 2023

DINIZ, C.C. Lucas Lopes, o visionário do desenvolvimento. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, jul./dez. 2008. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/RAPM07A122008_LucasLopesovisionariododesenvolvimentismo.pdf . Acesso em: 20 ago 2023.

DIVINÓPOLIS-JORNAL. Bruno Muffatti. Arquivo Público de Divinópolis. Divinópolis-MG. nº 201, 1946. p. 1.

DIVINÓPOLIS-JORNAL. Escola Profissional Ferroviária - Formatura. Arquivo Público de Divinópolis. Divinópolis-MG. nº 66, 1946. p. 1.

DIVINÓPOLIS-JORNAL. Escola Profissional Ferroviária. Arquivo Público de Divinópolis. Divinópolis-MG. nº 29, 1943. p. 1.

DIVINÓPOLIS-JORNAL. Escola Profissional Ferroviária. Arquivo Público de Divinópolis. Divinópolis-MG. nº 25, 1943. p. 1.

EUGENIA, Adriana et al. Engajamento dos maquinistas: os desafios de recrutar, desenvolver e reter para os negócios do segmento ferroviário. 2021. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Recursos Humanos) - Fundação Dom Cabral; Instituto de Transporte e Logística, São Paulo, 2021. Disponível em: http://repositorio.itl.org.br/jspui/handle/123456789/525 Acesso em: 30 de Ago. 2023

FERNANDES, J. R. O. Um Lugar na Escola para a História Local. Ensino em Revista, [S. l.], 2010. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7809. Acesso em: 3 maio. 2022.

FERREIRA NETO, Francisco. *Cento e Cinquenta Anos de Transportes no*

*Brasil.* Rio de Janeiro-RJ. Centro de Documentação e Publicações do Ministério dos Transportes, 1974. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=4oqGAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 19/05/2023

FERREIRA, Eliza Bartolozzi. "a CONTRARREFORMA DO ENSINO MÉDIO NO CONTEXTO DA NOVA ORDEM E Progresso". Educação & Sociedade 38 (139). 2017. Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cedes: 293–308. doi:10.1590/ES0101-73302017176594 Acesso em: 04/12/2023

FINGER, Anna Eliza. Um século de estradas de ferro: arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957. 2013. 465 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/15345 Acesso em: 11 Mar. 2022

FONSECA, Celso Suckow da. História do ensino industrial no Brasil. SENAI 5vols, 1986. Rio de Janeiro: SENAI.

FONSECA, Celso Suckow. História do Ensino Industrial no Brasil. Editora CEFET/RJ, 2009. CD-ROM

FONSECA, Celso Suckow. História do Ensino Industrial no Brasil. Editora CEFET/RJ, 2009. CD-ROM

FOSCHINI, A.; TADDEI, R. 2006. Conquiste a Rede: podcast. São Paulo. Disponível em:http://www.terra.com.br/informatica/pdfs/conquiste_a_rede_podcast.pdf. 2006. Acesso em: 25 de fevereiro 2022

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast na educação brasileira:natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. 2013. 338p. Tese (Doutorado em Educação) — Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14448. Acesso em: 24 Fev. 2022

GARCIA, J. R.; SANDANO, W. A ESCOLA PROFISSIONAL MIXTA DE SOROCABA: ASPECTOS SOBRE O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM (1929-1942). Quaestio - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/1041. Acesso em: 5 dez. 2023.

GATTI, G. C. do V.; GATTI JÚNIOR, D. As representações na imprensa de práticas cívico-patrióticas em instituições escolares de Minas Gerais (Brasil) na primeira metade do século XX. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 29–42, 2018. DOI: 10.20396/rho.v18i1.8651600. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8651600. Acesso em: 5 set. 2023.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p.143–275.

GONÇALVES, Irlen Antônio. Discursos dos presidentes de Minas Gerais sobre o trabalho e o trabalhador. EDUCA — REVISTA MULTIDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, v. 6, p. 99–113, 2019.Doi. https://doi.org/10.26568/2359-2087.2019.3241 Aceso em: 22/02/2022

GONÇALVES, Maria de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria. et al. (org.) Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007. 175–185.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de Lá mémoirecollective.

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. Comunicação & Educação, [S. l.], n. 27, p. 46–60, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316–9125.v0i27p46-60. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491. Acesso em: 16 Maio de 2022.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Ed. Unicamp, 1990. Campinas-SP.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion. O paradigma indiciário para análise de narrativas. Educar em Revista, [S.l.], abr. 2021. ISSN 1984–0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/74611>. Acesso em: 09 abr. 2022.

LUIZ, Eduardo Araújo. A institucionalização do ensino ferroviário em solo mineiro: 1937-1946. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 132. 2018. Disponível em: https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=2374534&key=9764ff7e348e

bf3e5546a8bcd0caadb2 Acesso em 17 Mar. 2023

LUIZ, Eduardo de Araújo. A institucionalização do ensino ferroviário em solo mineiro: 1937–1946. 2018. 139 f. Dissertação (mestrado) — Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Belo Horizonte, 2018.

LUSTOSA, W. E. A. de M.; SILVA, N. M. da G. de S.; NETA, O. M. de M. Corpo, disciplina e poder na Escola Industrial de Natal (1942-1968). Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 12, n. 19, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/16359. Acesso em: 5 set. 2023.

MAIA, Andréa Casa Nova. Encontros e Despedidas História de Ferrovias e Ferroviários de Minas. Belo Horizonte-MG: Argvmentvm. 2009.

MARTINS, Mônica de Souza Nunes. Corporações de ofícios versus liberdade de indústria: Adam Smith, José da Silva Lisboa e a extinção do aprendizado no Brasil e na Inglaterra. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História — História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23 Acesso em: 13 de setembro 2021

MEDEIROS NETA, O. M.; MANIÇOBA DE LIMA, E. L. M.; BARBOSA, J. K. da S. F.; NASCIMENTO, F. de L. S. ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: DA REFORMA CAPANEMA ÀS LEIS DE EQUIVALÊNCIA. HOLOS, [S. l.], v. 4, p. 223–235, 2018. DOI: 10.15628/holos.2018.6981. Disponível em:https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6981. Acesso em: 16 de janeiro 2022.

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. Revista de História, [S. l.], n. 155, p. 191–203, 2006. DOI: 10.11606/issn.2316–9141.v0i155p191-203. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041. Acesso em: 2 abr. 2022.

MINAS GERIAS. Rede Mineira de Viação. Relatório de 1943 apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Benedito Valadares Ribeiro Governador do Estado de Minas Gerais pelo Eng. Lincoln Moreira dos Santos Pena, Diretor. 1943. Disponível em: https://ia800503.us.archive.org/0/items/relatorioviacaominas1943/relatorioviaca

ominas1943.pdf Acesso em: 06 de Ago. 2023

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Indagações sobre

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e memória. Revista Cadernos do Ceom, v. 16, n. 17, p. 179–200, 2003. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2194 Acesso em: 25 de maio de 2022

NOSELHA, Paolo. BUFFA, Ester. Instituições escolares: por que e como pesquisar. Alínea. Campinas-SP. 2ª Ed. 2013

NOTÍCIAS DOS ESTADOS. Correio Paulistano, São Paulo, 18 de março de 1941. p 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/5541?pesq=%22Escola%20Profissional%22%20divinópolis Acesso: 17 Mar. 2023

NOTÍCIAS DOS ESTADOS. Correio Paulistano, São Paulo, 18 de março de 1941. p 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/5509?pesq=26.082 Acesso: 02 de Ago. 2023

O GOVERNADOR FEZ INAUGURAÇÕES. A Semana, Divinópolis-MG, 07 de junho de 198. p 1. Disponível em: http://www.prefeituradivinopolis.com.br/acervos/jornalistico/Semana%20A%20-%20n.22%20-%2007.06.1980.pdf Acesso: 02 de Ago. 2023

PAULA, Dilma Andrade de (2000). Fim de Linha. A extinção de ramais da Estrada de Ferro Leopoldina, 1955–1974. Niterói, RJ. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal Fluminense. Disponível em: https://doczz.es/doc/38121/fim-de-linha--a-extin%C3%A7%C3%A3o-de-ramais-da-estrada-de-ferro-le…Acesso em: 26 de Abril de 2022

PEDROSA, J. G. . A educação profissional brasileira dos anos 1920 aos 1950 na escrita de Francisco Montojos (1900–1981). História Revista, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 246–266, 2020. DOI: 10.5216/hr. v25i2.63332. Disponível em: https://revistas.ufg.br/historia/article/view/63332. Acesso em: 2 set. 2023.

PEDROSA, José Geraldo. A atuação de Robert Auguste Edmond Mange (1885–1955) na constituição e na instituição do novo ensino industrial brasileiro nos anos 1930 e 1940. Educação & Tecnologia, [S.l.], v. 19, n. 2, fev. 2015. ISSN 2317–7756. Disponível em:

<https://www.periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/612>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PEDROSA, José Geraldo. A atuação de Robert Auguste Edmond Mange (1885–1955) na constituição e na instituição do novo ensino industrial brasileiro nos anos 1930 e 1940. **Educação & Tecnologia**, [S.l.], v. 19, n. 2, fev. 2015. ISSN 2317-7756. Disponível em: <https://www.periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/612>. Acesso em: 15 mar. 2023

RAMOS, Marise. História e política da educação profissional. Paraná: Instituto Federal do Paraná, 2013.

RANGEL, Carlos Roberto. Estudo Comparativo da Educação Profissionalizante Entre os Ferroviários Gaúchos e Paulistas. In: *Revista de História Comparada* [Online], Volume 3 Número 1, 9 ago. 2012. ISSN 1981-383X. Acesso em: 10 de ago. 2023 Disponível em: http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/destaque/publicacoes/revista-de-historia-comparada

RELLSTAB, C. C. Marcelo Kischinhevsky — novas perspectivas para os estudos de podcast no Brasil. Revista Alterjor, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 171–174, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176–1507.v25i1p171-174. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/193344. Acesso em: 24 fev. 2022.

ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 240 p. Tradução: Nilson Moulin

SAVIANI, Demerval. (2008). INSTITUIÇÕES ESCOLARES: CONCEITO, HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PRÁTICAS. Cadernos De História Da Educação, 4. Recuperado de https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382

SCHWARTZMAN, Simon. Gustavo Capanema e a educação brasileira: uma interpretação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 66, n. 153, p. 165–72, 1985. Disponível em:http://www.schwartzman.org.br/simon/capanema_interpretacao.htm Acesso em: 23/11/2021

SILVA, Francisca Natália; LIMA, Erika Roberta Silva; SILVA, Lenina Lopes Soares. TRAJETÓRIA DO ENSINO MÉDIO E DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL. HOLOS, [S.l.], v. 3, p. 164–175, set. 2017. ISSN

1807–1600. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5753>. Acesso em: 14 jan. 2022. doi:https://doi.org/10.15628/holos.2017.5753.

SILVA, Juliana Franchi da.Mulheres por trás dos trilhos: história e oralidade sobre educação, trabalho e política nas famílias ferroviárias do RS. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013. 141 f. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6245 Acesso em: 20 de Ago. de 2023

VALDEMARIN, V. T.. Ensino da leitura no método intuitivo: as palavras como unidade de compreensão e sentido. Educar em Revista, n. 18, p. 157–182, jul. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/h8fSXgbWnbMQXfsnfZP8Zqv/abstract/?lang=pt# Acesso em: 23 de Jul. de 2023

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Ancorando quadros de formatura na história institucional. Anais da 28ª Reunião Nacional da ANPEd. GT2-História da Educação. 2005. p. 2. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-322-int_ok.pdf Acesso em: 10 de Ago. 2023

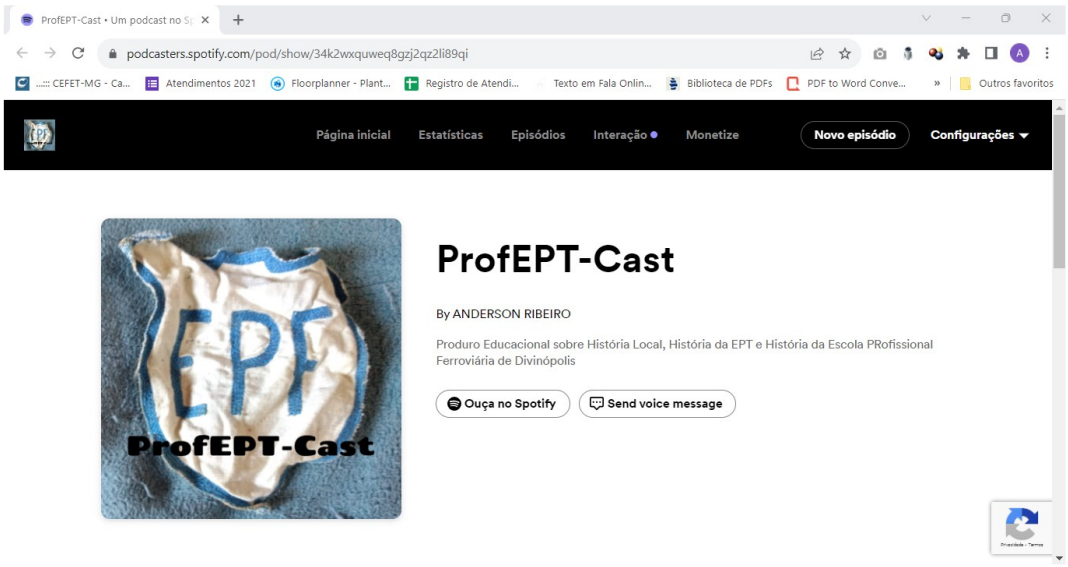
ZANATA, Marisa (Org.). De homens e máquinas: Roberto Mange e a formação profissional. São Paulo: Senai, 1999.

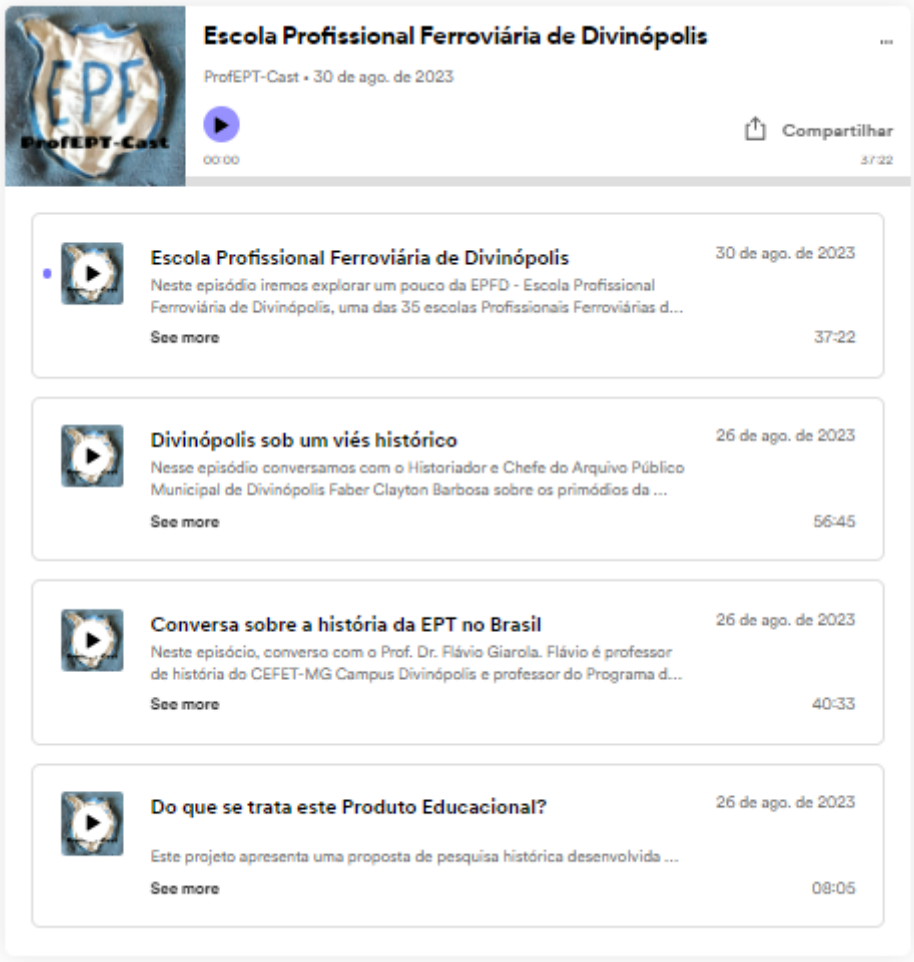
ZUCCHI, Bianca Barbagallo. A Criação da Escola de Ferroviários da Companhia Sorocabana. Histórica: revista online do Arquivo Público de São Paulo. São Paulo. Ano 1, v. 4, p. 7-12, ago. 2005. ISSN 1808-6284 Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/publicacoes/revistas/historica04.pdf#page=07 Acesso: 10 de ago. 2023.

# 8. APÊNDICE A — PRODUTO EDUCACIONAL

Plataforma de acesso ao produto educacional:

https://podcasters.spotify.com/pod/show/34k2wxquweq8gzj2qz2li89qi



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
PROFEPT-CAST
Produto Educacional doTipo Podcast
Mestrado Profissional - PROFEPT
Mestrando: Anderson Ribeiro
Orientador: Prof. Dr. Flávio Giarola
CEFET-MG

# Apresentação

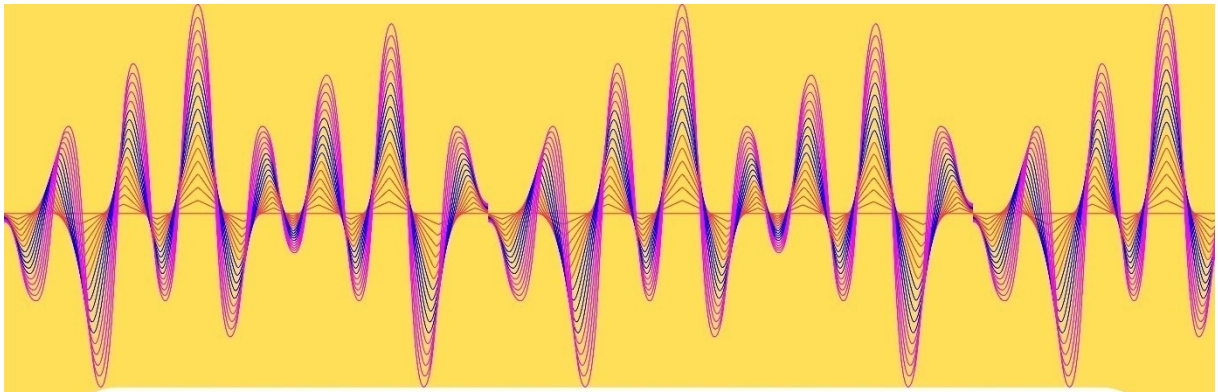
Este produto é oriundo de uma pesquisa histórica desenvolvida no ProfEPT/CEFET-MG, na linha de pesquisa 2, Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica . Foi feito um estudo histórico sobre a educação profissional em Divinópolis, uma cidade situada na região centro-oeste do estado de Minas Gerais, e teve como foco a Escola Profissional Ferroviária de Divinópolis — EPFD, fundada pela Rede Mineira de Viação — RMV em 1941 encerrou suas atividades em 1972. Este produto objetiva ampliar a visualização da pesquisa pora professores e estudantes.

# O que é um PodCASt?

PodCast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod — aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor. (Barros, 2011, p.2)

.

Os Podcasts são, em suma, arquivos de áudio disponibilizados em plataformas específicas, via internet, para divulgação de entrevistas, músicas, aulas, dentre outros. Com intuito voltado para a inclusão dos deficientes auditivos, esses arquivos também podem conter as imagens da gravação, com a possibilidade de serem legendados e disponibilizados em plataformas on-line especializadas em divulgação audiovisual.



No Brasil, segundo Luiz & Assis (2010, p. 3), a primeira produção em podcast ocorreu em outubro de 2005, na forma do já descontinuado Digital Minds, de Danilo Medeiros. Nos meses seguintes, ocorreu o crescimento gradual da cena, através de produções como o “podcast do Gui Leite”, “Perhappiness”, de Rodrigo Stulzer — ambos atualmente descontinuados — e “Código Livre” de Ricardo Macari, que acabaram por inspirar um maior número de podcasters a realizarem suas produções. Em razão disso, ocorreram posteriormente eventos de importância fundamental para o podcast no Brasil. Ainda em 2005, realizou-se a primeira Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), na qual foi fundada a Associação Brasileira de Podcast (ABPod). (Freire, 2013, p. 64) .

As universidades de Harvard e Stanford estão entre as pioneiras a usar podcasts como ferramenta educacional. Governos adotaram o podcast como uma forma de divulgar discursos, fazer campanha, prestar contas, estreitar o relacionamento com o eleitor. No Brasil, a Prefeitura de São Paulo foi uma das primeiras a usar o novo meio. O presidente dos Estados Unidos George W. Bush fechou 2005 com podcasts. (Foschini e Taddei, 2006, p.12)

Segundo a PodPesquisa22, pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcast (ABPOD)23 em 2019, o assunto mais ouvido no Brasil por meio desta mídia está vinculado à Cultura Pop (10.840 votos). Em segundo lugar, assuntos relacionados ao humor e à comédia (8.878 votos) e em terceiro, assuntos de divulgação científica (8.734 votos), seguido, em quarto lugar, por podcasts que divulgam a História (7.961 votos). O último colocado, em 58º lugar, são episódios voltados para histórias infantis (264 votos). Esses dados mostram que o Podcast é uma importante ferramenta de divulgação científica, sobretudo em História.

# A Construção do PodCASt?

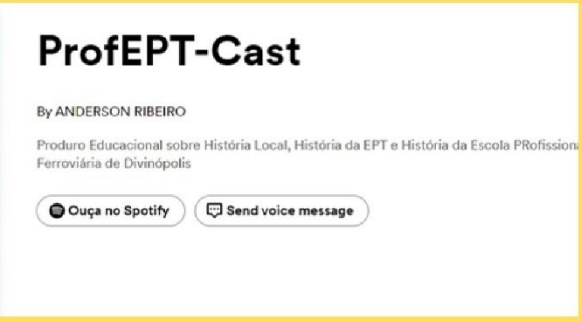
Existem muitos materiais e maneiras diferentes para construir seu podcast. Aqui vamos te dar algumas sugestões:

https://www.youtube.com/watch?v=WqXIEB1Im-0

https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25599/2/podcastformacaocontinuadaciencias_produto.pdf

# Os Episódios do EptCast

O ProfEpt Cast foi inicialmente pensado com 4 episódios e foram alocados na plataforma Spotify Cast. O Link de acesso à página do produto educacional é https://podcasters.spotify.com/pod/show/34k2wxquweq8gzj2qz2li89qi




SCAN ME

# Episódio #01

O nome do primeiro episódio é: “Do que se trata este Produto Educacional”. Com o tempo total de oito minutos, objetivou apresentar o Programa de Pós-Graduação PROFEPT, explicar a lógica do mestrado profissional e o Produto Educacional e por fim apresentar o objeto de estudo desta pesquisa.

# Episódio #02

O segundo episódio, foi nomeado de “Conversa sobra a História da EPT no Brasil”. Ele foi construído no formato de entrevista e teve como objetivo a discussão sobre a história da Educação Profissional no Brasil. Este conteúdo foi pensado como uma maneira de ampliar o conhecimento e o debate sobre essa temática. O entrevistado foi o Prof. Dr. Flávio Giarola que leciona história no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais no campus Divinópolis-MG e também no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - PROFEPT.

# Episódio #03

O terceiro episódio, recebeu o título de “Divinópolis sob um viés histórico”. Também feito em formato de entrevista, teve como temática a discussão sobre a história local do município de Divinópolis-MG e a conexão dessa história com a ferrovia. O entrevistado foi o Prof. Fáber Barbosa, que trabalha no arquivo público da cidade de Divinópolis-MG.

# Episódio #04

O terceiro episódio, recebeu o título de “Divinópolis sob um viés histórico”. Também feito em formato de entrevista, teve como temática a discussão sobre a história local do município de Divinópolis-MG e a conexão dessa história com a ferrovia. O entrevistado foi o Prof. Fáber Barbosa, que trabalha no arquivo público da cidade de Divinópolis-MG.

# Considerações Finais

Este produto foi desenvolvido para ser utilizado tanto na EPT como em qualquer escola da municipalidade. O objetivo principal foi oferecer aos professores de história, conteúdos sobre a História Local de Divinópolis e sobre a história da EPT na cidade, um material alternativo aos livros didáticos, que também pudesse ser utilizado em sala de aula como fonte de pesquisa para trabalhos que discutam as origens da municipalidade. Acreditamos que proporcionar ao estudante, seja da educação profissional e tecnológica ou da educação propedêutica, a possibilidade de refletir sobre a trajetória da educação voltada para o mundo do trabalho, pode proporcionar reflexões sobre seu papel na sociedade.

# Referências

BARROS, G. C.; MENTA, E. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. Revista Eptic, Aracaju, v. 9, n. 1, s.p., 2011. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/217 Acesso em: 07/02/2022

FOSCHINI, A.; TADDEI, R. 2006. Conquiste a Rede: podcast. São Paulo. Disponível em:http://www.terra.com.br/informatica/pdfs/conquiste_a_rede_podcast.pdf. 2006. Acesso em: 25 de fevereiro 2022

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast na educação brasileira:natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. 2013. 338p. Tese (Doutorado em Educação) — Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14448. Acesso em: 24 Fev. 2022 to.pdf

# 9 APÊNDICE B — RELAÇÃO DE ALUNOS FORMANDOAS NA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA DE DIVINÓPOLIS – MG (1941-1972)

**Turma de 1943**

1. Alfenor de Oliveira Dâmaso
2. Antônio Rodrigues Ferreira
3. Astor Fernandes
4. Carlos Alves Cordeiro
5. Euclides Carneiro
6. Francisco Assis de Oliveira Roxo
7. Francisco Carvalho Melo
8. Gipson Vasconcelos
9. Guilherme Sanches
10. Helí José da Silva
11. Horácio Maia
12. José Deusdete de Castro
13. José Joaquim Elói
14. Manoel Valério
15. Raul Nunes Claro
16. Reinaldo Izolani
17. Walter Torres

**Turma de 1944**

1. Antônio de Oliveira Gil
2. Antonio José Teixeira
3. Geraldo Orsini Campos
4. Hélio Teixeira Pires
5. Ivan Rodrigues de Oliveira
6. João Batista dos Santos
7. João Costa
8. José Amorim da Costa
9. José Domingos dos Santos
10. José Inácio Machado
11. José Morato da Fonseca
12. José Pereira Chula
13. José Vicente Sotero
14. Mauricio Frankilin de Souza
15. Milton Pena
16. Oscar Pena de Abreu
17. Osvaldo Jesuíno Filho
18. Raimundo José Teixeira
19. Rodolfo Izolani
20. Sebastião Hamilton Xavier
21. Sebastião Justiniano de Figueiredo
22. Walter Faria
23. Welington Resende

**Turma de 1945**

1. Antônio Alves de Oliveira
2. Antonio Carvalho Torres Filho
3. Antônio Ferreira Valério
4. Dimas Silva
5. Edson Gomes de Sousa
6. José Loureiro dos Santos
7. José Olinto
8. Luiz Lara
9. Manoel de Sousa Ribeiro
10. Manoel Messias Barbosa
11. Max Batista dos Santos
12. Raimundo Geraldo Dias
13. Waldemar Betoni
14. Wilson Machado

**Turma de 1946**

1. Antônio Carvalho de Melo
2. Antônio Ferreira de Castro
3. Faustino Pires de Morais
4. Jair de Barros
5. Joaquim Elói Filho
6. José Antônio da Silva Filho
7. José Raimundo Romão
8. José Vitor da Fonseca
9. Raimundo Antônio Manoel
10. Raimundo Queiróz

**Turma de 1947**

1. Adair Xavier Dias
2. Anízio Bráz dos Santos
3. Antônio Dias Junior
4. Ariovaldo Pires
5. Domingos Pires
6. Gilberto Gonçalves Cota
7. Heleno Santana
8. Hiran Pena de Abreu
9. Jairo Antônio de Paula
10. José Ferreira da Silva
11. Mário Canuto Laudares

**Turma de 1948**

1. Ahilton Batista dos Santos
2. Antônio de Pádua
3. Areli Torres Morato
4. Aristóteles Felipe Santiago
5. Bernardino Alves Cordeiro
6. Ivo Rocha Dohler
7. João Soares
8. José Ferreira Capistrano
9. José Lino Dias Filho
10. Moacir Sotero
11. Odilon Guimarães
12. Paulo Fausto dos Santos
13. Paulo Morato da Fonseca
14. Wagner Nogueira de Carvalho
15. Waldemar José da Fonseca

**Turma de 1949**

1. Ambrósio Marciano
2. Antonio Maia Guimarães
3. Antonio Sanches
4. Djalma Pereira da Fonseca
5. Duílio Torres
6. Generoso Ferreira Dâmaso
7. José Gabriel da Costa
8. José Regino Filho
9. José Valério
10. Rafael das Mercês Santos
11. Raimundo Rodrigues
12. Urias Justiniano de Figueiredo

**Turma de 1950**

1. Ageo Pena da Fonseca
2. Ari Alvarenga
3. Austen Félix da Silva
4. Carlos Magno
5. Edson Resende
6. Gilberto Pereira Mendes
7. Helio da Costa Neto
8. Henrique Soares dos Santos
9. Jair Ferreira Fraga
10. José de Oliveira
11. Luiz da Cunha Curi
12. Oscar Leolpoldino
13. Pascoalino Delareti
14. Paulo de Tarso
15. Sílvio Novais dos Santos
16. Uilson de Oliveira

**Turma de 1951**

1. Alvimar Sanches de Magalhães
2. Antonio Correa de Sousa
3. Antonio de Castro Filho
4. Antonio Ferreira Dâmaso
5. Arnaldo Costa
6. Carlos Sanches
7. Dirceu García Leão
8. Expedito Rodrigues de Oliveira
9. Francisco Furtado de Oliveira
10. Gaspar Rodrigues de Souza
11. Gentil José dos Santos
12. Hilton Torres
13. José de Páscoa Machado
14. José Mateus da Cruz
15. Jurací de Freitas Lemos
16. Lázaro Regino da Silva
17. Lourival Pereira
18. Moacir Carlos Ferreira
19. Tito Ferreira
20. Wilson Martins da Cunha

**Turma de 1952**

1. Aloísio Domingos da Silva
2. Antonio de Assis Jorge
3. Antonio L. Cerqueira
4. Antonio Nogueira de Oliveira
5. Avilmar de Sousa Lima
6. Benedito de Oliveira
7. Célio Mendes
8. Gentil Silva
9. José Ferreira de Godoy
10. José Siqueira
11. Mário Silva
12. Niles Celso Prata
13. Olinto de Assunção Araújo
14. Raimundo Valério

**Turma de 1953**

1. Adolfo Pedro Neto
2. Alcir Vicente Franklin
3. Antonio Alves Marques
4. Antonio Nunes Sirqueira
5. Antonio Policarpo
6. Edson Fernandes Ribeiro
7. Expedito Moreira de Sousa
8. Hilton da Silva Guimarães
9. Ivan Fernandes Daldegan
10. Jair Felix da Silva
11. José Elias Sobrinho
12. José Luiz de Freitas
13. José Pires Filho
14. Osmar de Sousa
15. Osmar Fausto dos Santos
16. Otacilio de Carvalho Torres
17. Wagner da Silva Lopes

**Turma de 1954**

1. Alan Franklin
2. Alencar Batista de Carvalho
3. Almir Ribeiro Dias
4. Antonio Ferreira Filho
5. Ari Bernardes Campos
6. Carlos Aparecido Esteves
7. Francisco Onesio da Silva
8. Geraldo Costa
9. Geraldo José da Fonseca
10. Geraldo Silva
11. Ivan Honorato Firmino Dias
12. Jesus Costa
13. José Côrtes Filho
14. José João de Souza
15. José Zica da Silva
16. Mauro Adolfo de Sá
17. Norberto José de Araújo
18. Olavo Furtado de Oliveira
19. Osvaldo F. Costa
20. Paulino Augusto Maia
21. Rinaldo Silva
22. Romeu Pereira
23. Sebastião Flor Xavier
24. Soylla Neves
25. Walter Amaral
26. Willer Miranda Pinto

**Turma de 1955**

1. Antonio Cortez da Fonseca
2. Antonio da Cruz Neto
3. Antonio de Vasconcelos Maia
4. Antonio Frederico Filho
5. Antonio Hipólito Dias
6. Antonio Madureira
7. Darci José da Fonseca
8. Fernando José de Aquino
9. Geraldo Lucio de Oliveira
10. João dos Santos Filho
11. José Luiz da Silva
12. Marco Antonio Marques
13. Onofre Vieira da Silva
14. Sílvio Bessa da Silva
15. Walter Barbosa

**Turma de 1956**

1. Abelson Pires
2. Alberto AilzioColen
3. Altair Ribeiro
4. Antonio Martins Filho
5. Antonio Vicente de Sousa
6. Arilton Antonio
7. Auroro do Carmo
8. Divino Francisco da Costa
9. Domingos José Fortes
10. Jair da Silva
11. Jair Rodrigues de Abreu
12. Jesus Ferreira Lopes
13. João Gomides
14. José de Arimateia Reis

15.José Marcos Costa
16.Leonardo Gaio
17.Manoel de Souza Rocha
18.Mário José Giani
19.Nelson Barbosa da Cruz
20.Osni Lopes Ferreira
21.Paulo Soares Mesquita
22.Vicente de Oliveira
23.Waldir de Assunção Menezes

**Turma de 1957**

1. Adilson de Lisboa de Paula
2. Antenor Laudares
3. Antonio Airton do Amaral
4. Antonio de Paula Sousa
5. Antonio Ferreira
6. Augusto Paiva
7. Benedito AngeloLorieri
8. Geraldo Ferreira da Silva
9. Joaquim do Nascimento Costa
10. Joaquim Estevam Filho
11. Luis José Elói
12. Miguel Ribeiro
13. PergentinoCiriaco da Costa
14. Saulo Pires

**Turma de 1958**

1. Álvaro Torres de Carvalho
2. Amires Miranda
3. Eduardo Ferreira da Silva
4. Elizeu Batista
5. Joazel José Vieira
6. José Otaviano Barreto
7. Laércio Celestino de Almeida
8. Lucio de Oliveira
9. Luziario Pinto de Andrade
10. Paulino Marques
11. Paulo Vasconcelos Maia

**Turma de 1959**

1. Antonio Heleno Cordeiro
2. Antonio Luiz de Oliveira
3. Antonio Xavier da Silva
4. César Cardoso
5. Geraldo Vicente de Sousa
6. Jesus Gontijo Filho
7. José Isabel dos Santos
8. Laurindo de Jesus Solva
9. Luiz José Pereira
10. Mauricio Viriato Paulino
11. Mauro Resende
12. Roberto Lara Pereira
13. Romeu Márcio dos Santos
14. Severino Guido Carvalho de Melo

**Turma de 1960**

1. Antonio Eugenio de Oliveira
2. Antonio Fernandes de Azevedo
3. Arilton Silva
4. Carlos Alberto Madureira
5. Enites Mendes
6. José Cristovam de Araújo
7. José Francisco Sobrinho
8. Márcio Augusto Cândido
9. Neri Ribeiro da Silva
10. Orlandino Cortez de Castro
11. Orlando Brás
12. Orlando Neves

**Turma de 1961**

1. Benedito Alves dos Santos
2. Carlos Ribeiro da Cunha
3. Daniel Henrique Caetano
4. Hélio Pereira de Abreu
5. Heraldo Rangel
6. Itamar Pires de Araújo
7. João Martins Alves
8. José Maria de Faria
9. José Nunes Filho
10. José Viriato dos Santos
11. Jovino dos Santos
12. Raul Alves Filho
13. Rinaldo Francisco Pereira
14. Valdir de Sousa

**Turma de 1962**

1. Ademir Domingues Silva
2. Antonio Lúcio Gontijo
3. Antonio Roberto Resende
4. Gaspar Ferreira da Cruz
5. Gilberto Zanoli
6. Jorge Soares Barbosa da Cunha
7. José Fonseca
8. José Mauro da Silva
9. Lenine de Morais Santos
10. Mário Lara Campos
11. Orlando Zanoli
12. Rui Barbosa
13. Sebastião Camargos
14. Sebastião Lázaro
15. Vitor Alves Moreira
16. Wilson Novais dos Santos

**Turma de 1963**

1. AntonioCadavid
2. Antonio Gualberto de Oliveira
3. Antonio Lucio Carazza
4. Antonio Machado
5. Antonio Maria Simões
6. Arilton dos Santos Costa
7. Augusto de Oliveira Santana
8. Celio Nunes da Silva
9. Edelbrando Malaquias da Silva
10. Fernando Cândido de Faria
11. Francisco Pereira da Silva
12. Geraldo Eugênio de Oliveira
13. Irineu Gonçalves Mascarenhas
14. Jair Ferreira dos Santos
15. José Maria da Silva
16. Mauro Simões dos Santos
17. NatorioAntonio de Araújo

18.Orlando Eustáquio Simões
19.Orlando Ferreira Mendonça
20.Raimundo Carola Filho
21.Valdir da Conceição

**Turma de 1964**

1. Antonio Eustáquio Laudares
2. Antonio Olímpio dos Santos
3. Célio Eufrásio de Oliveira
4. Daniel Sbampato Pereira
5. Geraldo Marco Antonio Teixeira
6. Gersi de Oliveira
7. Hamilton Moreira Maia
8. João Henrique da Silva
9. José Alves Vieira
10. José de Souza Santos
11. José Luiz da Silva
12. Leoni Lopes Pereira
13. Marco Antonio Martins
14. Múcio Aroldo Ferreira
15. Olinto Ferreira da Silva
16. Paulo dos Santos
17. Renan Rocha
18. Sebastião Flavino de Paula
19. Vitor Carlos Cortez

**Turma de 1965**

1. Ailton Miranda Pinto
2. Amilton Lafaiete da Silva
3. Antonio Carlos de Oliveira
4. Antonio Mauro dos Santos
5. Cassimiro Brás Filho
6. Dauler Ferreira da Silva
7. Geraldo Rodrigues Deodato
8. Hélio Carlos de Medeiros
9. Jeferson de Sousa Carvalho
10. João dos Reis Dias
11. Jorge Gonçalves Corgozinho
12. José Aquino de Faria
13. Luiz Carlos da Silva
14. Luiz Carlos Pinto
15. Maurício Silveira
16. Mauro dos Santos Dâmaso
17. Sálvio de Oliveira Santos
18. Sílvio Miranda Pinto
19. Vantuir Ribeiro
20. Wagner Conceição Novais
21. Walter de Sousa

**Turma de 1966**

1. Adilson Lúcio da Cruz
2. Antonio de Pádua Avelar
3. Antonio José de Oliveira
4. Antonio Rosa Filho
5. Engel de Morais Santos
6. Fábio Nunes
7. Fausto de Carvalho Santos
8. Francisco Teles da Fonseca
9. Gilson Novais
10. Jadir Gomes Viana
11. José Matia Tomaz
12. José Miranda Filho
13. José Resende do Nascimento
14. Luciano Queiroga
15. Mário Joaquim Dutra
16. Sebastião Honório Filho

**Turma de 1967**

1. Adelson José Monteiro
2. Ademir de Oliveira Silva
3. Antonio Carlos de Oliveira
4. Antonio Marcos Curi
5. Antonio Simoes Filho
6. Bruno de Morais Sutana
7. Expedito Eustáquio de Oliveira
8. Francisco José Cortez
9. Gerson Forastieri
10. GualfrealoCarlack Filho
11. Hebert Rodrigues Pereira
12. Hélcio Lair da Silva
13. Inácio Teixeira da Silva
14. João Leite Nunes
15. José Adilson Martins Vieira
16. José Aleir Rodrigues
17. José Fernandes Neves
18. Luiz Pereira Alves
19. Márcio dos Santos Dâmaso
20. Marcos Pereira dos Santos
21. Mauricio de Andrade
22. Nilson José Braga
23. Osvaldo Torquato de Souza
24. Rinaldo Rocha
25. Roberto Carneiro
26. Roberto Rocha
27. William Marques de Carvalho

**Turma de 1968**

1. Eduardo da Silva Zica
2. EuripedesBalsanulfo Dias
3. Gabriel Campos de Oliveira
4. João Fidélis Filho
5. José Carlos Ferreira
6. Marcos Pereira dos Santos
7. Nilson Angelo
8. Paulo Nunes Guimarães
9. Pedro Paulo Leal de Carvalho
10. Reinaldo Antonio Pereira
11. Rubens Lara Pereira
12. Valter Alves da Silva

**Turma de 1969**

1. Adelson José Monteiro
2. Ciro José Belmiro
3. Dejair Rosa dos Santos
4. Dirceu José dos Santos
5. Estelio de Moraes Sutana
6. Fábio Amaral de Oliveira
7. José Antonio Alves
8. Márcio Aurélio Ferreira
9. Sebastião Eustáquio Rogério

**Turma de 1970**

1. Agostinho Alves Filho
2. Amilton dos Santos
3. Antonio Amaral de Oliveira

4. Antonio Felício Borges
5. Dilson Alves Felício
6. Filadelfo Botinha Filho
7. Geraldo Herculano dos Santos
8. João Batista Clementino
9. José Ademir Pires
10. Marco Antonio dos Santos
11. Paulo Roberto Betoni
12. Rubens Manoel Maia Duarte
13. Valdir José dos Santos
14. Valter Rodrigues Pereira

**Turma de 1971**

1. Antonio Florentino Filho
2. Carlos Roberto Alves de Faria
3. Clarismundo Rodrigues Filho
4. Divino Leres Corgozinho
5. Enilton Simões de Moura
6. Expedito Soares dos Santos
7. Francisco Antonio de Figueiredo
8. Francisco José dos Santos
9. Hélio Antonio de Brito
10. Hélio Ribeiro Filho
11. Jáber de Paula
12. Jadimir Gomes Viana
13. José Eustáquio Pinheiro
14. José Maria Carazza
15. José Pinto de Oliveira
16. José Raimundo da Silva
17. Júlio Cesar Parreira Soares
18. Levi Eustáquio da Costa
19. LourivandoAntonio Costa
20. Luiz de Oliveira
21. Marco Antonio Mendes
22. Maurício José de Carvalho
23. Nelson Angelo
24. Samuel Gomes
25. Sebastião Corgozinho Filho
26. Sebastião Machado Ribeiro

**Turma de 1972**

1. Adilson de Souza
2. Anselmo José de Queiróz
3. Antonio Félix de Andrade
4. Carlos Antonio dos Santos
5. Getúlio Ramos Ferreira
6. Jader Soares Bernardes
7. Jair Viriato Dias
8. Marcelo Pena dos Santos
9. Maurício Madureira
10. Mauro Fernandes
11. Mauro Pailino de Elias
12. Raimundo Antonio de Carvalho
13. Ronaldo D'Alessandro Alvarenga
14. Ronaldo Francisco Pacheco
15. Sandro Morais Santos
16. Wantuir Pedro da Silva